

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
ESCOLA DA INDÚSTRIA CRIATIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

DOUTORADO

CAROLINE CASALI

**CIRCULAÇÃO DE SABERES SOBRE JORNALISMO
NA SOCIEDADE EM MUDIATIZAÇÃO**

SÃO LEOPOLDO
2014

Caroline Casali

CIRCULAÇÃO DE SABERES SOBRE JORNALISMO NA SOCIEDADE EM
MIDIATIZAÇÃO

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Comunicação,
pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Área de Concentração: Processos Midiáticos

Orientador: José Luiz Braga

SÃO LEOPOLDO
2014

Ficha Catalográfica

C334c Casali, Caroline.

Circulação de saberes sobre jornalismo na sociedade em
mídia/tização / por Caroline Casali. – 2014.

155 f. : il. ; 30cm.

“Orientação: Prof. Dr. José Luiz Warren Jardim Gomes Braga,
Ciências da Comunicação”.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São
Leopoldo, RS, 2014.

1. Comunicação de massa e tecnologia. 2. Comunicação digital.
3. Mídia/tização. 4. Fluxos comunicacionais. 5. Práticas
jornalísticas. I. Braga, José Luiz Warren Jardim Gomes. II.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. III. Título.

CDU 659.3:004.738.5

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Camila Quaresma Martins - CRB 10/1790

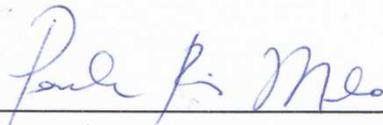
CAROLINE CASALI

“CIRCULAÇÃO DE SABERES SOBRE JORNALISMO NA SOCIEDADE EM
MIDIATIZAÇÃO”

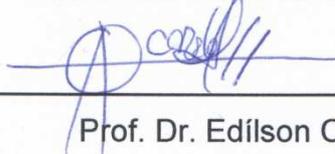
Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovada em 25 de agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA



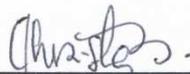
Profa. Dra. Paula Reis Melo – UFPE



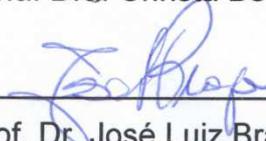
Prof. Dr. Edílson Cazeloto – FCL



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



Profa. Dra. Christa Berger – UNISINOS



Prof. Dr. José Luiz Braga – UNISINOS

Dedico esta tese ao meu filho, Guilherme, por sua companhia no caminho que me trouxe até aqui, e na esperança de que o meu doutoramento sirva-lhe como estímulo à superação de algumas ignorâncias e aquisição de tantas outras - porque nisso consiste a sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu Professor Orientador, Doutor José Luiz Braga, por entender minhas ansiedades, respeitar meu tempo de amadurecimento sobre o problema de pesquisa, e por olhar para cada versão do trabalho com dedicação e generosidade.

À Professora Doutora Márcia Franz Amaral, agradeço especialmente por permitir que eu olhasse para sua página pessoal no Facebook como objeto de pesquisa, sem restrições.

Lembrando que “todo saber começa nos sentimentos”, agradeço ao meu esposo, Leandro, e ao meu filho, Guilherme, pela compreensão da importância desse trabalho e pelo amor que torna os meus dias mais profícuos.

Agradeço, ainda, aos meus pais, Mario e Rose, e aos meus irmãos, Carlos e André, por serem meus principais incentivadores, meus exemplos de vida, e a fortaleza sobre a qual me amparo em momentos difíceis.

À minha turma de Doutorado, agradeço pelos momentos de trocas e por todas as dúvidas suscitadas, ainda nos idos de 2011.

Agradeço as minhas amigas-colegas, Cláudia e Janaína, pelo estímulo à produção acadêmica, pela parceria de sempre e pela torcida incondicional; e às minhas amigas-parceiras, Camila e Carina, por ampararem minhas viagens de estudo, cuidando de minha casa e do Guilherme.

Agradeço também às Professoras Doutoras Márcia Benetti, Maria Berenice Machado, Raquel Recuero e Cláudia Peixoto de Moura por responderem prontamente ao meu pedido de participação no estudo, por ocasião de um primeiro problema de pesquisa não concretizado.

E, por fim, agradeço ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – campus de Frederico Westphalen, pela aprovação de meu afastamento para realização do Doutorado.

“Os conceitos sublunares são perpetuamente falsos porque são fluidos e são fluidos porque o seu próprio objeto se move sem cessar”. (...) “Ora, as coisas mudam muito mais depressa do que as palavras”.

(PAUL VEYNE, 2008 p.153-155).

RESUMO

Essa tese busca elaborar o fenômeno da circulação de saberes sobre Jornalismo na sociedade em midiatização, especialmente no que concerne à compreensão de articulações entre circuitos estabelecidos e fluxos comunicacionais mais tentativos de prática e crítica jornalística. Para tanto, são observadas experiências de práticas jornalísticas (produção de blogs e sites por amadores e apropriação de notícias em redes sociais) e experiências de críticas jornalísticas (circulação de textos acadêmicos e de especialistas em Jornalismo na Internet). A partir da análise desses casos, que são observados tão somente em suas características que servem ao fenômeno, busca-se apreender a relação (afetações, promessas e expectativas) entre circuitos e fluxos comunicacionais de prática e crítica jornalística na sociedade em midiatização. Os referenciais teóricos que tensionam esses observáveis derivam de perspectivas da midiatização desenvolvidas especialmente por Braga (2006; 2012a; 2014). Quanto à prática jornalística, essa tese produz inferências sobre a capacidade que os amadores têm em dominar lógicas midiáticas e criar seus próprios espaços de produção de sentidos e narrativas sobre o mundo, à parte de, mas também em relação, aos grandes meios de comunicação de massa. Acerca da crítica jornalística, as inferências produzidas revelam um cenário em que os circuitos acadêmicos já estabelecidos se fecham entre os próprios pesquisadores, enquanto que fluxos comunicacionais de crítica sobre a produção dos meios de comunicação são exercidos, ainda de maneira dispersa e tentativa, via redes sociais. Em ambos os eixos de análise – de prática e crítica jornalística – verifica-se, sobretudo, que saberes em Jornalismo circulam na sociedade em midiatização, independente da atuação de circuitos acadêmicos ou profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Circuitos; Fluxos Comunicacionais; Práticas Jornalísticas; Críticas Jornalísticas; Pensamento em Comunicação.

ABSTRACT

This thesis seeks to elaborate the phenomenon of circulation of knowledges about Journalism in the mediatization of society, especially as regards the understanding of linkages between established circuits and communicational flows more tentatives of practice and criticism journalistic. To this end, experiments of journalistic practices (production of blogs and sites by amateur and appropriation of news in social networks) and the experiences of journalistic criticism (circulation of academic texts and experts in Journalism on the Internet) are observed. From the analysis of these cases, that are observed only in its features that it work to the phenomenon, we seek to apprehend relations (affectations, promises and expectations) between circuits and communicational flows of practice and criticism journalistic in the mediatization of society. The theoretical frameworks that work these observables are mediatization's perspectives specially developed by Braga (2006, 2012a, 2014). As for journalistic practice, this thesis produces inferences about the ability of amateurs to dominate media logics and create their own spaces of production of meanings and narratives about the world, apart from, but also in relation to major media. About journalistic criticism, the inferences produced reveal a scenario in which academics circuits established are closed between the researchers themselves, while communicational flows of criticism about the production of the major media are exercised, in a dispersed and attempt manner, in the networks social. In both lines of analysis - of the practical and the criticism journalistic - we can saw that knowledges about the Journalism are circulating in the mediatization of society, regardless of the performance of academic or professional circuits.

KEY-WORDS: Circuits; Communicational Flows; Journalistic Practicals; Journalistic Criticisms; Knowledge in Communication.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Mapa conceitual da Circulação em dispersão, fluxos e circuitos.	21
Figura 2: Página inicial do site De Tudo na Net.....	58
Figura 3: Página de editorial do site De Tudo na Net.....	59
Figura 4: Postagem de Eduardo Guimarães em sua página pessoal no Twitter.....	62
Figura 5: Parte da matéria de Rami Alhames no Portal Global Voices	64
Figura 6: Infográfico apresentado por Rami Alhames em sua matéria no Global Voices.....	65
Figura 7: Página inicial de Coberturas Especiais no Global Voices.....	66
Figura 8: Primeiro texto publicado no Global Voices sobre o Marco Civil da Internet.	67
Figura 9: Primeiro vídeo exibido na Globo News sobre a tragédia na Boate Kiss.	72
Figura 10: Matéria publicada no Extra sobre ameaça de pai de vítimas ao dono da Kiss.	74
Figura 11: Postagem da Gaúcha SM sobre sinalizadores, em sua página no Facebook.	76
Figura 12: Seleção de três comentários sobre a postagem da Gaúcha SM.	78
Figura 13: Postagens de Flavio Gomes em sua página pessoal no Twitter.	82
Figura 14: Postagens de Arnaldo Ribeiro em sua página pessoal no Twitter.	83
Figura 15: Postagens de João Palomino em sua página pessoal no Twitter.	86
Figura 16: Busca para o termo Jornalismo no Portcom.....	94
Figura 17: Página de cadastro online da Revista Animus.	97
Figura 18: Postagem no Grupo Professores de Jornalismo no Facebook.....	99
Figura 19: Mapa dos artigos publicados no site do Observatório da Imprensa, por ocasião da tragédia na boate Kiss, categorizados pela formação de seu autor.	102
Figura 20: Chamada para o artigo de Sylvia Moretzsohn na página do O.I. no Facebook.	107
Figura 21: Gráfico de compartilhamentos realizados por Márcia Franz Amaral em sua página pessoal no Facebook.	111
Figura 22: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre o manifesto da UFSM, em sua página pessoal no Facebook.	112
Figura 23: Postagem de Demétrio Soster na página de Márcia Franz Amaral, no Facebook.	113
Figura 24: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre a volta às aulas após a tragédia, em sua página pessoal no Facebook.	114
Figura 25: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre evento em Comunicação, em sua página pessoal no Facebook.	116
Figura 26: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre artigo de Jornalismo, em sua página pessoal no Facebook.	117
Figura 27: Compartilhamento da postagem de Márcia Franz Amaral, na página pessoal de Luciana Carvalho no Facebook.	118
Figura 28: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre reflexões jornalísticas, em sua página pessoal no Facebook.	119
Figura 29: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre artigo seu publicado originalmente em mídia impressa, em sua página pessoal no Facebook.....	121
Figura 30: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre o Programa Mulheres Ricas, em sua página pessoal no Facebook.	125
Figura 31: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre pontos de vista na cobertura do caso Kiss, em sua página pessoal no Facebook.	126
Figura 32: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre programa da TV Record, em sua página pessoal no Facebook.	128
Figura 33: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre suas aulas, em sua página pessoal no Facebook.....	130

Sumário

[Capítulo 1].....	12
Abrindo Fluxos à Circulação do Conhecimento.....	12
1.1 Introdução.....	12
1.2 O problema da pesquisa.....	20
1.3 Objetivos da pesquisa.....	25
1.4 Sobre os fundamentos teórico-metodológicos.....	26
1.5 Sobre os observáveis.....	27
1.6 Estrutura da Tese.....	29
[Capítulo 2].....	32
Institucionalização do Jornalismo: a criação de circuitos de prática e crítica jornalística no Brasil.....	32
2.1 Das ações sociais às práticas profissionais em Jornalismo.....	33
2.2 Das práticas profissionais às teorias acadêmicas em Jornalismo.....	41
2.3 Da graduação praxiológica à pós-graduação teórico-reflexiva em Comunicação.....	44
2.4 Acrescentando a problemática dos fluxos à compreensão do Jornalismo.....	49
[Capítulo 3].....	52
Circulação das Práticas Jornalísticas: fluxos na produção e apropriação de notícias.....	52
3.1 A produção de notícias em blogs e sites de amadores.....	54
3.2 A apropriação de notícias por amadores em redes sociais.....	69
3.3 Afetações entre fluxos e circuitos na produção de notícias.....	82
3.4 Circulação de práticas jornalísticas em Mídiação.....	88
[Capítulo 4].....	92
Circulação das Críticas Jornalísticas: fluxos de debate sobre a mídia.....	92
4.1 Debates sobre a mídia na circulação de textos acadêmicos na Internet.....	93
4.2 Debates sobre a mídia na circulação de especialistas nas redes sociais.....	110
4.3 Circulação de debates sobre a mídia em Mídiação.....	132
[Capítulo 5].....	138
Conclusões.....	138
5.1 Da ordem do Jornalismo.....	138
5.2 Da ordem da circulação da prática e da crítica jornalística.....	142
5.3 Da ordem do pensamento acadêmico.....	144
5.4 Da paisagem que fica.....	147
[Referências Bibliográficas].....	149

[Capítulo 1]

Abrindo Fluxos à Circulação do Conhecimento

1.1 Introdução

As inovações trazidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) criaram novas possibilidades de trocas entre pesquisadores, sobretudo na divulgação dos resultados de suas pesquisas. A Internet, especialmente, ampliou o alcance e o potencial de cada texto e garantiu maior interação entre os pesquisadores, que podem produzir, publicar e fazer uso do conhecimento de forma imediata (ALDO BARRETO, 1998). São inúmeras as iniciativas que promovem, via Internet, acesso gratuito às publicações, bem como incentivam a troca de avaliações sobre as produções científicas, reformulando o processo de revisão pelos pares - que antes acontecia apenas em trocas de documentos ou presencialmente, via discussões em congressos.

Ao perceber essas constantes reconfigurações de tempo e espaço na troca de informações acadêmicas, nos preocupava a maneira como os estudos em Comunicação pareciam circular exclusivamente entre especialistas. Nesse sentido, tínhamos como pergunta geradora dessa tese a questão: “como se dá a circulação do conhecimento científico em Comunicação na sociedade em midiatização?” e, a partir dela, procuramos inicialmente teorias que explicassem a função da ciência em relação à sociedade. Dentre as respostas encontradas, particularmente nos interessamos pela noção de dupla ruptura epistemológica de Boaventura de Souza Santos (1989), que tão logo se revelou insuficiente para a compreensão de nosso problema – até porque, já diante das primeiras observações de objetos empíricos, também nossas questões se rearranjaram.

Para Santos, deveriam existir dois percursos mensuráveis no fluxo de saberes: de um objetivo social para um objetivo teórico (primeira ruptura epistemológica) e a posterior recontextualização do conhecimento já desenvolvido pela ciência na sociedade (segunda ruptura epistemológica). Esses fluxos seriam representativos da dependência que a ciência tem das forças sociais, que determinariam o ritmo e o sentido do desenvolvimento científico -

não tem sentido “[...] criar um conhecimento novo e autônomo em confronto com o senso comum (primeira ruptura), se esse conhecimento não se destinar a transformar o senso comum e a transformar-se nele (segunda ruptura)” (SANTOS, 1989, p.147). Os objetivos desses fluxos, então, seriam a atenuação do desnivelamento dos discursos entre ciência e sociedade e a superação da dicotomia contemplação/ação, de forma que o senso comum se tornasse novo e menos comum, na fusão com o discurso científico.

O papel central da comunidade científica advém-lhe de ser a instância de mediação entre o conhecimento científico e a sociedade no seu todo e na sua tripla identidade sócio-econômica, jurídico-política e ideológica-cultural. É nesta perspectiva exteriorizante que deve ser estudada a estrutura interna da comunidade científica (SANTOS, 1989, p.145).

Em relação à noção de dupla ruptura epistemológica, nossa hipótese inicial de trabalho era a de que os resultados das pesquisas em Comunicação - quando de acordo com objetivos sociais - não retornavam à sociedade externa à universidade, circulando estritamente entre os próprios investigadores e, dessa forma, nos parecia que as pesquisas em pouco contribuíam ao desenvolvimento social.

Contudo, já os primeiros passos de observação empírica formataram uma guinada epistemológica em nossa compreensão sobre a produção de conhecimento em Comunicação: inferimos que a circulação de conhecimento na área não responde aos moldes de produção científica das ciências normais¹, porque a prática da pesquisa em Comunicação tem se dado no intuito de compreender teoricamente processos comunicacionais gerados na sociedade - e não tomá-los como objetos a serem transformados cientificamente e, posteriormente, devolvidos aos objetivos sociais como conhecimento científico. Entendemos, a partir de Santos, a dependência que a ciência tem das forças sociais, mas observando objetos empíricos de Comunicação percebemos que as pesquisas em nossa área sequer podem ser destacadas, colocadas “em separado” da sociedade.

Vejamos que, para Boaventura de Souza Santos, o conhecimento é o produto que circula pela mediação da ciência – originado de um objetivo social, trabalhado pelo rigor das teorias, e devolvido à sociedade como produto científico. Na Comunicação, temos duas perspectivas de conhecimento: 1) para o exercício da práxis, e 2) para a compreensão dos

¹ Consideramos o conceito de Thomas Kuhn, para quem as ciências normais são atividades que visam à resolução de problemas a partir de um paradigma. Kuhn acredita que a existência do paradigma é que define o campo científico. Nessa conjuntura, não percebemos a Comunicação como uma ciência normal - de paradigma definido, sob o qual colocamos “em teste” nossas teorias para a resolução de problemas sociais. Praticamos, em Comunicação, processos reflexivos sobre as práticas que a sociedade continua a modificar.

fluxos comunicacionais. O exercício da práxis se dá pelo ensino de “como fazer” a Comunicação Social que a sociedade já faz – o que fica evidente na revisão histórica que realizamos no Capítulo 2. Portanto, não se trata de tomar um objetivo social e reformulá-lo aos moldes da ciência; trata-se de preparar profissionais que atuem nessa Comunicação já existente em sociedade. Da mesma forma, a perspectiva de compreensão dos fluxos comunicacionais diz respeito a cercar um espaço de circulação dos produtos midiáticos com o objetivo de compreender e explicar suas lógicas. Para isso, não tomamos um objetivo social no intuito de transformá-lo em conhecimento para, então, devolvê-lo como produto à sociedade – o que queremos com essa compreensão é apreender os processos que circulam independentemente do que pensamos sobre eles.

Entendemos que a Comunicação, assim, não se constitui como uma ciência normal - que toma um objeto social, o dissecar e o devolve à sociedade como produto/conhecimento; a Comunicação, como disciplina, tem funcionado com o objetivo de levar os processos comunicacionais que são gerados na sociedade ao tempo teórico, para sua compreensão. Mas daí não deriva qualquer ruptura com um “senso comum”. Ao contrário, nossos insumos e nossos resultados, muitas vezes, podem estar aquém das escutas e sistemas de respostas exercidos por esse dito “senso comum”.

Claro, nós, pesquisadores de Comunicação, nos apropriamos de fatos sociais como objetos de pesquisa e buscamos desenvolver conhecimentos teóricos sobre eles, de forma que estamos desenvolvendo o que poderá ser efetivamente assumido como uma “Ciência da Comunicação” - no mesmo sentido em que consideramos a Sociologia, a Linguística, ou a Antropologia como ciências. Nesse sentido, o fato de que não tenhamos uma ciência normal não significa que não possamos tê-la; o que queremos destacar é que não formamos ainda uma ciência que ofereça à sociedade conhecimentos rigorosos e bases praxiológicas relevantes e produtivas – com base nos ditos avanços teóricos -, até porque a Comunicação enquanto objeto de pesquisa é um fazer desenvolvido essencialmente no e pelo seio social.

Acontece que, na noção de dupla ruptura epistemológica, academia e sociedade aparecem como instâncias em separado; à ciência caberia a produção de conhecimento, como se as práticas científicas fossem completamente controladas por regulações institucionais. Para Santos, a ciência seria esse “lugar de mediação” do conhecimento da sociedade (vulgo senso comum) para a sociedade (já em moldes de conhecimento científico); contudo outros espaços, tais como blogs ou redes sociais², já nos mostram fluxos diversos na circulação de

² Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões, interações e laços sociais (...) uma rede social, assim, é uma metáfora, para

conhecimento.

Por isso mesmo, olhar para a Comunicação a partir da perspectiva de Boaventura de Souza Santos sobre a dupla ruptura epistemológica seria elevar essa disciplina a um status que ela ainda não tem – não porque seus pesquisadores sejam menos rigorosos em seus estudos ou porque seus métodos de pesquisa sejam subjetivos demais, mas porque o objeto da Comunicação é antes de tudo a circulação de fluxos comunicacionais na sociedade – fluxos estes que funcionam mesmo sem a existência de uma disciplina; e são mais complexos do que os objetos específicos das ciências normais estabelecidas.

Essa complexidade de nossos objetos está ligada essencialmente ao fenômeno da midiáticação, que altera os processos de circulação da comunicação na sociedade. Já na década de 1980, pensadores como o latino-americano Eliseo Verón³ (1987) e o sueco Kent Asp⁴ (1986) trabalhavam a relação dos meios de comunicação de massa com o discurso político, analisando a incidência das estratégias midiáticas sobre a política. As análises de Verón avançaram, então, para a compreensão do processo de midiáticação: fenômeno no qual os meios de comunicação de massa ocupam lugar central na sociedade, fazendo a mediação discursiva entre instituições e atores sociais e incidindo sobre suas práticas (VERÓN, 1997). O autor buscava, à época, organizar a complexidade dos processos sociais em relação aos meios de comunicação de massa e concluía que estes se caracterizam por instituições que dominam o mercado discursivo e ofertam sentidos sobre outros campos sociais.

Desde a compreensão do fenômeno da midiáticação pelo esquema de Verón, a complexidade dos processos sociais está ainda mais intensificada, na medida em que os sujeitos investem em interações regidas por lógicas midiáticas.

Novos processos de circulação de mensagens e, de modo especial de produção de sentidos, organizam uma nova arquitetura comunicacional,

observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas ente os diversos atores. (RECUERO, 2009, p. 24). Recuero (2013) cita a definição de Danah Boyd e Nicole Ellison (2007) para sites de redes sociais: aquelas ferramentas que permitiriam aos seus usuários (1) a criação de um perfil individualizado, (2) a publicização de suas redes sociais e (3) a interação. Recuero ainda complementa que os usuários não só utilizam essas redes como também as modificam, de maneira que as redes sociais online sejam cada vez mais interconectadas. Embora o uso correto do termo seja definido por “sites de redes sociais”, sua apropriação cultural já permite que a expressão seja suprimida para redes sociais – e assim usaremos nesse trabalho.

³ Para Verón (1987, p.02) “os diferentes modos de manifestação de um certo tipo de discurso não podem ser deixados de lado: os discursos sociais aparecem materializados em suportes significantes que determinam as condições de sua circulação: a escritura da imprensa, a oralidade do rádio, a televisão” e, dessa forma, na análise dos discursos políticos é preciso prever os diferentes níveis de estratégia que pertencem à política e que não pertencem – identificando os “jogos discursivos”.

⁴ Kent Asp (1986, p.359) analisa o impacto dos meios de comunicação na política e afirma que “um sistema político é, em alto grau, influenciado pelas e ajustado às demandas dos meios de comunicação de massa em sua cobertura da política”.

afetando as condições de vínculos entre produtores e receptores, ensejando novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais (FAUSTO NETO, 2010, p.01).

Estamos imersos em um contexto de circulação de informações antes não visto; e essa nova arquitetura comunicacional é estudada em seus múltiplos objetos – que derivam de e ao mesmo tempo compõem o fenômeno da midiaticização.

Não sendo apenas um fenômeno brasileiro e latino-americano, a midiaticização corresponde às dinâmicas mais amplas, produzidas por processos complexos, que incidem sobre a organização e funcionamento da sociedade, em escala mundial. De modo específico, significa a transformação da ‘sociedade dos meios’ (que deixa de ser caracterizada por aquela marcada existência de dispositivos sócio-técnico-discursivos que intermediam intensamente a interação entre os campos sociais) em sociedade onde a cultura, lógicas e operações midiáticas afetam, relacional e, transversalmente, a própria sociedade, no âmbito mesmo de suas diferentes práticas. (PEDRO GOMES et. al., 2008, p.3).

A midiaticização, então, não afeta apenas o fazer midiático, mas se vê modificada pela cultura comunicacional da sociedade e a modifica. Sobre a circulação do conhecimento, por exemplo, ao mesmo tempo em que grupos científicos alcançam visibilidade via Internet, a noção de senso comum como modo de conhecimento relacionado a uma racionalidade prática se complexifica a partir de práticas partilhadas e refletidas por sujeitos que desenvolvem, hoje, imensuráveis experiências com o conhecimento socialmente acumulado.

Tem-se como exemplo dessas práticas a disponibilidade de rápido acesso a informações sobre casamento civil, compra de imóveis, pagamento de tributos e outros processos antes restritos a bacharéis em Direito ou Contabilidade; vê-se, ainda, a possibilidade de compor dietas alimentares, realizar investimentos financeiros, ou produzir todo o tipo de informação sem que necessariamente tenhamos passado por bancos universitários para a formação nessas áreas de conhecimento. Falar nessas experiências não significa considerar que fora da sociedade da informação o homem dependia exclusivamente de especialistas para dar conta de sua rotina; mas possibilita entender novas potencialidades de relação dos sujeitos com saberes acadêmicos sem contato direto com o ambiente universitário – o que acontece pela ambiência de midiaticização da sociedade.

Vejamos que mesmo os cuidados com nosso bem mais precioso - a vida -, estão à mercê de experiências diversas com saberes em Medicina. Se em rodas de conversas do início do século XX já circulavam receitas caseiras para cura de feridas ou outras enfermidades, hoje - com novas mediações via tecnologias da informação - essa circulação de práticas medicinais

é potencializada. Luis Castiel e Paulo Vasconcellos-Silva (2002) dissertaram sobre a relação contemporânea de autocuidado e automedicação de pacientes via pesquisas na Internet e citam ao menos três episódios-problema: 1) um texto em que o colunista Diogo Mainardi assume, na revista *Veja*⁵, que quando soube da doença do filho (paralisia cerebral) foi direto à Internet pesquisar de que se tratava; 2) outro texto veiculado por Daniel Sigulem, chefe do Departamento de Informática em Saúde da Universidade Federal de São Paulo (USP), que orienta os médicos sobre a troca de emails com pacientes; e 3) a matéria “A dor de nunca saber o bastante”, publicada em 05 de setembro de 2001, também em *Veja*, sobre os efeitos psicológicos dos excessos de informação, que geram os cibercondríacos, “pessoas que por meio de pesquisas sobre saúde na internet descobrem informações que deveriam estar disponíveis apenas para médicos” (CASTIEL & VASCONCELLOS-SILVA, 2002, p.292-293).

Da mesma forma, um estudo publicado nos Estados Unidos, em 2012, encomendado pela Royal Philips Electronics (companhia de saúde e bem-estar), revelou que consumidores consideram que os dispositivos móveis são parte de suas soluções em cuidados com saúde. “É crescente o número de usuários da rede que buscam os sites de seus médicos, bem como os de outras categorias profissionais. A respeito, o censo americano de 2005 estimou que 117 milhões de adultos procuram informações de saúde na internet” (MARILENA PACIOS et. al, 2010, p.493). Dos americanos entrevistados pela Philips Survey Eletronics (2012), 11% acreditam que se não fossem as informações disponíveis na Internet já estariam mortos ou gravemente incapacitados.

Além disso, há declarações do infectologista do hospital paulista Albert Einstein, Artur Timerman, que considera ter se tornado rotineiro “atender pacientes que fazem pesquisa na internet e, sem a menor base, querem palpitar no tratamento”. Diz ele: “Sem um bom conhecimento prévio, a internet é um caos que joga com a ignorância das pessoas.” (CASTIELL & VASCONCELLOS-SILVA, 2002, p.293).

Desses exemplos emerge uma série de questões em torno da prática médica: qual a confiabilidade dos textos acessados? Deveria haver limites na circulação de textos técnicos? Em que medida os profissionais da área devem adotar as mídias sociais em diálogos com pacientes? E, quem sabe a principal delas, como confiar em sintomas narrados por pacientes que já vem de casa pré-consultados, ou seja, pré-determinados a um diagnóstico? Passados

⁵ *Veja* é uma revista publicada semanalmente pela Editora Abril, fundada em 1968, e conhecida por suas denúncias políticas e econômicas.

mais de dez anos da publicação do texto de Castiell e Vasconcellos-Silva, ainda não existem resoluções aos problemas citados. E, mais que isso, a circulação de informações relativas à saúde aumenta de acordo com os avanços tecnológicos. Ou seja, se na cultura predominantemente escrita e oral de nossos avós o autocuidado já era praticado em sua maioria com ervas medicinais, quando a Internet já alcança 83,4 milhões⁶ de pessoas só no Brasil não é difícil presumir que o acesso a informações sobre saúde seja maior, devido justamente à oferta delas.

Configura-se aí um problema de circulação de saberes na sociedade – questão que não se restringe a disputa entre campos⁷ aos moldes de Pierre Bourdieu (2002), mas que revela afetações resultantes da sociedade em midiaticização. Em se tratando dos exemplos citados, percebemos que o problema central não reside na disputa discursiva entre o campo da Medicina e o campo midiático; falamos das ações de sujeitos que burlam a normatização da Medicina em relação ao poder sobre o corpo, uma vez que consideram, sozinhos, seus sintomas, seus hábitos de vida e seus comportamentos diante da tela do computador – em uma consulta virtual ao “Doutor Google”. Mesmo que a relação entre sintomas e diagnósticos seja um processo de significação formatado pela Medicina e, portanto, faça parte de seu processo disciplinar, ainda assim a prática dos sujeitos permite inferir que o controle sobre os saberes não está restrito ao ambiente universitário e que as rupturas entre o conhecimento dito de senso comum e os saberes científicos são muito mais tênues do que mensuráveis. Há que se considerar, por exemplo, que quando os médicos se capacitam em determinada parte do corpo humano, passando a atender doenças ligadas a sua especialidade, provocam uma adaptação dos pacientes em relação aos diagnósticos: realizamos, em casa, uma primeira triagem de nossos sintomas, conversamos com familiares, procuramos informações na Internet e, então, agendamos consulta com o especialista que pensamos ser apropriado aos nossos sintomas.

Uma vez que a informação é de cunho público e os sujeitos têm cada vez mais acesso a ela, a criação de fluxos de debate de assuntos técnicos por amadores não é prática rara, pelo

⁶ O acesso à internet no Brasil chegou a 83,4 milhões de pessoas no segundo trimestre de 2012, de acordo com dados do Ibope Nielsen Online. O número é 7% maior que o registrado no mesmo período de 2011, quando 77,8 milhões de brasileiros tinham conexão à rede. O resultado, que representa o acesso de qualquer ambiente, como casa, trabalho, escolas e lan houses, revela um crescimento de 1% sobre os 82,4 milhões do primeiro trimestre de 2012. Fonte: G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/08/aceso-internet-no-brasil-chega-834-milhoes-de-pessoas-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013. 18:30.

⁷ Para Bourdieu (2002), o mundo social é composto por microcosmos sociais relativamente autônomos (campos sociais), nos quais os indivíduos ocupam posições determinadas. Esses microcosmos são espaços de relações objetivas e de lógicas e necessidades específicas, não redutíveis às lógicas de outros campos.

contrário, é uma tendência que se mostra frequente. E se a medicina, que é campo conhecido por sua legitimação social, regulamentação precisa e protecionismo profissional, não está alheia a mudanças decorrentes da midiatização, compreende-se que a Comunicação seja um campo ainda mais propício a transformações. A Comunicação é justamente o fazer no qual a midiatização se funda; é sua razão e seu *locus*. Logo, a prática comunicacional se vê modificando a sociedade e sendo, ao mesmo tempo, por ela modificada.

A sociedade em midiatização tem desenvolvido críticas midiáticas mesmo fora dos muros acadêmicos e à parte de debates entre especialistas, em espaços como Facebook⁸, Twitter⁹, e outras redes sociais. No mesmo sentido, certas práticas jornalísticas, por exemplo, são exercitadas de maneira difusa - mas nem sempre dispersa – sem o aval de grandes meios de comunicação. Diante desses acontecimentos, percebemos que fluxos comunicacionais de prática e crítica sobre a Comunicação não se restringem às instituições (acadêmica e midiática) e, mais que isso, parecem funcionar muito bem fora delas.

O fenômeno da midiatização se caracteriza por e ao mesmo tempo conduz a maior circulação de informações, de forma que áreas do conhecimento antes cerceadas pela ciência estejam cada vez mais presentes no debate dito de senso comum. Então, não há como prever rupturas, separações estanques entre o conhecimento que vem da sociedade em direção à ciência e vice-versa. E, assim, “as rupturas epistemológicas com o universo mental do homem comum costumam levar, via de regra, tão somente a um pseudoconhecimento do geral. Nada mais” (LUÍS DE GUSMÃO, 2012, p.31).

Particularmente à Comunicação, os processos de midiatização permitem visualizar o caráter experimental das pesquisas desenvolvidas na área, que buscam articulações, produzem tensionamentos, mas não formam ainda teorias estabelecidas como as “ciências normais”.

O que a área está fazendo, em vez de esperar por essa teoria, é um acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos, de táticas investigativas, de interlocuções. Nesse sentido, a estratégia da área, em sua produção de conhecimento, parece ser de ordem fragmentária. (JOSÉ LUIZ BRAGA, 2014, p.14).

Assim como os processos comunicacionais não são estaques nem completamente controlados pelas estruturas midiáticas, também as pesquisas sobre eles não devem prever

⁸ Facebook é site e serviço de rede social lançado em fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

⁹ Twitter é uma rede social e servidor para microblogging lançado em 2006, que permite ao usuário enviar e receber atualizações em textos com até 140 caracteres.

rupturas. O fenômeno comunicacional está sempre mais complexo, e não existe um conjunto de teorias que dê conta de explicá-lo, que possa colocar seus processos em teste, refutando-os ou formando conceitos que possam ser “recontextualizados” na sociedade. Assim, a pesquisa em Comunicação está mais próxima de articular o que Braga (2014) chama de “validades locais” do que de compor uma ciência.

Uma das atribuições que podem ser assumidas pelos pesquisadores da área que se preocupam com o conhecimento comunicacional - sua produção, seus processos, suas metas - seria justamente esse esforço de estar atento à diversidade de aspectos do fenômeno. Isso pode ser feito pelo pesquisador diretamente em seu trabalho de questionamento, observação, descrições e inferências sobre a realidade; ou como trabalho de segundo grau, sobre as intuições produzidas pela área, testando-as pelo trabalho de adjunção, produzindo tensionamentos, desenvolvendo ainda outras inferências e heurísticas, mais abrangentes. (BRAGA, 2014, p.17).

Dito isso, destacamos que já os primeiros estudos da tese revelaram uma guinada em relação ao problema de pesquisa: da preocupação com a função social do “conhecimento científico em comunicação”, passamos para o objetivo de compreender a circulação dos saberes produzidos na área, em tempos de mediação, porque entendemos que a circulação das pesquisas em Comunicação - que não se configura como ciência estabelecida - não funciona nos moldes da dupla ruptura epistemológica de Santos (1989).

Atentos à diversidade de aspectos do fenômeno de mediação, redirecionamos então nosso problema de pesquisa para a questão da circulação de saberes em Comunicação. Aliás, entendemos que a partir da compreensão dos aspectos comunicacionais na produção de saberes pode-se perceber a complexidade das arquiteturas de circulação do conhecimento na sociedade em mediação.

1.2 O problema da pesquisa

O exercício de reflexão sobre a natureza da pesquisa em comunicação em relação à dupla ruptura epistemológica permitiu a compreensão de três principais premissas, a partir das quais desenvolvemos nosso problema de pesquisa; são elas: 1) a mediação decorre de e resulta na intensificação da circulação de saberes na sociedade; 2) essa circulação compreende tanto fluxos comunicacionais canalizados em circuitos – porque culturalmente praticados – quanto fluxos não controlados pelas instâncias envolvidas na circulação; e 3) a Comunicação,

como disciplina, tem por objeto a práxis e a compreensão desses fluxos comunicacionais que funcionam na sociedade.

Sobre a intensificação na circulação de saberes na sociedade em mediação discorremos já na introdução. Explicamos agora a maneira como entendemos essa circulação, que compreende fluxos comunicacionais em dispersão, fluxos mais experimentais e fluxos canalizados em circuitos. Destacamos primeiramente a natureza não causal do fluxo, uma vez que não é possível prever para ele um início, meio ou fim; a comunicação em fluxo não obedece à perspectiva linear ‘da produção à recepção’, justamente por isso existem fluxos mais dispersos e outros já canalizados. Quando observamos regularidades nos fluxos comunicacionais, percebemos um circuito; logo, entendemos como circuitos os fluxos “que são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores” (BRAGA, 2012a, p.41).

Então, além dos fluxos que funcionam em circuitos – porque já são culturalmente reconhecidos – existem outros fluxos comunicacionais que antecedem e sucedem o encontro de sujeitos em comunicação. E o fenômeno da mediação caracteriza-se pela sociedade que ainda funciona em seus circuitos já conhecidos, mas que também compreende e fomenta fluxos de comunicação muitas vezes não previstos em circuitos, como ilustra o mapa conceitual a seguir:

Figura 1: Mapa conceitual da Circulação em dispersão, fluxos e circuitos.



Fonte: produzido pela autora

A comunicação, em essência, envolve lógicas de dispersão, lógicas de fluxos e

lógicas de circuitos. A **Figura 1** ilustra justamente as possibilidades de interação nas quais as comunicações dispersas podem ser canalizadas em fluxos comunicacionais e, se e quando regularmente exercitadas, tornarem-se práticas em circuitos.

Na circulação de saberes, identificamos com mais facilidade os circuitos formados por fluxos comunicacionais culturalmente praticados, legitimados. Esses circuitos são reconhecidos porque e quando seus fluxos comunicacionais apresentam regularidades. Contudo, nenhum circuito é uma estrutura cujo funcionamento se fecha em si; regem os circuitos processos complexos de comunicação que acontecem também via fluxos mais tentativos e dispersos.

As interações em dispersão, por sua vez, podem ser canalizadas em fluxos comunicacionais e tornarem-se regularidades, passando então a fazer parte dos circuitos. Esses processos flexíveis se evidenciam como tentativas sociais (embora não necessariamente tentativas intencionadas) que formam circuitos em processo de formação, circuitos experimentais, ou continuam operando como fluxos dispersos – que podem ou não se tornar futuros circuitos ou redirecionar circuitos dados.

Ou seja, de princípio, já entendemos que fluxos não controlados por circuitos institucionalizados – e que por vezes são considerados problemas para a academia ou para a profissionalização da Comunicação – são, na verdade, parte do fazer comunicacional e devem compor, necessariamente, as pesquisas na área, em tempos de mediação.

Quando um laboratório de medicamentos cria um site para divulgar informações contidas nas bulas de remédios, podemos inferir uma série de interações que fazem parte de um circuito – interações esperadas pelo e do laboratório, como informar dados sobre composição, posologia e efeitos colaterais de medicamentos que, a rigor, seriam prescritos por profissionais da saúde. Essa função primeira, contudo, pode ser acionada por sujeitos que produzem outras ações a partir do site, a constar: automedicam-se considerando sintomas por eles mesmos analisados e, além disso, prescrevem a mesma ação a conhecidos. Nesses casos, percebemos que os atores sociais agem sobre as informações, produzindo práticas diversas e caracterizando, assim, fluxos comunicacionais não previstos.

Dentre os circuitos estabelecidos, lembrando que as ciências se legitimam quando há reconhecimento de seus circuitos, podemos citar a produção de pesquisa. Claro que sempre houve dispersões e fluxos não controlados pela academia – como a difusão de receitas caseiras -, mas de certa forma, em uma sociedade não mediada, o controle dos fluxos que incidem sobre os circuitos era menos oneroso. As tecnologias da informação nos propiciaram maiores recursos técnicos para o exercício de fluxos que canalizassem a dispersão de saberes

que sempre existiu. Dessa forma, o controle dos fluxos que incidem sobre o circuito de produção de pesquisa, nosso exemplo, é atravessado por diferentes públicos, que discutem, recuperam, atualizam informações, mesmo sem o aval dos pesquisadores.

Por outro lado, ações dos próprios pesquisadores também reconstituem – do interior do espaço acadêmico - circuitos já estabelecidos. Monalisa Xavier (2013) aponta o que acontece no campo social “psi” como exemplo dessas reconfigurações decorrentes da circulação de informações na sociedade contemporânea. Para a autora, “peritos da subjetividade” passaram a constituir experiências sociais de produção de circuitos a partir do espaço acadêmico – gerando o que Xavier denomina de “consultas transformadas”, modalidade de consulta psicológica que se dá nos meios de comunicação de massa.

Assim, outras interações e outros dispositivos vão sendo tentados, testados, inventados, abandonados, recriados, miscigenados no espaço dos agenciamentos constituídos entre esses saberes e as instâncias de mídia. É o que ocorre quando a produção de informação/conhecimento “psi” se faz presente em sites que se proliferam cada vez mais rápido, em inúmeras revistas femininas, em programas de rádio, em quadros em programas de tevê, em jornais de grande circulação local e/ou nacional, etc. (XAVIER, 2013, p.01).

A porosidade entre os campos sociais – e, dentre eles, a academia - determina a ampliação de circuitos existentes e a geração de novos circuitos a partir, também, do próprio campo acadêmico.

À medida que a mídia passa a atuar como processo interacional de referência (BRAGA, 2006), se capilarizando em tantos espaços quanto possível e promovendo outros modos de interação social, atentamos para a importância de olhar para os processos que neste espaço se configuram, a fim de compreender os dispositivos tentativos que os fazem funcionar, bem como os próprios campos que tendem a se movimentar nos tensionamentos, muitas vezes se reconfigurando, seja nos limites de suas próprias fronteiras, seja nos agenciamentos produzidos com outros campos, dos quais resultam construções híbridas. (XAVIER, 2013, p.01).

São incontáveis os exemplos observados de articulações e tensionamentos entre circuitos e fluxos na sociedade em midiatização e esses exemplos nos trouxeram à compreensão de que é difícil assegurar ou controlar a existência de separações estanques (rupturas) entre o conhecimento acadêmico e o de senso comum, mesmo nas ciências normais. Na sociedade em midiatização, consideramos que os saberes estão em circulação e, dessa forma, os limites entre saber acadêmico e não acadêmico são difusos, até porque

no caso específico da instituição universitária, o paradoxo é que ao mesmo tempo em que tais mediações ampliaram o leque da produção do conhecimento, principalmente a partir da generalização do computador e da internet que proliferaram as fontes de informação e a possibilidade da educação à distância; colocaram em discussão a própria territorialidade da universidade, um dos pilares da sua identidade (ROSANA ZUCOLO, 2012, p.46).

Nesse sentido, nossa hipótese é que, na midiaticização crescente da sociedade, não só tais circuitos em formação, experimentais, potenciais, mas também fluxos ainda em dispersão interferem em circuitos mais estabelecidos, gerando uma incidência redirecionadora e produzindo situações indeterminadas, a serem investigadas para percepção de suas lógicas em elaboração.

A partir dessa compreensão, nos voltamos a questões mais específicas sobre a circulação de saberes em Comunicação: Como se formam os circuitos institucionalizados sobre as práticas e as críticas comunicacionais na sociedade? Como se dão as interações entre fluxos e circuitos nas práticas profissionais em Comunicação? De que maneira os fluxos em dispersão e experimentais incidem sobre os circuitos institucionalizados de ensino e pesquisa em Comunicação e vice-versa? Que promessas, estratégias e afetações encontramos nas interações entre fluxos e circuitos sobre a prática e a teoria em Comunicação na sociedade em midiaticização?

É sobre a relação entre circuitos estabelecidos, circuitos em formação e fluxos ainda em dispersão que essa tese se debruça, tratando, em específico, da circulação de saberes em Jornalismo – habilitação da Comunicação que tem circuitos delimitados na academia, e circuitos tradicionalmente promovidos no contexto das mídias e, ao mesmo tempo, vê suas práticas e teorias acionadas constantemente em fluxos não previstos por esses circuitos.

É comum presenciarmos comentários como “não aguento mais assistir televisão; parece que só existe violência no Brasil” ou “o problema da nossa rua daria uma boa matéria para o jornal” – pensamentos que, por vezes, geram narrativas construídas pelos próprios cidadãos, que enviam fotografias e outros textos sobre seus problemas para serem veiculados nos meios de massa. Podemos perceber nesses, e em incontáveis outros exemplos - mais ou menos complexos - indícios de que existe um público que domina lógicas midiáticas. Esse público não apenas consome, mas também produz e reproduz informações, atuando ativamente na circulação de temas, angulações e sentidos que partem dos meios de comunicação e/ou a eles chegam via receptores. Portanto, falamos de uma parte da sociedade que, ainda que não utilize termos técnicos, consegue entender lógicas midiáticas e referir seu

funcionamento. Estamos diante de complexas relações entre circuitos formatados pelos meios de comunicação e fluxos comunicacionais não previstos pelos *media*.

A exemplo da academia, os meios de comunicação também trabalham saberes no intuito de inscrevê-los em circuitos; existem circuitos já institucionalizados na circulação de saberes acadêmicos (salas de aula no ensino de graduação e pós-graduação, projetos de extensão, grupos de pesquisas, revistas de divulgação científica, etc.), e também circuitos previstos para circulação de notícias (produtores localizados no interior de meios de comunicação de massa publicam notícias para receptores). Em contrapartida à relativa estabilidade desses circuitos, existem fluxos comunicacionais que surpreendem acadêmicos e produtores midiáticos, porque sua concepção frequentemente não foi prevista – por exemplo, quando um amador publica um blog com avançada crítica midiática ou quando um cidadão envia uma pauta muito bem trabalhada à redação de um jornal.

Em síntese, portanto, entendemos que, na sociedade em midiatização, o conhecimento que temos do mundo está em circulação e se atualiza por meio de relações sociais não necessariamente evocadas em processos sequenciais e nem sempre a partir de circuitos institucionalizados. Cabe enfatizar que as mesmas tecnologias que facilitam as rotinas de pesquisadores e jornalistas são ferramentas a fomentar fluxos que incidem sobre seus circuitos tradicionais.

1.3 Objetivos da pesquisa

Alocando, então, nosso problema de pesquisa na circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização, destacamos como objetivo central desta tese desvelar tal fenômeno, buscando suas articulações e tensionamentos a partir da análise de casos que envolvam a relação entre fluxos comunicacionais não previstos e circuitos institucionalizados de prática e crítica jornalística. Para isso, estabelecemos os objetivos específicos de:

(a) compreender a criação de circuitos institucionalizados sobre (e para) a prática e a crítica jornalística no Brasil, a partir de revisão histórica do desenvolvimento da área;

(b) articular e tensionar experiências de circuitos de práticas jornalísticas com fluxos comunicacionais não previstos nesses circuitos;

(c) articular e tensionar experiências de circuitos de crítica acadêmica sobre as práticas midiáticas com fluxos comunicacionais não previstos nesses circuitos; para então,

(d) apreender a relação (afetações, promessas, expectativas e endereçamentos) entre circuitos e fluxos comunicacionais de prática e crítica jornalística na circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização.

1.4 Sobre os fundamentos teórico-metodológicos

Como um trabalho de cunho fenomenológico, essa tese busca avançar em relação à própria “coisa”, explorando casos que possam constituir a circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização. Entendemos que, avançando sobre os casos escolhidos para a análise (e descritos no próximo item), podemos elaborar o fenômeno.

A investigação dos casos escolhidos, portanto, se dá no intuito de identificar e explicar fatores que delinham a circulação de saberes em Jornalismo e, nesse sentido, não há como separar teoria e empiria – afinal, se os casos analisados compõem o fenômeno, este tem validade tão somente enquanto olhamos para os casos escolhidos. Por isso, os fundamentos teóricos dessa tese encontram-se na problematização recém exposta e ancorada nos processos de midiatização, bem como nas revisões elaboradas no próximo capítulo, que buscam a compreensão teórica sobre a formação de circuitos de práticas e críticas jornalísticas no Brasil. Além disso, acionamos fundamentos teóricos também por ocasião das análises dos casos, de maneira que o estudo dos objetos proporcione a compreensão teórica do fenômeno em questão – a circulação de saberes sobre Jornalismo na sociedade em midiatização.

Nosso método de pesquisa, assim, considera a experimentação de caminhos que se desenvolve nos processos de escrita da tese: (1) descrevemos casos que são escolhidos já na promessa de que componham o fenômeno, oferecendo indícios de articulações e tensionamentos; (2) fazemos inferências sobre esses casos, relacionando circuitos e fluxos comunicacionais; a partir das quais, então, (3) recompomos e construímos certo entendimento da circulação de saberes em Jornalismo – nosso fenômeno; e (4) dispomos, então, de uma paisagem que fica, para que outras inferências sejam posteriormente fundadas e testadas a partir dela.

Não se trata de obter, por fim, conclusões definitivas sobre o Jornalismo atual, até mesmo porque sua investigação demonstra constantes reajustes por que passa o Jornalismo diante dos processos sociais. Trata-se de uma tentativa de trabalhar a partir do que Braga entende como processo aforístico.

Uma característica relevante do processo aforístico como modo de

pensamento é que a escrita - o ato de escrever - ganha dimensão de método. “Método”, aqui, evidentemente não significa previsão de caminho a ser feito para chegar a um ponto pretendido. Significa, antes, experimentação de processos - de caminhos - anotando os percursos que pareçam encaminhar melhor para lugares que se evidenciam, lá chegando, como interessantes para compor a paisagem; e que por isso mesmo podem ainda reescrita nesse trabalho de composição. Na reflexão aforística, ao reverso de fazer o texto para informar o conhecimento posto, rastreia-se o conhecimento pela escrita. (BRAGA, 2014, p.18).

O processo de escrita e composição dessa tese, então, evidencia idas e vindas entre empiria e teoria, reveladas em mais quatro capítulos: um que recupera a formação de circuitos sobre prática e crítica jornalística no Brasil, outros dois que articulam casos de análise e inferências locais sobre a circulação de saberes (práticos e teóricos) em Jornalismo e, posteriormente, um último capítulo que compõe a paisagem que fica sobre esse fenômeno.

1.5 Sobre os observáveis

A escolha dos casos que compuseram o corpus de observáveis dessa tese se deu de maneira intencionada, ou seja, buscamos casos nos quais enxergamos, de antemão, indícios de tensionamentos da midiaticização, para então perceber, via análises, certas articulações entre circuitos institucionalizados e fluxos comunicacionais não previstos em relação a práticas e críticas jornalísticas. Buscamos, em uma diversidade de observáveis, casos que trouxessem à tona uma questão específica: a circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiaticização. Cabe destacar, no entanto, que a diversidade de casos analisados não caracteriza essa tese como um estudo de casos múltiplos, pois não focamos na exploração dos observáveis em si, mas buscamos em cada um deles as propriedades que serviam tão somente à reflexão do fenômeno que nos interessa.

Não se trata, também, de evidenciar a presença de fluxos não previstos (objetivo para o qual não se justificaria a escolha proposital de casos em que essa presença era evidente). A escolha se estabelece pelo interesse em observar - na ocorrência de tais fluxos - como estes se articulam e/ou tensionam os circuitos.

De início, para entender como se formaram os circuitos que conhecemos em relação às rotinas produtivas e ao texto jornalístico, realizamos revisão histórica sobre a fundação do Jornalismo moderno no Brasil, recorrendo a obras que relatam as rotinas de nossos jornais impressos, rádios e televisões. Buscamos, também, entender por que vias se formaram, no

país, cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo, pesquisando textos históricos na área. Nesse propósito de entender o que são fluxos comunicacionais já circuitados, compreendemos que, embora o conceito de Jornalismo não seja unânime, existe uma série de práticas esperadas em relação ao que se considera Jornalismo. Falar em circuitos sobre a prática jornalística, nessa conjuntura, é considerar as rotinas dos meios de comunicação de massa, ainda responsáveis pela legitimação das grandes narrativas atuais que consumimos sobre o mundo.

Conhecidos os circuitos de prática e crítica jornalística, passamos à análise de casos que permitissem localizar afetações entre esses circuitos e fluxos comunicacionais não previstos pelos circuitos. Para a análise de fluxos relativos às práticas jornalísticas, escolhemos casos que revelassem (a) a produção de notícias por amadores em blogs e sites jornalísticos; (b) a apropriação de notícias por amadores em redes sociais; e (c) uma situação de crise no circuito institucionalizado, a partir de fluxos comunicacionais não previstos nele.

Compondo o corpus de análises *sobre a produção de notícias por amadores em blogs e sites*, escolhemos três casos: o site noticioso De Tudo na Net, o Blog da Cidadania, e a experiência colaborativa de blogueiros no Global Voices. Cada um desses casos revela certas características do fenômeno de circulação de saberes sobre a prática jornalística: o site De Tudo na Net permite observar o domínio de amadores sobre práticas jornalísticas e regras textuais para a produção de notícias; o Blog da Cidadania conduz a inferências acerca da produção de análises sobre a conjuntura política brasileira fora de grandes meios de comunicação; e a experiência colaborativa do Global Voices representa uma iniciativa de grandes coberturas não alcançada pelos grandes meios e que é conduzida, com certo sucesso, por amadores.

Para entender a *apropriação de notícias por amadores*, pesquisamos casos de circulação de informações em redes sociais por ocasião da tragédia na boate Kiss, ocorrida em 27 de janeiro de 2013, quando a boate da cidade de Santa Maria/RS incendiou, deixando 242 vítimas fatais e outras dezenas de feridos. Olhamos, especialmente, para a maneira como amadores colocaram em circulação informações importantes sobre a tragédia a partir de suas próprias páginas nas redes sociais (Facebook e Twitter) e não como fontes de grandes meios de comunicação.

Para as análises *sobre a circulação de práticas jornalísticas em tempos de midiatização*, observamos a repercussão de uma situação de crise na ESPN Brasil¹⁰, quando e

¹⁰ ESPN Brasil é um canal de televisão por assinatura que veicula conteúdos esportivos 24 horas por dia, no Brasil, como franquia da ESPN (Entertainment and Sports Programming Network) estadunidense.

porque dois de seus jornalistas, Flávio Gomes e Arnaldo Ribeiro, usaram seus microblogs na rede social Twitter para manifestar desgosto com a atuação de um juiz de futebol e efetuar xingamentos à torcida do Grêmio Foot-ball Porto Alegre. A troca de ofensas entre os jornalistas e os torcedores levou à demissão de Flávio Gomes e à retratação pública de Arnaldo Ribeiro. Esse caso, portanto, permite observar afetações entre as práticas do circuito midiático já estabelecido e fluxos comunicacionais diversos estabelecidos por seus agentes.

Buscando a compreensão da *circulação da crítica jornalística em tempos de midiatização*, estudamos especialmente (a) a circulação de textos acadêmicos e (b) de especialistas na Internet. Sobre a circulação de textos acadêmicos, voltamos a pesquisa para a observação da revista acadêmica *Animus*¹¹, do portal *Intercom*¹², de interações estabelecidas por Grupos de Pesquisas no Facebook, e da circulação de textos do Observatório da Imprensa em múltiplas plataformas. Para compreender a circulação de especialistas na Internet, observamos interações entre especialistas e amadores a partir da página pessoal no Facebook da professora e pesquisadora em Jornalismo, Márcia Franz Amaral¹³. Esses casos observados em relação às críticas midiáticas consistem, portanto, em exemplos de circulação de textos acadêmicos e de especialistas (professores, pesquisadores) em espaços não acadêmicos e que, por isso, podem criar interações diversas às previstas pelos circuitos universitários.

Cabe destacar que todos os casos aqui citados são trabalhados em relação ao fenômeno que nos interessa – a circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização. Por isso, nossa análise é interessada e endereçada às maneiras como cada caso se envolve no fenômeno em questão – realizamos um trabalho descritivo-inferencial sobre os casos, com vistas a compor também acionamentos teórico-conceituais sobre a circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização.

1.6 Estrutura da Tese

Cada capítulo dessa tese apresenta, então, reflexões acerca de um âmbito em

¹¹ Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus>. Acesso em: 12 de maio de 2014; 09:45.

¹² Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/>. Acesso em: 12 de maio de 2014; 09:50.

¹³ Márcia Franz Amaral é docente do Departamento de Ciências da Comunicação do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e líder do grupo de pesquisa Estudos de Jornalismo (CNPq/UFSM).

específico, acionando referências teóricas e tensionando-as à análise de casos empíricos. Visamos, primeiramente (1) revisar a fundação de circuitos institucionais de práticas profissionais e acadêmicas em Jornalismo no Brasil; para então (2) explorar práticas jornalísticas que acontecem em fluxos comunicacionais não previstos pelos grandes meios de comunicação de massa; e (3) revelar como saberes em Jornalismo circulam em espaços não previstos pela academia, explorando especialmente exemplos de circulação de textos e de especialistas na Internet.

Essa divisão da discussão sobre práticas e críticas jornalísticas, no entanto, se dá mais pela necessidade de ordem textual do que pela separação desses processos na sociedade; percebemos que ações acadêmicas e profissionais e práticas sociais formam circuitos que se interconectam, de maneira que não se possa afirmar onde termina um circuito e começa outro.

O Capítulo 2 - Institucionalização do Jornalismo: a criação de circuitos de prática e crítica jornalística no Brasil - revisa o surgimento de ações profissionais e acadêmicas institucionalizadas na área, revelando a maneira como práticas sociais foram produzindo circuitos em Jornalismo.

O Capítulo 3 - Circulação das Práticas Jornalísticas: fluxos na produção e apropriação de notícias - trata do Jornalismo enquanto prática social e aborda casos em que o domínio sobre a lógica midiática institucionalizada gera práticas jornalísticas por sujeitos amadores. Para discutir essas práticas exploramos especificamente (a) a produção de notícias por amadores em blogs e sites jornalísticos; (b) a apropriação de notícias em redes sociais por ocasião da cobertura de uma tragédia; e (c) as afetações entre circuitos institucionalizados e fluxos comunicacionais não previstos na análise do caso ESPN/Flavio Gomes¹⁴.

O Capítulo 4 - Circulação das Críticas Jornalísticas: fluxos de debate sobre a mídia – trabalha a circulação de saberes em Jornalismo fora da universidade, observando, em específico, (a) a circulação de textos acadêmicos na Internet, por meio da análise de sites e revistas acadêmicas virtuais, da presença de grupos de pesquisa no Facebook, e de textos do Observatório da Imprensa; e (b) a circulação de especialistas na Internet, explorando as interações estabelecidas a partir da página da docente Márcia Franz Amaral no Facebook.

Nas **Conclusões**, por fim, empreendemos uma discussão sobre os casos analisados, buscando entender algumas lógicas de circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em mediatização. Com isso, não pretendemos conclusões generalizantes sobre o Jornalismo atual, mas tentamos compreender a relação entre práticas sociais, ações profissionais e saberes

¹⁴ Flavio Gomes, jornalista, foi despedido da ESPN Brasil, em 2013, por fazer comentários contra os torcedores do Grêmio Football Clube em sua página pessoal no Twitter.

acadêmicos em um ambiente de alta circulação de informações, com fronteiras tênues e facilmente transponíveis, entre circuitos em processamento e fluxos não sistematizados.

[Capítulo 2]

Institucionalização do Jornalismo: a criação de circuitos de prática e crítica jornalística no Brasil

Para compreender os fluxos comunicacionais sobre saberes em Jornalismo que se organizam na sociedade em midiatização, entendemos a necessidade de conhecer antes lógicas dos circuitos já institucionalizados na área. Para isso, revisamos, neste Capítulo, a formalização de ações jornalísticas em práticas profissionais e acadêmicas no Brasil, considerando sua legitimação como criação de circuitos sobre o Jornalismo.

Poderíamos, aqui, falar na fundação de campos acadêmico e profissional em Jornalismo aos moldes de Bourdieu – ou seja, percebendo cada etapa do processo de desenvolvimento do Jornalismo como parte de um campo relativamente autônomo – a constar, os meios de comunicação ou os cursos universitários de Jornalismo. Contudo, optamos por tratar dos ambientes profissional e acadêmico como circuitos por entender que, apesar de academia e rotinas profissionais serem processos reconhecíveis entre usuários e pesquisadores – por suas lógicas estruturadas e legitimadas –, na história do Jornalismo no Brasil práticas profissionais e acadêmicas se fundem em interconexões nem sempre dimensionadas. É justamente esse caráter de fluxos comunicacionais que formam circuitos mais ou menos institucionalizados - e sempre abertos a outras configurações - que interessa à tese.

Uma primeira aproximação corresponde a perceber que essa circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos – que são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores. (BRAGA, 2012a, p.41).

Em especial, neste Capítulo, revisamos as interconexões entre práticas sociais, profissionais e acadêmicas que acabaram por gerar circuitos mais ou menos institucionalizados em Jornalismo, no Brasil.

2.1 Das ações sociais às práticas profissionais em Jornalismo

Data do início do século XIX a circulação do primeiro jornal em solo brasileiro, ainda enquanto colônia portuguesa; trata-se do Correio Braziliense (um veículopositor à coroa), que era dirigido por Hipólito José da Costa e inicialmente impresso em Londres.

É no contexto de luta entre duas formas de ser da sociedade, ou seja, Portugal com seu emblemático atraso e a Inglaterra praticamente já potência mundial, centro do capitalismo mais desenvolvido, que se formulou o pensamento de Hipólito José da Costa. Seu jornal – Correio Braziliense, publicado mensalmente no período compreendido entre 1808 a 1822 – foi o instrumento de que se serviu para lutar pela adoção de medidas que proporcionassem desenvolvimento material ao país e, após as decisões das cortes portuguesas, em nome da separação definitiva da metrópole portuguesa. (FERNANDA CINQUE & MARCÍLIA PERIOTTO, 2007, p.01).

O veículo de Hipólito José da Costa proclamava, ao mesmo tempo, a necessidade de soberania do brasileiro frente a Portugal, e também criticava os privilégios que a Inglaterra tinha sobre o comércio em nosso país. Tratava-se da voz de uma elite brasileira representada no Correio Braziliense, em contrapartida a uma imprensa mais oficiosa que se formava com a disponibilização de uma prensa pela Família Real – que dá início à Imprensa Régia. A prática jornalística no Brasil se inicia, então, a partir de uma conjuntura que envolve disposição de tecnologia, iniciativas individuais, e disputa pelo controle discursivo.

Ainda em 1808, foram concebidos os periódicos Gazeta do Rio de Janeiro, Aurora Fluminense e Jornal do Commercio. Nas primeiras décadas de imprensa, esses veículos oscilam entre um discurso oficioso e de cunho político, introduzindo uma cultura que ganha mais radicalidade a partir dos anos de 1880, com as discussões acerca do abolicionismo.

Antes da década de 1880, os antiescravistas não têm acesso aos jornais de maior prestígio, já que estes adotam posição cautelosa em relação à emancipação, devido principalmente à dependência dos anunciantes, muitos deles senhores de escravos. A crise do escravismo e a ampliação dos grupos sociais urbanos, contrários ao cativo, permitem a ampliação do espaço nos periódicos para as ideias abolicionistas. (MARIALVA BARBOSA, 2007, p.17)

O discurso político mais radical em relação à coroa, aliado à ampliação dos grupos urbanos, abre espaço para a profissionalização do Jornalismo. O século XX inicia assim com

a divisão das redações de acordo com funções específicas. Barbosa (2007) narra que próximo à entrada ficava o redator de plantão, para receber reclamações e notícias vindas do povo. Depois dele, se localizavam outros redatores e repórteres e, ao centro da redação, existia uma grande mesa sobre a qual ficavam os jornais do dia e do estrangeiro. Ao mesmo tempo em que essa organização se funda em determinadas condições sociais da época, também se modifica com as transformações da sociedade. Se, de início, as informações do estrangeiro via jornais ou serviços telegráficos eram fundamentais para a obtenção de notícias, a ponto de ocupar o lugar central das redações, esses textos foram perdendo espaço para as reportagens locais na medida em que a população se relacionava de forma mais direta com as práticas jornalísticas, fazendo denúncias e se oferecendo como pauta. Cabe destacar, então, que os discursos políticos atuam com soberania nas redações enquanto os leitores de jornais se concentram na elite carioca. Ainda na segunda década dos anos 1900, contudo, as notícias referentes ao sensacional e às tragédias cotidianas ganham força nos jornais, devido à observação de que o público se interessava mais por elas do que por projetos de políticos (BARBOSA, 2007). Para dar conta dessas coberturas, os repórteres subiam morros e falavam de temas recorrentes nas favelas, como o curandeirismo.

Essas mudanças no circuito das notícias se dão pelo desenvolvimento urbano, pelos aperfeiçoamentos tecnológicos e principalmente pelo aumento no número de alfabetizados, que faz crescer e diversificar a veiculação de periódicos no Rio de Janeiro dos anos 1920. “Um levantamento das publicações existentes no Rio de Janeiro ao longo da década de 1920 indica a existência de pelo menos oitocentos periódicos. A maioria publica poucos números, sendo que os que duram mais tempo não atingem cinco dezenas” (ABI, 1980, apud BARBOSA, 2007, p.58).

O Jornalismo tal como o concebemos hoje começa no Brasil, portanto, a partir de circuitos que se formam pelos interesses de uma elite política que disputa poderes. Na medida em que essa elite busca adeptos, se abre a maior diversidade de seu público, e os diálogos estabelecidos entre sociedade e redação jornalística, a partir disso, formatam novos espaços para a circulação de notícias. Surge, então, um jornalismo mais popular e diverso em relação às temáticas que aborda – porque as redações se pretendem mais empresas e menos divulgadoras de ideologias, afinal já falamos de um Brasil independente politicamente de Portugal.

Entre a primeira e a segunda década de 1900, é visível o processo de renovação gráfica e editorial do jornalismo, principalmente na região sudeste. Os jornais investiam, então, em tecnologias como a impressão a cores e na organização empresarial, que

recondicionava formas de assinatura e vendas avulsas. O Correio da Manhã, no Rio de Janeiro, foi um dos responsáveis pela expressiva modificação dos periódicos nesse início de século, estabelecendo estratégias redacionais e recursos administrativos para conquistar o público e buscando se destacar como produto de venda fácil e intensa.

O jornalismo do início do século XX, portanto, já tem suas rotinas regulares e atua com certo poder sobre o discurso social. Mas se trata de organizações comerciais que se estruturam de acordo com as demandas sociais da época. Não podemos falar, dessa forma, nas práticas jornalísticas como inovação¹⁵, oferta de algo novo que reforma ou transforma a sociedade; falamos, sim, de um jornalismo que cria estratégias de produção para crescer comercialmente e, por isso, dialoga o tempo todo com a sociedade, a partir de fluxos comunicacionais que vão se estruturando em circuitos institucionalizados, mas sempre abertos a afetações.

No período em que Assis Chateaubriand inicia seu império, em que Irineu Marinho funda O Globo, e no qual outros tantos periódicos começam uma trajetória de sucesso que atravessaria o século XX, os jornais brasileiros dão início à consolidação de uma imprensa burguesa, interessada na comunicação como negócio rentável. Para Nelson Werneck Sodré (1999, p.371), “o terceiro decênio do século foi de grande desenvolvimento da imprensa, particularmente no sentido de consolidar sempre a estrutura empresarial”. Nesse sentido, e com a contribuição de práticas e linguagens advindas do rádio, o jornalismo informativo e utilitário cresce – e se consolida de vez por ocasião da Segunda Guerra Mundial, uma vez que esta desperta na audiência a necessidade de informações via meios de comunicação.

Nelton Araújo (2008) relata que, ainda em 1930, os jornais brasileiros sofrem uma considerável mudança de estilo: da redação baseada no estilo europeu – com participação ainda massiva de escritores literários -, para a adoção do estilo noticioso norte-americano. “Esse processo de transição pode também ser observado pela chegada de novas agências internacionais de notícias, como a United Press e Associated Press, que abasteciam as redações dos periódicos” (ARAÚJO, 2008, p.04). E essas redações noticiosas, fundadas na alta produtividade, exigiam cada vez mais jornalistas bem preparados (tecnicamente).

Havia, então, um descompasso entre os avanços técnicos e os novos procedimentos profissionais na imprensa. Isso refletia diretamente na compreensão do ofício do jornalista, que ainda era visto como uma atividade-meio. Encarado por muitos como um ‘bico’, os níveis de profissionalização dos jornalistas eram baixíssimos, e a sua regulamentação

¹⁵ Trazemos inovação no sentido etimológico da palavra, que vem do latim *innovare* – relacionado a reformas e mudanças.

só viria a ocorrer pelo do decreto-lei nº 910 de 1937¹⁶. (ARAÚJO, 2008, p.05).

O Decreto-Lei nº 910, de 30 de novembro de 1938, dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas. É importante salientar que esse Decreto não implica, necessariamente, uma preocupação com o destaque adquirido pela profissão de jornalista, mas faz parte de um cenário de regulamentação de atividades profissionais e de regimes de trabalhos que resultou, inclusive, na Consolidação das Leis do Trabalho (em maio de 1943). Já o Art. 1º do Decreto-Lei¹⁷ nº910 de 1938 estabelece a diferenciação entre a função do jornalista e das empresas jornalísticas:

§ 1º Entende-se como jornalista o trabalhador intelectual cuja função se estende desde a busca de informações até à redação de notícias e artigos e à organização, orientação e direção desse trabalho.

§ 2º Consideram-se empresas jornalísticas, para os fins deste decreto-lei, aquelas que têm a seu cargo a edição de jornais, revistas, boletins e periódicos, ou a distribuição de noticiário, e, ainda, as de radiodifusão em suas secções destinadas à transmissão de notícias e comentários.

Compreende-se, a partir do disposto, que a atividade de jornalista pode não ser essencialmente uma função desenvolvida em empresas jornalísticas. Contudo, à época, as tecnologias de reprodução de mensagens para acessar a massa estavam restritas ao poder dos conglomerados comunicacionais que já se formavam; além disso, o que gerava a necessidade de profissionalização era justamente a obtenção de lucros dessas empresas comunicacionais.

Art. 12. Somente poderão ser admitidos ao serviço das empresas jornalísticas como jornalistas, locutores, revisores e fotógrafos os que exibirem prova de sua inscrição no Registo da Profissão Jornalística, a cargo do Serviço de Identificação Profissional do Departamento Nacional do Trabalho, no Distrito Federal, e das Inspetorias Regionais do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, nos Estados e Território do Acre.

Art. 13. Para o registo de que trata o artigo anterior, deve o requerente exhibir os seguintes documentos:
 prova de nacionalidade brasileira;
 folha corrida;
 prova de que não responde a processo ou não sofreu condenação por crime contra a segurança nacional;
 carteira profissional.

¹⁶ Embora o autor aponte o Decreto-lei como datado em 1937, registros da Câmara dos Deputados acusam o Decreto-Lei nº910 como disposto em 30 de novembro de 1938.

¹⁷ Decreto disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaoriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2013; 17:20.

Naquele momento, não era necessária a formação acadêmica para o exercício da atividade jornalística. Ou seja, não se pensa a prática jornalística de outra forma que não pela profissionalização das redações visando o lucro empresarial. Mesmo a “criação de escolas”, cogitada no Decreto, prevê a instalação desses cursos pelo Governo Federal não no sentido de reflexão ou fundação de novas práticas, mas como preparação para o exercício do jornalismo empreendido pelos conglomerados existentes.

Art. 17. O Governo Federal, de acordo com os Governos Estaduais, promoverá a criação de escolas de **preparação ao jornalismo**, destinadas à formação dos profissionais da imprensa. (grifos nossos).

Parágrafo único. Criadas as escolas, de que trata este artigo, a inscrição no Registo da Profissão Jornalística só se fará, para os novos profissionais, em face dos diplomas do curso feito ou exames prestados em tais escolas.

Ao se falar em “preparação ao jornalismo”, se entende que a formação prevista se dá no sentido de preparar os profissionais ao exercício de uma prática jornalística já conhecida e conduzida nos e pelos meios de comunicação da época – destacam-se: jornais, revistas e rádios essencialmente comerciais. Cabe observar que nessas primeiras décadas do exercício da profissão de jornalista, no Brasil, as práticas advêm de saberes de outras áreas – como o Direito, a Literatura, a Política, etc. Quando se fala em imprensa artesanal, por exemplo, representa-se uma produção discursiva que está no mesmo nível de sua audiência no quesito cognitivo - os primeiros “jornalistas” são egressos do curso de Direito¹⁸ que escrevem para uma elite tão culta quanto eles. Por mais que a literatura acadêmica reconstrua a história desses primeiros anos de imprensa buscando regularidades discursivas, não há como estabelecer, ainda, a existência de parâmetros específicos para a prática jornalística. Foram os circuitos formados na relação entre demandas sociais e práticas empresariais que formataram as rotinas produtivas em jornalismo – e a prática de profissionais formados em outros cursos organizou a necessidade de formação em jornalismo e a maneira como ela deveria ser conduzida.

As relações históricas entre demandas sociais e objetivos empresariais formataram, assim, o ambiente profissional do Jornalismo que conhecemos hoje, e que é constituído principalmente pelos meios de comunicação de massa. Embora estes compreendam

¹⁸ Lembrando que a graduação em Direito no século XIX, e meados do século XX, não se dá no interior de uma cultura jurídica, como identificamos hoje. Antônio Carlos Wolkmer (2000) diferencia os dois primeiros cursos de Direito no Brasil afirmando que a escola de Recife se configurava como um centro de formação de intelectuais e produtores de ideias autônomas; seu objetivo era formar “homens de ciência”. Por sua vez, a escola de São Paulo destacava-se pela formação de grandes políticos e burocratas; era voltada ao bacharelismo liberal e, com frequência, os profissionais egressos dali se dedicavam à política e ao jornalismo.

regularidades discursivas mais ou menos institucionalizadas, são acima de tudo lugares de encontro – pois decorrem deles interações que acontecem em suas regularidades ao mesmo tempo em que as reformulam.

O Jornalismo é feito, sobretudo, de sujeitos em constante interação e, assim, mesmo o que entendemos por práticas “estruturadas” no interior dos meios tem sua origem em processos tentativos. Alguns episódios da história contada sobre os meios dão conta da importância de sujeitos, em processos tentativos, para o que tomamos como padrão jornalístico ao final do século XX. Lembremos o início do rádio, por exemplo, que toma ares de mídia no Brasil a partir da iniciativa de investimentos de Roquette-Pinto, que fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, e tinha como objetivo a divulgação de conteúdo educativo. O rádio não nasce, então, espetacularizado, massificado, ou apelativo; Roquette-Pinto definiu para sua emissora o slogan de “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil” e montou uma programação baseada em conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesia e música instrumental (LUIS ARTUR FERRARETTO, 2001). A seleção que Roquette-Pinto fazia das principais notícias do impresso para serem lidas à audiência configurou o primeiro modelo de radiojornalismo brasileiro.

O que Roquette-Pinto pretendia estruturar para o rádio brasileiro caiu por terra nas interações produção-recepção, e nas experimentações de alguns locutores. Adhemar Casé e César Ladeira, por exemplo, tiveram considerável importância na transição do rádio cultural de Roquette-Pinto para o rádio popular e comercial. César Ladeira, além de ser a voz de oposição da Rádio Record ao Governo Vargas, ficou famoso pela forma como organizou a programação da emissora: foi ele quem introduziu o cast profissional e exclusivo, com remuneração mensal, o que deu origem à corrida das emissoras para contratação de artistas de peso. Foi Ladeira também quem deu vez, já na Rádio Mayrink Veiga, a grandes nomes como Carmen Miranda e Silvio Caldas. Devido ao sucesso do locutor, a Mayrink Veiga dominou o mercado radiofônico nos anos 30. Vejamos que as iniciativas do radialista foram fundamentais para a profissionalização dos trabalhadores do rádio no Brasil.

Adhemar Casé, por sua vez, em processos tentativos, contribuiu para a popularização da programação radiofônica brasileira. Antes mesmo de Paul Lazarsfeld¹⁹ realizar suas pesquisas administrativas sobre a audiência radiofônica, nos Estados Unidos, e acrescentar a

¹⁹ Paul Lazarsfeld foi um psicólogo austríaco emigrado para os Estados Unidos, em 1935. Em 1938, Lazarsfeld assumiu a responsabilidade pelo Princeton Radio Project, que era um projeto de pesquisa administrativa e estudos quantitativos sobre audiências radiofônicas (ARMAND MATTELART & MICHELE MATTELART, 1999).

função de entretenimento aos meios de comunicação, um brasileiro realizou testes que disseram muito sobre o que seria o futuro da programação por aqui. Adhemar Casé comprou o horário dominical da Rádio Philips, entre 20 e 24 horas, e apresentou, por alguns dias, programação popular nas duas primeiras horas do Programa Casé e música erudita nas horas subsequentes. Ao observar que o número de telefonemas para a emissora era alto durante a primeira metade do programa, em relação à ausência de participação nas outras duas horas, Casé optou pela popularização da programação já na segunda semana de transmissões, e seu programa, assim, foi uma das maiores atrações do rádio brasileiro nos anos 1930 (FERRARETTO, 2001).

Essa popularização trouxe consigo a transmissão de publicidade e a veiculação do primeiro *jingle* na rádio brasileira, que aconteceu quando Antônio Gabriel Nássara, compositor e desenhista, leu de forma cantada e em ritmo de fado o anúncio da Padaria Bragança, que trazia o seguinte verso: “Oh, padeiro desta rua / tenha sempre na lembrança / Não me traga outro pão / que não seja o pão Bragança”. Imaginemos, então, que os *jingles* que deram vida à publicidade no rádio e fizeram parte da infância de nossos pais e avós - tais como Detefon, medicamento Melhoral, cobertores Parahyba ou creme dental Eucalol -, antes de se tornarem estratégias dos meios de comunicação de massa para a persuasão do público, tiveram origem em um acaso da programação radiofônica brasileira – em um ato espontâneo e informal.

É possível demarcar também um formato para o texto jornalístico, baseado em uma linguagem objetiva e concisa, muito antes da redação de manuais de grandes jornais impressos. Veiculado pela primeira vez em 1941, o Repórter Esso chegou a ser apresentado em cinco edições diárias, mas sua verdadeira contribuição ao radiojornalismo brasileiro foi deixando um “modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado” (FERRARETTO, 2001, p.127). O autor lembra que a credibilidade do Repórter Esso era tanta que dois furos que poderiam marcar a história do radiojornalismo brasileiro perderam força frente à desconfiança de tudo o que não fosse veiculado via Esso. O final da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, foi anunciado primeiramente pela Rádio Tupi, em 1945; contudo ninguém acreditou no fato porque o Repórter Esso ainda não o havia veiculado. Também o suicídio de Getúlio Vargas, ocorrido em 1954 e noticiado em primeira mão por Leo Batista, então radialista da Rádio Globo, foi tomado como hipótese até que o Repórter Esso o confirmou.

Percebemos, em relatos históricos sobre os meios de comunicação brasileiros, uma série de processos tentativos que se tornaram práticas, regularidades. Contudo, quando a

história dos meios de comunicação nos conta que os primeiros programas de rádio imitavam o impresso tanto quanto as primeiras transmissões televisivas imitavam o rádio, parece que essa institucionalização se dá de maneira automática – e se destitui, assim, a força dos processos tentativos como propulsores de mudanças que se tornariam, com o tempo, institucionalizadas. A história substitui Roquette-Pinto por radiodifusão, Adhemar Casé por popularização, Repórter Esso por jornalismo objetivo.

Cabe lembrar também a natureza tentativa dos formatos e estratégias televisivas que, hoje, parecem canonizados. Luciana Bistane & Luciane Bacellar (2008) apontam, por exemplo, que o fim da obrigatoriedade da aparição do repórter na abertura das matérias nos telejornais da Rede Globo de Televisão foi uma decisão derivada de um *insight*. José Bonifácio Sobrinho (Boni), então diretor da emissora, estava assistindo à matéria sobre o nascimento de Mariana, filha de Fafá de Belém, em 1980, e sentiu-se incomodado com a presença do repórter Carlos Nascimento na cena inicial da reportagem, em que o destaque deveria ser especialmente para mãe e filha. Boni, no dia seguinte, enviou memorando aos telejornais extinguindo a abertura das matérias pelos repórteres e incorporando sua aparição no decorrer do texto televisivo – por meio do que hoje conhecemos como boletim de passagem.

Parece claro que categorizar formatos, estabelecer padrões e reduzir a história da comunicação às generalizações sobre os meios são estratégias para compreender os processos midiáticos. Contudo, é preciso ter em mente que, por trás de cada afirmação sobre o Jornalismo, subjaz uma história e um posicionamento. Ou seja, falar em Jornalismo é considerar, em virtualidade, o campo que compreende a atividade, a profissão, suas rotinas, suas linguagens, seus atores e interfaces. Sempre que trazemos o termo para nossa discussão, falamos de um viés em específico, que pode ser traduzido pela “prática profissional que se dá nos meios” (a técnica), pela “narrativa sobre a história recente” (o discurso), ou pela “função de editar o mundo para a sociedade” (a função social).

Mais comumente nos referimos ao Jornalismo como o trabalho dos meios de comunicação de massa, mas vale lembrar que a institucionalização de práticas jornalísticas se deu a partir de processos tentativos, de fluxos comunicacionais que, aos poucos, se tornaram circuitos. E, hoje, os fluxos desses circuitos também são atravessados por outros processos, outros fluxos, outras práticas de sujeitos que compreenderam as lógicas das mídias e as empreendem em seu cotidiano. Esses fluxos em relação às práticas profissionais são explorados no Capítulo 3.

2.2 Das práticas profissionais às teorias acadêmicas em Jornalismo

A primeira escola de Jornalismo do Brasil foi fundada no Estado de São Paulo, quase dez anos depois da publicação do Decreto-lei nº910, em 1947. As reflexões de Cásper Líbero, jornalista brasileiro que modernizou o vespertino *A Gazeta*, em São Paulo, e foi responsável pela criação da primeira agência de notícias do Estado, a Agência Americana, foram primordiais nessa fundação.

Em 1943, por meio do testamento do jornalista paulistano Cásper Líbero, então diretor-proprietário de um dos mais modernos jornais da América Latina, *A Gazeta*, nascia a primeira faculdade de Jornalismo do Brasil. Devido a entraves legislativos, o curso só entraria em funcionamento quatro anos depois. A atitude pioneira não surpreendeu seus pares. Cásper Líbero, ao longo da década de 1930, aprofundou as reflexões nesse sentido, favorecido pelas viagens à Europa e aos Estados Unidos. (GISELY HIME, 2004, p.01).

De acordo com Hime (2004), Cásper Líbero era um entusiasta da formação e do aperfeiçoamento dos jornalistas para que houvesse um exercício competente e responsável da profissão e esse entusiasmo ficava claro nos editoriais de *A Gazeta*.

Posta em função da cultura, como instrumento divulgador, a imprensa realiza o milagre da máxima distensão pelo mínimo preço. O jornal é o professor, o jornal é o orador, o jornal é o técnico, graças à variedade da matéria que pode fornecer ao público e à mobilização imediata de todas as aptidões práticas chamadas a colaborar na sua feitura, no menor espaço de tempo. É a literatura, a agricultura, a economia política, a informação de toda espécie, tudo colocado ao alcance do leitor mediante um níquel de cem ou duzentos réis. O jornal informa, o jornal educa, o jornal edifica, se encarado por este aspecto. (*A GAZETA*, apud HIME, 2004, p.01).

Vejamos que a relação entre uma prática voltada ao bem social e uma atividade necessariamente ligada à organização empresarial está na fundação dos cursos de Jornalismo no Brasil. Cásper Líbero, seu pioneiro, concebia o jornal como um educador e, ao mesmo tempo, agia como empresário. Em seu testamento, Cásper Líbero mencionou a criação de "uma escola de jornalismo e ensinamento de humanidades, particularmente português, prosa, estilo, literatura, eloquência, história e filosofia, em cursos de grandes proporções, a começar pelo secundário e finalizar pelo superior" (apud HIME, 2004, p.02). Seu interesse é que houvesse um espaço de aperfeiçoamento dos profissionais do jornalismo para atuarem nessas empresas jornalísticas mencionadas já no Decreto-lei nº910.

Enquanto "homem de jornal" - como se dizia ele próprio -, manteve-se ligado a todos os movimentos da classe, onde a discussão sobre a necessidade de se investir na formação profissional ocupa praticamente toda a década de 1930. Propostas como bibliotecas, cursos de extensão e finalmente um curso de jornalismo são registradas no decorrer de toda essa década. *A Gazeta* dá ampla cobertura ao assunto, promovendo eventos como a Semana do Jornalista, em janeiro de 1940. Dois anos depois, apoiaria a realização do Primeiro Congresso dos Jornalistas Profissionais, onde propostas como cursos livres e em nível universitário são registradas, faltando apenas quem efetivamente lhes dê encaminhamento prático. O Sindicato dos Jornalistas, encarregado pela classe, não chega a tirá-las do papel. Cásper, reafirmando as estreitas ligações com os interesses do meio jornalístico, é o primeiro a dar forma a tais aspirações. (HIME, 2004, p.01).

É, então, a partir do testamento de Cásper Líbero que surge a Faculdade Cásper Líbero, consolidando uma discussão que iniciara ao menos uma década antes, com a realização do I Congresso da Imprensa do Estado de São Paulo, em 1933, em que os discursos coincidiam para a formação de escolas de Jornalismo que “aprimorassem” a atividade já existente.

Fala-se, pela primeira vez, na organização de cursos e escolas jornalísticas, que deveriam ser apoiados e promovidos pela API²⁰, no intuito de capacitar o jornalista para o cumprimento de “sua missão de esclarecedor e orientador da opinião pública”. Diante da **função cultural da imprensa**, que essa missão define, é indispensável ao jornalista ampliar o máximo possível seus conhecimentos. (HIME, 2005, p.03 – grifos nossos).

O primeiro curso superior de Jornalismo no Brasil surge, então, a partir da necessidade de dotar as empresas jornalísticas de bons profissionais, e por iniciativa de empresários das mídias. Nota-se, nesses relatos, a semelhança do surgimento dos primeiros cursos de Jornalismo no Brasil com a experiência estadunidense, em que a formação acadêmica se volta à profissionalização e não à ciência – como se estabeleceu na Europa. Além de uma defasagem temporal – o primeiro curso europeu surgiu com mais de meio século de antecipação em relação ao americano²¹ – houve também diferença relevante em

²⁰ Associação Paulista de Imprensa.

²¹ “Nos Estados Unidos da América do Norte o primeiro espaço universitário dessa natureza cria-se apenas em 1869, no Washington College, Virgínia. Por sua vez, a primeira experiência européia datava de 1806, tendo sido protagonizada pela Universidade de Breslau, então situada em território alemão”. (JOSÉ MARQUES DE MELO, 2004, p.75). Contudo, ainda em 1690, Tobias Peucer apresentou à Universidade de Leipzig, Alemanha, uma tese pioneira sobre jornalismo, intitulada *De Relationibus Novellis* (semelhante a Relatos Jornalísticos) na qual pesquisava – nos moldes da ciência – questões semelhantes aquelas de estudos contemporâneos em Jornalismo, tais como ética, censura, linguagem e fontes. Quase três séculos depois, em 1907, foi a vez do também alemão Karl D'Esther publicar sua tese na área, enquanto nos Estados Unidos ainda havia resistência de membros da imprensa ao ensino superior em Jornalismo (MARQUES DE MELO,

relação ao modelo de ensino nos dois continentes.

O curso europeu tinha perfil academicista, orientando-se no sentido de alavancar uma “ciência da imprensa”. Por sua vez, o curso norte-americano era mais modesto, pretendendo simplesmente “aperfeiçoar tipógrafos”, ou seja, ampliar seu conhecimento no âmbito das artes e das ciências. (MARQUES DE MELO, 2004, p.75).

Marques de Melo relata que o empresário e jornalista Joseph Pulitzer defendia ferrenhamente a formação acadêmica em Jornalismo e, diante da resistência de demais profissionais, chegou a oferecer dois milhões de dólares em financiamento à universidade que aceitasse fomentar o ensino na área. A primeira negociação estabelecida, nesse sentido, se deu com a Universidade de Harvard, contudo, ao visualizar um currículo mais voltado à técnica e menos à intelectualidade, Pulitzer desistiu do acordo, e publicou seu famoso ensaio “The College of Journalism”, em 1904.

A tese defendida era a seguinte: “Nada de ensinar tipografia ou gerência, nada de reproduzir com triviais variações o curso de uma escola comercial. Isto não é de âmbito universitário! A ideia é a de trabalhar para a comunidade, e não para o comércio, e não para o indivíduo, mas unicamente para o público. A Escola de Jornalismo deve ser, no meu conceito, uma escola não-comercial e mesmo anti-comercial. Deve exaltar os princípios, o conhecimento e a cultura às expensas do negócio, se necessário. Deve construir ideais, mantendo a contabilidade no seu lugar, e fazer da alma do jornalista a alma do jornal.” (CARLOS RIZZINI, 1953, apud MARQUES DE MELO, 2004, p.77).

Mas como fazer uma escola não-comercial de Jornalismo se a prática jornalística tinha se fundado justamente sob a lógica das empresas? Em meio a discussões do gênero, estabeleceram-se dois modelos de ensino em Jornalismo nos Estados Unidos: um voltado à pós-graduação e ao ensino para editores já formados em outras áreas, desenvolvido em 1912 pela Universidade de Columbia – que recebeu o financiamento milionário de Pulitzer -, e outro voltado à graduação e focado na formação de repórteres, fundado pela Universidade de Missouri, em 1908. Esse segundo modelo é semelhante ao que se pensava para o ensino em Jornalismo no Brasil.

Não obstante, a formalização da educação de jornalistas na universidade é o resultado de três fatores mutuamente relacionados: o interesse dos meios de comunicação por melhorar o nível profissional de seus trabalhadores, o interesse das próprias universidades por oferecer uma formação baseada em critérios científicos, e finalmente o sistema político, que considera funcional

e financeiramente rentável a criação destas escolas/faculdades²². (CLÁUDIA MELLADO, 2010, p.14).

Uma vez institucionalizado pelas práticas de meios de comunicação de massa, o Jornalismo se vê, então, institucionalizado também por ações acadêmicas, que surgem da necessidade de profissionalização das redações. No Brasil, em específico, predominou a separação tecnicista norte-americana, pela qual as graduações enfocam o ensino praxiológico, enquanto fica a cargo das pós-graduações um ensino mais reflexivo.

2.3 Da graduação praxiológica à pós-graduação teórico-reflexiva em Comunicação

Para Stela Meneghel (2010), a configuração da universidade brasileira divide-se entre cursos de graduação e pós-graduação voltados essencialmente ao fazer, dos quais poderíamos citar as engenharias; e cursos de graduação e pós-graduação voltados majoritariamente à pesquisa, tais como os derivados das ciências sociológicas. O ensino em Jornalismo institucionalizou-se como uma mistura dessas duas vertentes: lidamos com uma graduação essencialmente voltada ao fazer-midiático e com uma pós-graduação que prioriza a pesquisa comunicacional, em separado do mercado.

A Escola de Jornalismo, que não queria ser oficial, que não faria doutores nem bacharéis, mas que se propunha unicamente a propiciar a seus alunos o **ensino das matérias julgadas essenciais à prática da profissão**, cuidando da cabeça e das mãos dos estudantes, com a teoria da ciência necessária e a prática das artes de gravar. Ao lado do programa das aulas do curso teórico propriamente dito, a Escola ministraria o ensino prático. Seria, então, fundado o jornal para os alunos e na redação e nas oficinas dessa folha iriam os estudantes desenvolver praticamente a sua força na sintaxe e na ortografia da língua. O jornal seria a escola de aplicação, onde os alunos completariam os seus estudos, redigindo reportagens, que poderiam ser mundanas, artísticas, policiais ou sociais, escrevendo artigos de política e finanças, com orientação própria ou ditada pelo professor, fazendo crítica de música, pintura, teatro e letras, conforme o adiantamento no Curso regular da Escola. (VICTOR DE SÁ, 1955, apud MARQUES DE MELO, 2004, p.80-81 – grifos nossos).

²² Tradução nossa do original “Así, las Ciencias de la Comunicación se enfrentan a la dificultad de unir los contenidos de las técnicas periodísticas con el estudio científico de la comunicación de masas”. No obstante, agregan, la formalización de la educación de periodistas en la universidad es el resultado de tres factores mutuamente relacionados: el interés de los medios de comunicación por mejorar el nivel profesional de sus trabajadores; el interés de las propias universidades por ofrecer una formación basada en criterios científicos, y finalmente el sistema político, que considera funcional y financieramente rentable la creación de estas escuelas/facultades”

Até os anos de 1940, os registros sobre a pesquisa em comunicação no Brasil relatam estudos documentais e históricos; a partir dessa década, inserem-se também no país pesquisas de cunho administrativo em relação às audiências, principalmente devido à fundação do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em 1942. Os centros universitários que surgem a partir daí estão estritamente ligados à pesquisa, mas no âmbito da pós-graduação, enquanto que à graduação confere-se a função de profissionalizar comunicadores e, dentre eles, jornalistas.

Há duas instituições-chave para entendermos a moderna pesquisa de comunicações no país: a Universidade de Brasília, cuja faculdade de Comunicação é criada em 1964. Ela foi dirigida por Pompeu de Souza, que resolve fazer um périplo pelo mundo todo para avaliar como outros países ensinavam comunicação. Paralelamente a Universidade de São Paulo (USP) cria em 1966 a Escola de Comunicação e Artes (ECA), sendo a primeira escola do Brasil com investimento em equipamentos, laboratório e pesquisa. O primeiro corpo docente da ECA foi todo obrigado a se inscrever em pesquisa, e eu pertencço a essa geração. Quando fomos contratados, éramos obrigados a nos inscrevermos no doutorado, senão não podíamos permanecer além do contrato inicial, que era de três anos. Aí começa o investimento em pesquisa no país, e que se começa a ter uma geração de conhecimento em várias instituições. (MARQUES DE MELO, 2010, p.01).

Jesus Martin-Barbero (1990) contextualiza o debate entre teoria e prática na década de 1970, quando as reclamações sobre o ensino de Jornalismo na América Latina eram generalizadas. Decorreu dessa década, de acordo com o autor, a revisão dos currículos dos cursos, que inseriram questões de Humanidades e Ciências Sociais em suas grades de disciplinas. “Mas essa readequação se efetuou em muitos casos de modo instrumental: a teoria suplantou a reflexão convertendo-se em arma de generalização puramente especulativa e em catecismo castrador da imaginação, substitutos da produção”.²³ (MARTIN-BARBERO, 1990, p.71). A vertente teoricista que se formava nos anos 1970, muito por conta da existência de pesquisas nas universidades, propiciou essa divisão entre teoria e prática, ciência e ação profissional.

A dificuldade de relacionar ensino e pesquisa na graduação remonta ao fato de que alguns professores estabelecem uma diferença entre a sala de aula e o espaço da pesquisa. Assim, a graduação continua sendo um espaço de reprodução e não de produção de conhecimentos, enquanto o espaço da pesquisa é muito mais valorizado e altera o comportamento dos professores na elaboração das rotinas, na relação com os alunos, no investimento feito. (LUCIANA MASSI & SALETE QUEIROZ, 2010, p.179).

²³ Tradução nossa do original “Pero esa reubicación se efectuó en muchos casos de modo instrumental: La teoría suplanto a la reflexión convirtiéndose en arma de generalización puramente especulativa y en catecismo castrador de la imaginación, sustitutivos de la producción”.

Dessa forma, na circulação de saberes em Jornalismo, encontramos poucos circuitos institucionalizados de diálogo efetivo entre profissionais e acadêmicos. Os egressos de Jornalismo (e de outras áreas da Comunicação) se optam pelo mercado de trabalho realizam, quando muito, especializações *lato sensu* nas áreas em que escolheram atuar; em contrapartida, se optam por pós-graduações *stricto sensu* é, quase sempre, devido à escolha por seguir carreira acadêmica. Os editores de meios de comunicação geralmente não veem com bons olhos a entrada de mestres ou doutores nas redações, uma vez que estes são considerados “pessoas da academia”, sem prática profissional ou ritmo para a rotina das redações. Da mesma forma, quando um profissional há muito tempo graduado resolve voltar aos bancos universitários para cursar uma pós-graduação encontra barreiras nos processos seletivos, por não ter experiência em pesquisa.

Quanto à diferença entre a graduação de cunho praxiológico e a pós-graduação voltada à reflexão, verificamos que os cursos de graduação em Comunicação, no Brasil, são voltados especificamente às chamadas habilitações: Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Produção Editorial, Rádio e TV, etc; enquanto as pós-graduações se colocam de forma mais abrangente, envolvendo áreas abertas de pesquisa.

Realizamos, em 2012, um levantamento a partir de dados disponíveis na CAPES²⁴ - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -, órgão governamental responsável pela avaliação dos cursos de Graduação e Pós-Graduação no Brasil. Nossa pesquisa revelou a existência de 43 Programas de Pós-Graduação em Comunicação no país e apenas dois deles voltam sua área de concentração em específico ao Jornalismo: Mestrado em Jornalismo com área de concentração em Processos Jornalísticos, da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo com área de concentração em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Embora os demais programas originem pesquisas relacionadas ao Jornalismo, esse enfoque da pós-graduação enfatiza a predominância de estudos acima de tudo comunicacionais. Títulos como “Comunicação e Sociedade”, “Comunicação na Contemporaneidade”, “Comunicação Contemporânea”, “Comunicação, Inovação e Comunidades”, “Comunicação e Cultura”, ou simplesmente “Comunicação Social” permitem inferir a diversidade de temas que cabem em suas pesquisas, por diversas vias teóricas e/ou metodológicas. As pesquisas realizadas nesses programas de pós-graduação investem em reflexão, crítica dos meios, e na compreensão de novos processos e fenômenos sociais -

²⁴ Dados obtidos por meio do endereço: <http://www.capes.gov.br/>. Acesso em: 11 de outubro de 2012; 14:00.

enquanto as graduações ainda focam no ensino da técnica.

Diante dessa separação entre ensino e pesquisa, teoria e prática, visualizamos poucas possibilidades de interação entre diferentes públicos nos circuitos já existentes na circulação de saberes acadêmicos em Jornalismo, a constar:

1. *Circuitos de Ensino: Sala de aula dos cursos de graduação* – envolve a prática profissional que é trabalhada junto ao discente por docentes; estes podem estar restritos à graduação ou envolvidos em pesquisas da pós-graduação. Releva-se que, para que um discente de graduação seja estimulado a pensar suas práticas midiáticas e as rotinas de produção a que vai se submeter, é necessário que o docente explore conexões entre teoria e prática. Ministras aulas teóricas com a exibição de conceitos, histórias ou teorias não garante a conexão entre a reflexão e a prática acerca de produtos e rotinas jornalísticas.
2. *Circuitos de Ensino: Sala de aula dos cursos de pós-graduação* - empreende reflexão teórica entre pós-graduandos e docentes envolvidos com a pós-graduação. Convém lembrar que profissionais da área da Comunicação, na maioria dos casos, retornam à universidade quando estão interessados na carreira acadêmica e não na reflexão de suas práticas profissionais. Dessa forma, a relação entre pesquisa e prática profissional na área não passa necessariamente pela existência da pós-graduação no país.
3. *Circuitos de Pesquisa: Eventos de divulgação científica* – produzem interação entre discentes e docentes, sejam eles de graduação ou pós-graduação, que trocam experiências sobre práticas profissionais e reflexões teóricas. Cabe destacar que dificilmente fazem parte desses eventos profissionais da área da comunicação que não estejam vinculados a programas de graduação ou pós-graduação na área, o que leva a crer que esses circuitos produzam interações entre os próprios pares acadêmicos.
4. *Circuitos de Pesquisa: Publicações de divulgação científica* – ambientes pelos quais discentes e docentes, sejam eles de graduação ou pós-graduação, trocam experiências sobre práticas profissionais e reflexões teóricas em Comunicação. Mesmo os discentes de graduação, ou seja, futuros profissionais de Jornalismo ou outras áreas comunicacionais se interessam pela produção e divulgação científica quando têm a pretensão de formar um histórico de pesquisa com o objetivo de seguir carreira acadêmica. Da mesma forma, o acesso aos espaços de divulgação científica é ação quase que exclusiva de sujeitos envolvidos com pesquisa e divulgação científica.

Raramente, profissionais da Comunicação acessam esses espaços, que são abertos a qualquer tipo de busca. Nesse sentido, a exemplo dos eventos de divulgação científica, a circulação de saberes em Jornalismo, a partir de publicações de divulgação científica, parece formar circuitos entre os próprios pares acadêmicos.

5. *Circuitos de Pesquisa: Espaços de produção do conhecimento* - formados por grupos dos quais fazem parte discentes e docentes de graduação e pós-graduação. Geralmente a iniciação científica - atividade realizada durante a graduação, a partir da qual o discente é iniciado no “jogo” da ciência sob a orientação de um docente (LÍVIA SIMÃO et al., 1996) - acontece nesses espaços. Mas vale ressaltar que a inserção de discentes na iniciação científica é uma prática de e para poucos que convivem durante o tempo da graduação com atividades concomitantes de exercícios jornalísticos e pesquisas acadêmicas. Alguns acadêmicos vislumbram uma carreira universitária ainda na graduação e, a partir disso, praticam seus ensaios jornalísticos de maneira a cumprir com os requisitos de seu curso: mas seu principal objetivo, ali, já é a inserção nos circuitos de pesquisas – realimentando a produção do conhecimento. Sem considerar, ainda, que a iniciação científica é atividade em vigor principalmente em universidades públicas; escolas particulares de Jornalismo raramente têm essa prática instituída. “Nas Instituições de Ensino Superior Privadas – Iesp –, poucos professores se dedicam à pesquisa – pela característica da universidade e do regime de trabalho – e, conseqüentemente, o número de alunos envolvidos em IC é muito pequeno” (MASSI & QUEIROZ, 2010, p.177).
6. *Circuitos de Extensão: Projetos de extensão* - envolvendo, na maioria das vezes, discentes e docentes de graduação, a extensão é compreendida como uma prática acadêmica que interliga as atividades de ensino e pesquisa com demandas sociais. Mas os conceitos ligados à prática extensionista não estão bem definidos. Paulo Freire²⁵, ao observar práticas de extensão rural, concluiu que a extensão traz consigo a conotação mecanicista de transferir conhecimento de um sujeito que tudo sabe para alguém que nada sabe. Nesse sentido, a extensão não respeitaria necessariamente um diálogo entre academia e sociedade, mas seria um instrumento de imposição que não contribuiria em nada com uma educação libertadora. Freire propõe, então, em sua obra *Extensão ou Comunicação?* (1979), que exista uma prática dialógica, de troca de experiências e conhecimentos, de forma que a ideia de extensão fosse substituída

²⁵ Paulo Freire foi um educador brasileiro que ainda hoje é referência no país e no mundo. Escreveu obras como *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*. Ele lutava por uma educação como prática de liberdade.

em sua prática pela comunicação entre agrônomos e camponeses. Desde a obra de Paulo Freire, atividades que envolvam o diálogo entre certas áreas e a sociedade não acadêmica têm gerado bons frutos em relação à produção conjunta de conhecimento, contudo, muitas práticas no intuito de repasse e transferência de saberes ainda são adotadas em extensões universitárias; o conceito de extensão é tão diverso quanto sua materialização. Por isso, não se pode afirmar que a extensão em Jornalismo cumpre seu papel de criar circuitos que envolvam ensino e pesquisa no diálogo com a sociedade não acadêmica.

Os registros históricos apontam para um afastamento rigoroso entre o ensino praxiológico da graduação e a prática reflexiva das pesquisas na pós-graduação – e mesmo uma separação entre o ensino de disciplinas práticas e teóricas no interior de um mesmo curso. E os circuitos conhecidos sobre a academia estimulam a manutenção de interações interpares, reduzindo as possibilidades de contato entre sujeitos que aprendem e exercem a pesquisa e sujeitos que exercem atividades profissionais no campo da comunicação social.

Esses circuitos institucionalizados, no entanto, não restringem a circulação de saberes em Jornalismo ao interior da universidade, quando observamos a sociedade em midiatização – por isso, explorar a circulação de saberes em Jornalismo em fluxos diversos, para além desses circuitos institucionais, constitui-se como questão central desta tese. A relação entre fluxos comunicacionais e circuitos institucionalizados de crítica jornalística é analisada no Capítulo 4.

2.4 Acrescentando a problemática dos fluxos à compreensão do Jornalismo

Identificamos, nas seções anteriores, diferentes fluxos na formação de circuitos conhecidos sobre a prática e a crítica em Jornalismo: (a) profissionais de outras áreas formaram rotinas jornalísticas nos e pelos meios de comunicação de massa; (b) essas práticas dos meios de comunicação de massa demandaram a organização de manuais de condutas e rotinas jornalísticas, dando origem aos cursos de graduação em Jornalismo; e (c) o ambiente universitário dividiu-se em cursos de graduação que primam pelo ensino profissionalizante e em cursos de pós-graduação que focam na reflexão e crítica das práticas jornalísticas.

A existência de circuitos de ensino, pesquisa e extensão que raramente criam diálogos entre públicos diversos faz refletir sobre a maneira como os saberes da área circulam na sociedade; da mesma forma, ao considerarmos os *media* como propulsores de circuitos já

conhecidos sobre o Jornalismo, mas que não são únicos e nem fechados em si, buscamos desvelar outras interações possíveis na circulação do Jornalismo.

Justamente por ser parte do fenômeno e ao mesmo tempo causa de processos de midiaticização, a Comunicação está sujeita a práticas individuais que se modificam de acordo com a apropriação de novas tecnologias. Nesse sentido, devemos considerar que o ensino, a pesquisa e a extensão são mais que instâncias universitárias ou práticas institucionalizadas; são, antes de tudo, atividades desenvolvidas por sujeitos que se relacionam cotidianamente com seus pares, bem como com outros sujeitos de diferentes instâncias sociais - por vias diversas de comunicação. Ao ponderar, então, que “não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado” (FREIRE, 1979, p.66), entendemos que as práticas em midiaticização constroem fluxos comunicacionais que ainda não formam circuitos rotinizados, mas que são importantes na circulação de saberes em Jornalismo na sociedade.

Algumas interações entre produção acadêmica de crítica midiática e sociedade não acadêmica já são consideradas na literatura. Para Braga, por exemplo, a produção científica é parte de processos sociais, até porque “as ações críticas não se colocam à parte e acima das interações sociais” (BRAGA, 2006, p.57). O autor acredita que espaços de resposta concedidos à recepção por sua mídia, bem como índices de adesão (tais como audiência, aquisição de periódicos, acessos de Internet, etc.) configuram-se como críticas no processo dinâmico de reformulação do fazer midiático.

Braga identifica condições sociais de existência de um debate social sobre a mídia e, nesse sentido, “o foco dinâmico de um trabalho crítico sobre a mídia deve ser buscado diretamente nos debates (ainda que pobres e raros) ativados na sociedade e solicitados pelo jogo de contiguidades e tensões entre a mídia e os demais setores da sociedade” (BRAGA, 2006, p.56). Ou seja, o autor enfatiza a importância desses fluxos comunicacionais de crítica midiática que a academia toma como tentativos, mas que são insumos essenciais para aprendermos sobre o que é efetivamente importante na crítica a ser desenvolvida pela academia.

Para além de circuitos estabelecidos, portanto, existem ações individuais que também compõem a circulação de saberes sobre o Jornalismo na sociedade. A universidade é feita de instâncias e sujeitos. Logo, e principalmente sob a égide de uma sociedade em midiaticização, não podemos dizer que a atividade jornalística está restrita à prática midiática, que o debate sobre Jornalismo reside na universidade, ou que esta existe a par da sociedade. A prática, o debate, o ensino, a pesquisa e a extensão em Jornalismo devem ser vistos como lugares de sujeitos, para que consigamos entender os fluxos que acontecem à margem de – e muitas

vezes transgredindo – funções previstas pelos meios de comunicação de massa e/ou pelas práticas acadêmicas.

As reflexões conduzidas até aqui permitem inferir, então, que

(1) a atividade jornalística no Brasil foi regradada dentro dos meios de comunicação de massa a partir de lógicas comerciais, e

(2) as ações acadêmicas em Jornalismo foram criadas por demandas dessas lógicas; nesse sentido

(3) não podemos afirmar que ações acadêmicas em Jornalismo são necessariamente avanços em relação ao debate social, mas parecem funcionar muito mais como respostas às práticas sociais. Inferimos ainda que

(4) existem interações já conhecidas na circulação de saberes acadêmicos em Jornalismo, derivadas principalmente de circuitos de ensino (salas de aula da graduação e pós-graduação), circuitos de pesquisa (eventos e publicações de divulgação científica e grupos de pesquisa), e circuitos de extensão (projetos de extensão), bem como existem circuitos já estabelecidos pela e na prática jornalística comercial; mas

(5) tanto circuitos acadêmicos quanto profissionais não são estanques ou fechados em si, como propõe o conceito de estrutura; são antes de tudo espaços para interações entre sujeitos e, por isso,

(6) proporcionam o estabelecimento de fluxos comunicacionais a rigor não previstos pelas lógicas de circulação do Jornalismo nas práticas acadêmicas e nos meios de comunicação. São casos que exploram e representam esses fluxos o objeto dos próximos capítulos desta tese.

[Capítulo 3]

Circulação das Práticas Jornalísticas: fluxos na produção e apropriação de notícias

Ao revisar a fundação da prática e da teoria jornalística no Brasil, no Capítulo anterior, nos deparamos com registros que associam o Jornalismo moderno à história dos meios de comunicação de massa e das instituições midiáticas. Também as divisões mais clássicas do que se conhece por História do Jornalismo, como em *Ciro Marcondes Filho*²⁶ ou *Bernard Miége*²⁷, exemplificam modelos explicativos a partir da relação da mídia com o espaço público.

Esse protagonismo dos meios de comunicação de massa é de fácil compreensão quando olhamos para grandes eventos do século XX e vemos o papel ocupado pela mídia em sua realização. O rádio, por exemplo, foi de extrema importância na disseminação de notícias sobre a segunda grande guerra; o jornalismo impresso, por sua vez, realizou grandes denúncias políticas por todo o século XX; e a televisão, especificamente no Brasil, teve sucesso ao vincular sua programação à cultura popular do país e, dessa forma, por décadas rege o lazer e mesmo a formação dos brasileiros. Mas falar em rádio, televisão, jornalismo impresso e, mais recentemente, em Internet pressupõe assumir um jornalismo já institucionalizado, retirando dele a importância que ações individuais tiveram para o seu desenvolvimento e mesmo para sua institucionalização.

Se “os historiadores, em cada época, têm a liberdade de operar cortes na história a sua maneira (...) porque a história não tem articulação natural” (PAUL VEYNE, 2008, p.27), podemos dizer que o corte realizado pelos historiadores do Jornalismo se dá em relação ao protagonismo dos meios de comunicação, seja sob a ótica do desenvolvimento tecnológico, de

²⁶ Marcondes Filho (2001) fala de quatro fases do Jornalismo: 1) Primeiro Jornalismo, até a metade do século XIX, quando houve a ebulição do jornalismo político-literário; 2) Segundo Jornalismo, quando o jornal se torna grande empresa capitalista, na metade do século XIX; 3) Terceiro Jornalismo, advindo do monopólio das indústrias de mídia no século XX; e 4) Quarto Jornalismo, que surge com a “era tecnológica” no final do século XX.

²⁷ Miége (apud FELIPE PENA, 2005, p.17) fala em quatro modelos de Jornalismo e todos eles já apontam um caráter institucional, ao trabalhar a imprensa de opinião (nos impressos que chegavam a um público restrito), a imprensa comercial (industrial, mercantil e noticiosa), a mídia de massa, e a comunicação generalizada (que trata dos megaconglomerados de mídia).

matrizes discursivas ou de rotinas produtivas. Claro que esse recorte é fundamental na operacionalização de conceitos, na compreensão de etapas e na busca de regularidades nas práticas de determinado período histórico. Mas devemos reconhecer que esse recorte também esconde práticas que revelam a importância do sujeito na História do Jornalismo, porque o jornalismo – sendo relato ou representação discursiva das coisas da vida - é exercido por sujeitos individuais ou coletivos e não por instituições.

Os acontecimentos não são coisas, objectos consistentes, substâncias; são um corte que operamos livremente na realidade, um agregado de processos onde agem e padecem substâncias em interacção, homens e coisas. Os acontecimentos não têm unidade natural; não se pode, como o bom cozinheiro do Phédre, separá-los segundo suas articulações verdadeiras, porque eles não as têm. (VEYNE, 2008, p.47).

Perceber as teorias contemporâneas do Jornalismo implica compreender a forma como o jornalismo evoluiu e os desafios permanentes ao estabelecimento de fronteiras sobre o que é jornalismo (JORGE PEDRO SOUSA, 2008). Entretanto, algumas teorias contemporâneas continuam arquitetando a centralidade dos meios e, diante de complexos processos de midiaticização, ignoram as tentativas dos sujeitos em estabelecer fluxos que por vezes reorganizam nossa compreensão de mídia.

Nesse sentido, para entender o Jornalismo atual em sua complexidade, conceitos já estabelecidos em relação aos meios de comunicação de massa não são suficientes – porque o que vemos hoje são fluxos comunicacionais no interior de circuitos e outros tantos fluxos que não são previstos por esses circuitos e que, ainda assim, incidem sobre as práticas sociais. Assim, não nos interessa delimitar, a rigor, fronteiras do que é ou não Jornalismo, mas sim explorar afetações nas representações discursivas sobre a vida humana em tempos de midiaticização.

O conceito é um obstáculo ao conhecimento histórico porque esse conhecimento é descritivo; a história não tem necessidade de princípios explicativos, mas de palavras para dizer como eram as coisas. Ora, as coisas mudam muito mais depressa do que as palavras. (VEYNE, 2008, p.155).

O que queremos destacar, com isso, é que o Jornalismo sempre foi permeado de processos tentativos que se tornaram, ou não, práticas midiáticas. Com a intensificação da circulação de informações e novas possibilidades inauguradas pelas tecnologias da comunicação, esses processos tentativos estão mais complexos, intensos e propícios a

provocarem constantes mudanças no fazer midiático.

Neste capítulo, exploramos fluxos que, embora relacionados aos meios de comunicação de massa, se evidenciam em distinção. Abordamos, primeiramente, fluxos com enfoque na produção de notícias e, depois, fluxos com enfoque na apropriação de notícias. Cabe destacar que essa separação se dá apenas no intuito metodológico de explorar espaços que se pretendem como “lugares de produção de notícias” - a exemplo de grandes meios -, e outros fluxos que focam mais na apropriação de notícias que já circulam (ou vão circular), sem a intenção deliberada de produzi-las. No entanto, e levando em consideração os fluxos comunicacionais em midiatização, não há a rigor uma separação estanque entre produção e apropriação de notícias, porque falar em fluxos é assumir, justamente, que as informações e os sujeitos estão em constante circulação.

3.1 A produção de notícias em blogs e sites de amadores

Quando falamos em espaços que se assumem como produtores de notícias, logo vem à mente o discurso de grandes meios de comunicação de massa, tais como a televisão, a mídia impressa, o rádio e, mais recentemente, grandes portais de notícias. Essas mídias funcionam a partir de circuitos porque seu fazer já está legitimado – seus fluxos são reconhecidos socialmente. Mas vejamos que, ao mesmo tempo em que a audiência funciona para reconhecer como circuito os fluxos dos meios, também aprende com eles a dominar lógicas de produção de informações.

Esse domínio das lógicas midiáticas, derivado do próprio consumo dos meios, junto às oportunidades decorrentes das novas tecnologias de comunicação, funda outros fluxos na produção de notícias. Muitos desses fluxos são proporcionados pelos blogs – que tiveram início na década de 1990 como diários digitais e, hoje, envolvem também a produção de debates em torno de temas como política, economia, saúde, entretenimento, etc.

O blog é uma das ferramentas digitais mais fáceis de ser utilizada, porque não demanda conhecimentos em linguagem de programação, uma vez que os servidores oferecem uma série de modelos de layouts para os usuários, que escolhem seu template e encaixam nele as informações que querem colocar em circulação.

Se falamos em blog e produção de notícias, não podemos ignorar, então, que existem “blogs jornalísticos” e “blogs sobre jornalismo”, como apontam Zélia Adghirni e Fabio Pereira (2006).

(...) fazemos distinção entre blogs jornalísticos e blogs sobre jornalismo. Os primeiros se identificam a sites noticiosos porque publicam notícias obtidas a partir de rotinas produtivas de jornalismo: pauta, apuração, redação, divulgação, com equipes próprias (ou individuais) e trazem ao público fatos realmente novos (“furos”, eventualmente) que são comentados pelos **jornalistas** que os produzem e pelos leitores que reagem. Mas a característica principal é que se tratam de blogs que trazem no título **o nome do jornalista responsável**, em geral um nome famoso que confere um “lebel” ao espaço na web. Estes blogs criam uma sinergia entre os dois pontos de comunicação, emissor e receptor. Tipo Blog do Noblat (Estadão) e Blog do Josias de Sousa (Folha de S. Paulo) como dois exemplos significativos do modelo a ser analisado. O outro tipo de blog, que chamamos de “blogs sobre jornalismo”, se limita a comentar a atualidade através de artigos de crítica da mídia, tipo “Comunique-se ou Observatório da Imprensa”. Mas não buscam o “furo jornalístico”, ou seja, dar em primeira mão em velocidade record, como verdadeiro, um fato novo que “quebre a superfície lisa do cotidiano” (Traquina, 1993). (ADGHIRNI & PEREIRA, 2006, p.03 – grifos nossos).

Pois bem, nessa seção nos interessa discutir algo relacionado aos blogs jornalísticos – até porque sobre a crítica midiática e sua relação com os “blogs sobre jornalismo” falaremos no próximo capítulo. Vejamos, então, que os autores classificam os blogs jornalísticos como aqueles que estão relacionados ao nome de seu produtor, um jornalista responsável e sobre o qual já recai certa legitimidade jornalística, “quer dizer, o adjetivo « jornalístico » está ligado aqui à identidade e à legitimidade do produtor” (ADGHIRNI & PEREIRA, 2006, p.03) e os autores se referem a essa legitimidade justamente para “excluir do seu universo outros tipos de blogs, produzidos por adolescentes ou ligados à comunidades virtuais, por exemplo.” (ADGHIRNI & PEREIRA, 2006, p.03).

Não se trata apenas de colunistas de grandes jornais, mas de profissionais que já construíram uma imagem na mídia tradicional e emprestam essa imagem, seu nome, ao sucesso da página. Entendemos essa diferenciação realizada por Adghirni e Pereira e concordamos que exista um tipo de blog jornalístico que se caracteriza pela legitimidade de seu produtor – mas visualizamos, ainda, a existência de outro modo de se fazer jornalismo em blogs, a partir da circulação de conteúdo informativo gerado por amadores, de que trataremos mais tarde. Sobre os blogs jornalísticos ligados à identidade de seu produtor, destacamos que fazem parte do circuito midiático já legitimado – podem possibilitar também, claro, outros fluxos por sua característica digital, mas esses fluxos derivam de circuitos de grandes mídias.

Em 2011, a Technorati, buscador para blogs, realizou um levantamento que gerou o Relatório do Estado da Blogosfera²⁸ naquele ano, revelando, dentre outros dados, a ligação

²⁸ Dá-se o nome de blogosfera à comunidade de todos os blogs. Os dados do Relatório do Estado da Blogosfera

entre blogs e mídias tradicionais: quase um terço dos blogueiros tem alguma relação com a mídia tradicional, porque já fizeram parte dela no passado ou mantém uma função concomitante na mídia tradicional e no blog. Então as relações que se constroem a partir dessa conexão blogueiro-mídia fazem parte já dos circuitos estabelecidos por grandes meios, seja pela credibilidade assumida pelo autor ou pelos fazeres que um dia ele praticou no interior dos meios de comunicação de massa. Não queremos dizer que não existam aqui potencialidades na criação de fluxos comunicacionais para além dos meios, mas destacamos que essas potencialidades já são exploradas nos estudos de Jornalismo. Interessa-nos, sobretudo, os blogs que, mesmo sem legitimidade autoral, parecem praticar rotinas jornalísticas e, com isso, criar fluxos na produção de notícias.

O mesmo relatório que apontou a relação entre blog e mídias tradicionais também observa que 60% da blogosfera é composta de amadores que usam daquele espaço para diversão e não relatam qualquer rendimento com essa ação. Consideramos que fluxos de produção de notícias no jornalismo atual possam vir dessas iniciativas de blogueiros amadores.

Com um grande potencial interativo, eles [blogs] se apresentam como a possibilidade de um jornalismo coletivo, construído a muitas mãos, numa comunicação horizontal. O público deixa de ser encarado como uma massa disforme e passa a se constituir de pessoas, ativas, prontas para se expressarem e opinarem. (KATIA AGUIAR, 2006, p.1).

São vários os blogueiros que, hoje, praticam a atividade de processamento e transmissão periódica de informações sem o aval de grandes portais ou o financiamento de grupos tradicionais de mídias. Vejamos o exemplo do site De Tudo na Net²⁹, que começou com a iniciativa do blogueiro Antônio Carlos Portela (Caio Portela) em montar um blog como terapia.

Em entrevista realizada por telefone, no dia 13 de fevereiro de 2013, Caio Portela afirmou que, por formação, é Técnico em Contabilidade e cursava, na época, a graduação de Sistemas da Informação, que considera ser “bem parecida com a área de Jornalismo”. Portela havia iniciado com um blog há pouco mais de um ano, como terapia indicada por um médico, e esse blog deu origem a um site com mais de 12 mil acessos diários. Os acessos se originam, em sua maioria, da cidade de Júlio de Castilhos/RS³⁰, onde é produzido o site. Vejamos que

estão disponíveis em: <http://technorati.com/social-media/article/state-of-the-blogosphere-2011-introduction/>. Acesso em: 06 de maio de 2014; 09:45.

²⁹ Disponível em: <http://www.detudonanet.com.br/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013; 13:00

³⁰ Júlio de Castilhos é uma cidade pequena, na região Central do Rio Grande do Sul; seus habitantes não chegam a 20 mil.

esse espaço, então, não traz como suporte um jornalista legitimado, mas podemos afirmar que se trata - não mais de um blog por sua extensão - claro, mas de um site jornalístico.

De acordo com Portela³¹, as informações que geram notícias no site geralmente chegam a ele por meio de *releases* das Prefeituras de cidades vizinhas ou por denúncias da própria população desses municípios e, então, são “apuradas e veiculadas”. O empresário afirma que se sente confortável em saber que os *releases* geralmente partem de jornalistas que atuam nas assessorias de comunicação das Prefeituras da região e, por isso, considera que seu veículo é digno de credibilidade, afinal “esses jornalistas são selecionados pelas prefeituras porque fizeram a graduação e, se enviam textos, é porque têm capacidade pra isso”.

Para dar conta do processo de apuração, redação e veiculação de notícias, Portela diz ter feito alguns cursos de Jornalismo Online e Jornalismo Esportivo pela Internet e afirma que, mesmo sem formação acadêmica na área, sempre que pode lê materiais sobre Jornalismo³². O De Tudo na Net é dividido em página principal e outras sete “editorias” – Entretenimento, Editorial, Colunistas, Fotos, Esportes, Hospital, e Classificados. Conta, ainda com página de Contato e de Parceiros, como vemos na **Figura 2**.

³¹ Em entrevista realizada por telefone no dia 13 de fevereiro de 2013.

³² Vê-se, pelos relatos de Portela, que saberes práticos em Jornalismo circulam independentemente da profissionalização pela prática midiática ou por cursos universitários. O site Cursos 24 Horas, por exemplo, oferece cursos de curta duração (em média 45 horas) à distância. Existe, ainda, a disponibilidade de materiais digitais sobre qualquer tipo de conteúdo relacionado à formação em Jornalismo em outros espaços gratuitos. Uma busca no Youtube com o termo “Jornalismo Online”, por exemplo, retorna 11400 resultados, dentre eles, aulas, palestras, cursos, entrevistas e debates sobre o tema.

Figura 2: Página inicial do site De Tudo na Net



Fonte: Print screen da página do site.

A editoria de Entretenimento se divide em Horóscopo, Novelas, Loterias e Culinária Gaúcha. Ao clicar em qualquer um desses itens, o usuário é remetido a outro site, que trata do que fala o título. Isso também acontece com a editoria Esportes, que é dividida em Local e ZH/ClickRBS³³, ou seja, em uma parte autoral do blog e outra que remete a um site externo.

Quando trabalha essa linkagem com outros sites, o De Tudo na Net não apenas seleciona certos conteúdos para serem replicados, mas deixa claro uma opção de seleção que, no caso da editoria de Entretenimento, é semelhante aos assuntos alocados nos cadernos de variedades de grandes jornais e, na seção de Esportes, coloca seu público diretamente em contato com uma grande mídia – o ClickRBS. Caio Portela, assim, demonstra os domínios que têm sobre a lógica midiática em relação ao consumo – ele fala sobre o que a audiência gosta de consumir.

Além disso, Caio também apresenta sua preocupação com “os modos de dizer”, quando introduz as notas do Editorial (**Figura 3**), deixando claro que ali o usuário vai encontrar um espaço de opinião.

³³ ClickRBS é um portal de informações do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), que circula principalmente com notícias dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Figura 3: Página de editorial do site De Tudo na Net

Busque aqui

DETUDONANET
CONECTADO COM VOCÊ

Web Rádio Serrana Ouça aqui.

HOME ENTRETENIMENTO EDITORIAL COLUNISTAS FOTOS ESPORTES HOSPITAL PARCEIROS CONTATO CLASSIF.

HO PROGRAMA SOM DO SUL, DAS 08H ÀS 10H NA WEB RÁDIO SERRANA

EDITORIAL

00:50 Site Detudononet

Os editoriais são textos em que o conteúdo expressa a opinião da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objetividade.

Imprudência no trânsito

Esta página poderia ser apenas de elogios, mas nem sempre é possível.

Energia Elétrica em Júlio de Castilhos

Após reunião, em janeiro de 2014, com a empresa distribuidora de energia Elétrica, a comunidade não saiu satisfeita. Os representantes da empresa tentaram colocar os investimentos realizados no município, porém não houve tempo suficiente para isto. Engana-se quem pensa que a reunião foi curta...mais de duas horas e a pressão dos presentes por comprometimento da empresa com os consumidores, obrigou os representantes mudar o rumo das explicações, porém a comunidade saiu sem saber o que realmente será feito para acabar com os problemas de abastecimento na região, apesar de ser dito que a empresa estará construindo uma subestação em Júlio de Castilhos, o que não acabará com

Júlio de Castilhos - RS
TER - 06/05
07h07 17h54
27°C
27°C 17°C
51% 2 mm
Dados: Média
Sol, alternando com pancadas de chuva e possíveis trovoadas
Saiba Mais Assistir! Tempo Agora

*****ANUNCIE AQUI*****

Web Rádio Serrana

Fonte: Print screen da página do site.

Para esclarecer o caráter opinativo dos textos do Editorial, Caio Portela usa termos como imparcialidade e objetividade (destacados na frase em azul). Mesmo que não tenha formação acadêmica na área e que nunca tenha trabalhado em qualquer grande veículo de comunicação, Portela remete a questões largamente discutidas sobre a natureza do texto jornalístico.

Na seção disponível aos colunistas, por hora, são apresentadas apenas duas colunas: a do próprio diretor do site, Caio Portela, e a de Paulo Ricardo Machado, que tratam de assuntos variados sobre a vida na cidade de Júlio de Castilhos. Existem outros quatro títulos de coluna que repetem a pergunta: Deseja ser colunista?, abrindo espaços – ainda não ocupados – para quem quiser publicar suas expressões.

A seção de Fotos apresenta álbuns fotográficos digitais de eventos ocorridos na cidade, sejam eles de cunho público – como apresentações -, ou privados – como festas de aniversário. Quanto à seção Hospital, parece ser uma apresentação fixa do histórico e funcionamento do Hospital Bernardina Salles de Barros, que fica na cidade de Júlio de Castilhos. E, por fim, as seções Parceiros, Contato e Classificados apresentam o que o próprio título infere, respectivamente, banners digitais de apoiadores do site, endereços de email e redes sociais relativas ao site, e anúncios de objetos e imóveis a serem vendidos na cidade.

Todas as seções apresentam, no final da página, links para os textos considerados

principais no site, a partir da chamada “Confiram matérias locais em destaque”, ou seja, Caio Portela confere aos textos ali publicados o status de matérias jornalísticas. Esses textos são encontrados na página principal (Home) e são construídos com base em fatos ocorridos na região, trazendo leads, depoimentos e fotografias sobre questões atuais (referentes que constroem sentidos de realidade).

Além disso, o De Tudo na Net utiliza recursos contemporâneos na veiculação de informações via web, tais como ferramentas de hiperlink para outros sites, vídeos, etc. Caio Portela convida o leitor a acessar documentos hipertextuais e, embora o processo de lincagem não seja apurado como nos grandes portais, há indício de uma concepção de narrativa multimidiática pelo De Tudo na Net, o que corrobora com a percepção de que existem processos tentativos em relação às práticas jornalísticas estabelecidas pelos meios de comunicação de massa. Esses processos se dão via sujeitos que, no exercício do consumo, apreenderam lógicas de mídias.

O site De Tudo na Net nos permite observar, então, algum domínio de amadores sobre práticas e gramáticas jornalísticas na produção de notícias. Claro que, nesse sentido, falamos em amadores tão somente para diferenciar Caio Portela de especialistas e/ou graduados em Jornalismo, até porque não há como estar alheio ao conhecimento sobre comunicação em ambiente de midiatização.

Vale lembrar que, ao tentar diferenciar jornalismo, imprensa e empresa jornalística, Jorge Claudio Ribeiro recorre ao conceito de jornalismo como “conjunto de técnicas, saber e ética voltado para captação de informações” (RIBEIRO, 1994, p.19). Contudo - e embora Caio Portela relate sua formação em cursos de Internet ou sua preocupação com alguma ética ao procurar o “outro lado” da informação -, a técnica discursiva utilizada por ele parece vir mais de um acúmulo de saberes sobre o Jornalismo – por vezes quase que intuitivos – do que necessariamente de técnicas adquiridas via cursos. É o que acontece também em iniciativas como o Blog da Cidadania³⁴.

Eduardo Guimarães, responsável pelo Blog da Cidadania, embora não se intitule jornalista, têm noção de que o que faz está muito próximo de uma atuação midiática. Eduardo define-se no Twitter³⁵ como “comerciante, blogueiro, ativista político (presidente do Movimento dos Sem Mídia), pai e avô”, portanto não considera em seu histórico a função de jornalista; aliás nega que tenha qualquer coisa a ver com “jornalismo ou política”.

³⁴ Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013. 20:00.

³⁵ O Twitter é um site criado em 2006 e que se constitui em rede social e microblogging.

Já não perco mais a paciência – acho engraçado. Refiro-me aos capachos de barões da mídia que têm a falta de noção de acusarem alguém como este blogueiro de ser “chapa-branca” apesar de que, enquanto se sustentam da bajulação de políticos, **vivo exclusivamente do meu trabalho remunerado (comércio), que nada tem que ver com jornalismo ou política.** Desde o primeiro Encontro dos Blogueiros progressistas, em agosto do ano passado, que uma horda desses indivíduos se dedica a desancar a iniciativa de blogueiros que querem a democratização da comunicação de se reunirem para trocar impressões. O argumento? A CUT geralmente contribui financeiramente com o Encontro doando alguma merreca. Ano passado, quando o presidente Lula adotou a iniciativa inédita e histórica de conceder uma entrevista a dez blogueiros de diversas partes do país – entre os quais, honrosamente, estive –, acredite quem quiser, mas os maiores jornais do país dedicaram extensas matérias (O Globo chegou a dedicar uma página inteira ao assunto) a nos acusar de “chapas-brancas”. (EDUARDO GUIMARÃES, 2011³⁶ - grifos nossos).

Na prática, se percebe que sob os textos escritos por Eduardo e veiculados no Blog da Cidadania há trabalho de apuração e postura analítica sobre fatos reais. Arriscamos afirmar, mesmo sem uma análise mais aprofundada, que textos de Eduardo, tais como “A estratégia de sobrevivência de Henrique Alves e assemelhados”, “A renúncia do Papa e o dano que religiões causam à humanidade” ou “Eles gostam mesmo é de uma ‘bela’ de uma ‘ditabranda’” se assemelham, em formato, às análises políticas da revista Veja, quem sabe ainda com maior número de referentes na realidade do que este veículo, muitas vezes acusado por analistas de promover conclusões pré-concebidas em defesa de interesses políticos e econômicos. Tomas Barreiros & Danilo Amoroso (2008), por exemplo, apontam que o discurso de Veja é estrábico, uma vez que, em análise de seus textos sobre o escândalo do mensalão³⁷, concluíram que a revista condena, a priori, o então Presidente Lula, de maneira a trazer mais acusações do que apurações em suas capas.

Sob a égide dos grandes meios, tendemos a considerar de imediato os textos de revistas, jornais e grandes portais como Jornalismo; por outro lado, há inseguranças em afirmar que blog e textos analíticos de Eduardo Guimarães empreendam relatos em Jornalismo. Não queremos enquadrar em jornalismo ou outros gêneros os textos aqui estudados, mas chamamos a atenção para quão enraizada está a prática do jornalismo nos meios de comunicação de massa e, a partir desse entendimento, problematizamos as ações que se colocam à parte dos meios e, ainda assim, se fundem com características jornalísticas.

³⁶ No Texto “Blogueiros progressistas são chapa-branca?”, publicado no Blog da Cidadania em resposta às críticas midiáticas em relação ao 1º Encontro dos Blogueiros Progressistas, que aconteceu em São Paulo, em 2011. Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/2011/04/blogueiros-progressistas-sao-chapas-brancas/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013; 20:49.

³⁷ Escândalo do Mensalão é como ficou conhecido midiaticamente o episódio de apuração e julgamento de um esquema de compra de votos de parlamentares durante o Governo Lula (em 2005/2006).

Quando compara, no Twitter, as pesquisas de opinião do Datafolha³⁸ e do Sensus³⁹ (**Figura 4**), em 05 de maio de 2014, fazendo uma análise do atual contexto político, Eduardo remete ao texto completo disponível no Blog da Cidadania e recebe 23 retuitadas⁴⁰ – estas podem gerar uma circulação ainda maior, lembrando que cada usuário do Twitter pode reinterpretar a mensagem de Eduardo ao seu bel-prazer, ao retuitá-la.

Figura 4: Postagem de Eduardo Guimarães em sua página pessoal no Twitter.



Fonte: Print screen da página de Eduardo no Twitter.

Entendemos que, mesmo na sociedade em vias de midiatização, os meios de comunicação de massa tradicionais ainda são protagonistas no agendamento do debate social, mas não devemos ignorar a existência de fluxos na produção de notícias que acontecem com base na experiência midiática dos sujeitos, mas sem o controle direto de seus circuitos. Não queremos dizer que o site De Tudo na Net ou o Blog da Cidadania tem algum poder semelhante ao Jornal Nacional⁴¹ para agendar o debate social. Ao contrário, destacamos aqui que os fluxos criados a partir desses outros espaços acontecem porque seus produtores apropriaram-se das lógicas dos grandes produtos midiáticos, como os telejornais, e produzem informações sabendo que operam sobre lógicas diferentes de acesso e de audiência.

Podemos entender que, nos mais de sessenta anos de história da televisão na sociedade, para além da referência aos desenvolvimentos tecnológicos (a gravação em vídeo, a cor, o satélite e o cabo, o digital), uma modificação histórica de maior relevância para sua circulação na sociedade deriva do fato de que, pela experiência prática, a sociedade aprendeu, e aciona *para seus objetivos próprios*, as principais lógicas e estratégias televisuais. Nos mais diversos ambientes sociais, falamos sobre uma “linguagem televisual”

³⁸ Datafolha é um instituto de pesquisa do Grupo Folha, criado em 1983.

³⁹ Sensus é uma empresa de pesquisa e consultoria de Belo Horizonte/MG.

⁴⁰ Retuitar é uma função da rede social Twitter que permite o compartilhamento, em sua linha do tempo, de postagens de outros usuários. É possível editar, inclusive, a postagem compartilhada, desde que se mantenha no limite de 140 caracteres.

⁴¹ Jornal Nacional é o telejornal de maior audiência no Brasil, sendo veiculado desde

incorporada, discutimos as “gramáticas” da TV, aprendemos a “decodificar” as estratégias da mídia. O espectador aprendeu a compreender e a desviar, acionando uma circulação televisual com pertinência para seu repertório e seus interesses. (BRAGA, 2012b, p. 158).

Esse domínio dos consumidores sobre a lógica das mídias não se restringe à gramática televisiva, mas vale também para o jornalismo impresso e, mais recentemente, para as informações digitais. A experiência de consumo midiático trouxe consigo o domínio sobre o código e o exercício de suas práticas em espaços pessoais. Os consumidores, hoje, entendem o que é e o que não é “assunto para os meios de comunicação”; eles empreendem discussões sobre ângulos de abordagem e sabem que certos veículos de comunicação alimentam tendências políticas. Então, já é prática comum a circulação de informações dos meios de comunicação tradicionais a partir da interpretação e realocação das mensagens por amadores.

Aquelas características reconhecidas e aprendidas nos aparecem como sendo “da ordem do código” – o que é preciso dominar previamente para poder acionar nas interações. Isso ultrapassa a simples “recepção”, pois implica poder, em seguida, fazer recircular o que interpretamos. No âmbito dos estudos acadêmicos, para compreender o que ocorre, precisamos também conhecer tais códigos – as regras do processo. (BRAGA, 2012b, p.158).

Aliás, por vezes, busca-se a criação de outros fluxos como modo de transgredir os debates que a mídia tradicional apresenta. Nesse sentido de contramão aos grandes meios está o Global Voices (Vozes Globais), uma rede internacional de blogueiros que “traduzem, reportam e defendem blogs e mídia cidadã em todo o mundo”. De acordo com o site do Global Voices⁴², há a cobertura de 167 países a partir da tradução de textos de blogueiros em 35 idiomas; o site publica e traduz relatos de blogs por meio de 800 colaboradores.

Embora o projeto intitule-se uma “comunidade de bloggers”, os textos ali postados, por seu formato, poderiam estar nas páginas de qualquer grande veículo de comunicação de massa. Dentre vários jornalistas ou interessados na área, existem colaboradores como Rami Alhames, engenheiro mecânico sírio, residente no Brasil. Rami colabora com o Global Voices desde março de 2012 e já publicou cerca de 30 textos. Ele atua como produtor de narrativas e tradutor de textos em três idiomas: português, inglês e árabe. Dentre os assuntos abordados por Rami, estão curiosidades sobre o Oriente Médio, notícias de conflitos na Síria⁴³, e fatos do

⁴² Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013; 14:00.

⁴³ A Guerra Civil Síria, também conhecida como Revolta Síria, iniciou com protestos populares em janeiro de 2011 e, desde então, tem resultado em conflitos armados. Em resumo, a oposição diz lutar para a destituição do presidente Bashar-al-Assad, enquanto que o governo afirma estar lutando contra terroristas. Essa revolta tem sido notícia no mundo todo.

cotidiano brasileiro.

Em 14 de janeiro de 2013, Rami postou um texto em que apresenta o projeto do brasileiro Roberto Ambrósio Filho, que planejou uma volta à América Latina de bicicleta. Rami não inicia o texto pelo lead, mas contextualizando o uso do meio de transporte em outras iniciativas já veiculadas no Global Voices, e que podem ser acessadas por hiperlink, como demonstra o recorte efetuado na **Figura 5**.

Figura 5: Parte da matéria de Rami Alhames no Portal Global Voices

Usar a bicicleta como meio de transporte é uma ideia que vai ganhando sentido particularmente em grandes cidades como pudemos ver na entrevista aos mobilizadores da Bicicletada Massa Crítica de Salvador da Bahia. Mas os benefícios da bicicleta não se limitam ao fato de ser uma forma ambientalmente amigável de transporte, de nos permitir praticar esporte e até de levar uma vida mais saudável. Com a bicicleta, podemos levar livros a moradores de rua como em São Paulo, ou usar como bicicletas-táxi como em Moçambique.

O brasileiro Roberto Ambrósio Filho (Beto) tem outra proposta:

“ Nascido em Araraquara-SP, sempre pra lá e pra cá com sua bicicleta e sua máquina fotográfica. Apaixonado pelo ser humano, suas culturas e olhares, chegou a hora de unir tudo isso em uma viagem só, literalmente, só. Com muita fé em Deus, Beto está em busca de algo que ultrapasse os limites de sua resistência física e psicológica, voltando 2,5 anos depois, valorizando mais ainda a água que bebe e o olhar que recebe!

Fonte: Print screen da matéria do Global Voices.

Todos os termos destacados em azul, no texto de Rami, convidam o leitor a conhecer mais sobre outras iniciativas ou conteúdos já postados no Global Voices. Dessa forma, o autor deixa em aberto o caminho que o usuário vai adotar na leitura de seu texto: ele pode realizar uma leitura linear considerando a forma como Rami conduziu a escrita, ou pode optar pelo aprofundamento acerca das iniciativas do grupo, clicando sobre os hiperlinks e sendo direcionado a outros textos. Considerando que Rami é engenheiro mecânico, é comum supor que suas escolhas de texto resultam antes da bagagem desenvolvida em seu contato com os meios do que de qualquer conhecimento acadêmico ou profissional na área.

Para apresentar o percurso executado de bicicleta por Roberto, Rami reproduz um

mapa já veiculado no Facebook (a exemplo dos infográficos publicados em grandes revistas como a Superinteressante⁴⁴) e ilustra os cenários visitados pelo ciclista a partir de fotografias de arquivo pessoal, tal como demonstra a **Figura 6**.

Figura 6: Infográfico apresentado por Rami Alhames em sua matéria no Global Voices.



Fonte: Print screen da matéria no Global Voices.

Interessa perceber, assim, a maneira como o autor do texto vai trabalhando elementos do jornalismo midiático ainda que sua intenção maior seja relatar a história de Roberto, sem fins lucrativos e alheio ao exercício de uma atividade em seu conjunto de técnicas ou ética. Aqui, a noção de jornalismo se aproxima muito do que previa um dos precursores do seu estudo no Brasil, Luiz Beltrão (1992), para quem o Jornalismo se define como a informação cujo objetivo é difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum. Muitos dos ativistas que veiculam seus textos na Internet têm o bem comum como prioridade; interessa a eles, sobretudo, divulgar iniciativas e denunciar ações negativas.

Exemplo dessas denúncias acontecem no que o Global Voices chama de Coberturas Especiais, “coberturas extensas do Global Voices sobre notícias de destaque através de blogs e da mídia cidadã ao redor do planeta”, ou seja, as mais variadas vozes colaboradoras do grupo se encontram no tratamento discursivo acerca de um tema que já está em – ou poderia vir a

⁴⁴ Revista de variedades e curiosidades científicas que circula no Brasil mensalmente desde 1987. Foi fundada pela Editora Abril. Disponível em: <http://super.abril.com.br/>. Acesso em: 12 de novembro de 2013; 10:00.

ser - debate na mídia, produzindo novos sentidos sobre ele.

Observamos, particularmente, o caso da cobertura especial sobre o Marco Civil da Internet, atualizada em abril de 2014, mas que conta com textos desde julho de 2012 (introduzida na **Figura 7**).

Figura 7: Página inicial de Coberturas Especiais no Global Voices.

Português Sobre Colaboradores Cobertura Especial Doações Contato

GlobalVoices
O mundo está falando, você está ouvindo?

Vozes Globais (Global Voices) é uma rede internacional de blogueiros que traduzem, reportam e defendem blogs e mídia cidadã de todo o mundo. Saiba mais »

Buscar Países Tópicos Colaboradores

Cobertura Especial

Atualizado em 30 Janeiro, 2013 10:43 GMT

Nas páginas abaixo, sintetizamos as coberturas extensas do Global Voices sobre notícias de destaque através de blogs e da mídia cidadã ao redor do planeta.

Essa página ainda está em construção. Se você possui sugestões para novas páginas de cobertura especial, por favor nos envie um email.

Marco Civil da Internet
Você se importa com a liberdade de expressão na Internet? E com a sua privacidade online? E se os governantes resolvessem aprovar uma lei capaz de proteger direitos — em...
Leia mais »

Sobrevivendo na Síria
Our Special Coverage aims to highlight the faces of strength and survival rising from the deadly conflict that is raging in Syria.
Leia mais »

Todas as páginas

Sobre
Colaboradores
Cobertura Especial
Terremoto no Japão 2011
Protestos em Bahrein em 2011
Floresta em Foco: Amazônia
Dossiê Povos Indígenas
Desenvolvimento Global
Dossiê Belo Monte
Europa em Crise
Revolta do Vinagre no Brasil
Protestos contra censura na China
Insegurança Alimentar 2010
Snowden: Os EUA estão a vigiar-te
Marco Civil da Internet
Sobrevivendo na Síria
Protestos no Egito em 2011
WikiLeaks e o Mundo
Doações

Fonte: Print screen da página do Global Voices

O site relativo à cobertura inicia com um pequeno texto introdutório sobre o assunto e parte para a linkagem de matérias anteriores e do tratamento do tema em redes sociais. Todos os textos relativos à cobertura do caso (23 notas e matérias) estão alocados no próprio site do Global Voices e trabalham, principalmente, a mobilização brasileira para a aprovação do Marco Civil para a Internet pela Câmara dos Deputados.

O primeiro texto publicado sobre o assunto data de 10 de julho de 2012 e foi postado pelo brasileiro João Miguel D. de A. Lima, que reside em Fortaleza/CE e se descreve como “Biker ocasional, estudante de Sociologia, amante de boas histórias e zines, e colaborador do Global Voices em Português”. João Miguel participa do Global Voices desde junho de 2010 e já publicou mais de 50 textos, nos quais fala especialmente do cotidiano brasileiro. Dentre as narrativas publicadas por ele, estão notícias sobre política, futebol, violência e fatos do nordeste do país.

Vejamos, na **Figura 8**, que, já nos idos de 2012, João – que não é jornalista e nem trabalha para grandes meios de comunicação – buscava agendar, junto aos usuários do Global

Voices, o debate acerca do Marco Civil da Internet.

Figura 8: Primeiro texto publicado no Global Voices sobre o Marco Civil da Internet.

Português

Sobre Colaboradores Cobertura Especial Doações Contato

Vozes Globais (Global Voices) é uma rede internacional de blogueiros que traduzem, reportam e defendem blogs e mídia cidadã de todo o mundo. Saiba mais »

Países Tópicos Colaboradores

Brasil: Ativistas Apoiam Marco Civil para a Internet

Tradução publicada em 10 Julho, 2012 16:03 GMT · Veja o post original [en]

Ativistas discutem o marco civil para internet no Brasil, a ser votado hoje no Congresso Nacional. Para o Movimento Mega Sim, o marco civil estabelece direitos fundamentais na rede, e clama para que internautas [leiam](#), tuítem ([#MarcoCivil](#)) e [assinem petição](#) a respeito. Os ativistas do *Mega Sim* anteriormente participaram do *Mega Não* ao PL de Crimes Digitais/AI-5 Digital.

Escrito por João Miguel D. de A. Lima

Traduzido por João Miguel D. de A. Lima

Traduções

Ελληνικά · Βραζιλία: Ακτιβιστές υποστηρίζουν αστικό

Български · Бразилия: Активисти за граждански

Español · Brasil: Activistas apoyan marco civil para

English · Brazil: Activists Support Civic Framework

Países Brasil

Tópicos Primeira Mão, Liberdade de Expressão, Lei, Mídia Cidadã, Ativismo Digital

Os protestos de 2013 no Brasil através de cartazes

Bananas e futebol: campanha contra o racismo expõe dois lados do

Fonte: Print screen da matéria do Global Voices

João não só apresenta o tema via discurso jornalístico – dizendo o que ocorre, quando ocorre e dando voz ao movimento interessado no assunto (vulgo fonte) –, como também cria ferramentas para que o usuário acesse outros dados acerca da questão, pelos hiperlinks “leiam” (que remete ao documento do Marco Civil⁴⁵) e “assinem a petição” (que possibilitava a manifestação favorável ao documento⁴⁶), ou apresentando ainda a hashtag⁴⁷ #MarcoCivil, para que outros usuários ajudassem a pautar o tema via Twitter. Temos aqui, então, fluxos comunicacionais que apresentam características discursivas do jornalismo e, portanto, não podem ser ignorados como fluxos de produção de notícias.

Desde 2005, ano de sua fundação, o Global Voices já foi citado mais de 600 vezes pela grande mídia mundial⁴⁸; dentre os veículos que já tomaram o Global Voices como fonte ou tema de matérias estão o jornal estadunidense The New York Times, a maior emissora de televisão do Catar, Al Jazeera, o jornal espanhol El País e a revista brasileira Veja.

⁴⁵ Disponível em: <http://megasim.wordpress.com/2012/06/22/convocacao-para-blogagem/>. Acesso em 06 de maio de 2014; 18:12.

⁴⁶ Disponível em: https://secure.avaaz.org/po/petition/Aprovacao_do_Marco_Civil_da_Internet_no_Brasil/?cLxEPab. Acesso em 06 de maio de 2014; 18:12.

⁴⁷ Hashtags são símbolos para a difusão de temas no Twitter, por meio do uso da cerquilha (#) junto de palavras-chaves (conhecidas como tags). As hashtags mais usadas no Twitter ficam dispostas em uma coluna à direita da página, possibilitando que os usuários vejam os temas de maior destaque naquele dia.

⁴⁸ Dados disponíveis em: <http://globalvoicesonline.org/about/media-archive/>. Acesso em: 06 de maio de 2014; 18:32.

A circulação de informações na sociedade dos meios nos guiou para a centralidade de grandes meios da comunicação na gestão de demais campos sociais - como política, saúde, trabalho, religião. Mas ao mesmo tempo em que os meios organizavam a agenda pública de debate social sobre esses campos, os sujeitos foram inseridos na lógica midiática e aprenderam muito sobre suas práticas. Esses sujeitos iniciados na produção de narrativas pela relação de consumo que estabeleceram com as mídias, hoje criam seus próprios fluxos comunicacionais.

Diz João Pissarra Esteves (1998, p.144) que “o campo dos *media* como dispositivo por excelência de realização da discursividade nas sociedades modernas garante a mediação social generalizada, do próprio campo com os demais campos sociais e de todos estes entre si”. Se o que Esteves afirma era efetivamente o que se percebia nos anos 90, hoje já podemos constatar um deslocamento no que se refere àquela “exclusividade” do campo dos *media*. Ao dominar certa prática discursiva, os sujeitos produzem e inserem-se em uma sociedade em mediação; passam a entender o campo dos *media* e atualizá-lo em seu cotidiano. Falamos então de outra coisa que não a centralidade dos meios na sociedade, tratamos de uma decorrência dela: a formação de certas “zonas de indeterminação” (FAUSTO, 2010) ou espaços geradores de potencialidades, tomado de tensões e disputas de sentidos entre sujeitos e instituições sociais – e, dentre elas, as mídias.

Ao praticar jornalismo, mesmo sem formação acadêmica na área ou experiência profissional em grandes meios, Caio Portela, Rami Alhames, João Lima e Eduardo Guimarães revelam uma familiaridade com a produção midiática adquirida na experiência com outros fluxos que não a academia ou o mercado em jornalismo – a constar, experiências de consumo, leitura de textos teóricos e práticos disponíveis da Internet, observação de produtos veiculados por grandes meios, ou diálogos com sujeitos profissionais e/ou acadêmicos. Além disso, as práticas desses amadores envolvem processos tentativos que são da ordem da experimentação, do intuitivo; há certa dose de invenção social sobre as informações que os amadores colocam em circulação e sobre a forma de fazê-las circular. Esses fluxos comunicacionais têm alcances maiores e menores, também participam de espaços mais ou menos institucionalizados na produção de notícias, mas todos eles colaboram, de certa forma, para a circulação de sentidos sobre o mundo.

Isso não significa, contudo, que o campo dos *media* tenha dado lugar a uma nova configuração de produtores-receptores que detém tanto poder discursivo quanto o tiveram os grandes produtores midiáticos na sociedade dos meios. Os meios de comunicação continuam aí, organizando agendas e legitimando os demais campos sociais. Continua valendo a ideia de

que os processos do campo dos *media* “em vez de estarem delimitados a espaços e a momentos separados, estão disseminados pelo conjunto do tecido social moderno, abrangendo assim o conjunto da experiência do mundo” (ADRIANO RODRIGUES, 1997, p.157). Mas os processos não são estanques; a relação entre os fluxos comunicacionais estabelecidos via redes sociais e a produção jornalística está aí para comprovar que a circulação de informações não obedece a um percurso linear⁴⁹ de meios para sujeitos.

Há quem já olhe para os blogs como circuitos estabelecidos por fluxos comunicacionais acordados socialmente, ou seja, entendem o blog a partir de circuitos culturalmente praticados em relação a práticas e audiências. Não nos interessa entrar no mérito da categorização dos blogs como meios de comunicação de massa ou não, mas entender intersecções entre fluxos recorrentes e outras comunicações não previstas. Para isso, trazemos também, a seguir, outros exemplos recentes – e crescentes - de criação de fluxos externos aos meios de comunicação de massa, mas que existem em função deles, na apropriação de notícias.

3.2 A apropriação de notícias por amadores em redes sociais

Ao contrário dos blogs, que se pretendem como espaço de produção de conteúdos, as redes sociais são vistas pelos usuários muito mais como lugar de relação. Mas esse caráter relacional das redes não restringe sua função à manutenção de amizades e romances, pelo contrário, as redes sociais são vistas hoje como espaço importante na circulação de notícias.

O Pew Research Center⁵⁰, com sede em Washington/EUA, realizou em 2010 o estudo *Understanding the participatory news consumer - How internet and cell phone users have turned news into a social experience*⁵¹, que entrevistou mais de dois mil adultos para entender o processo de composição das notícias. O estudo concluiu que mais de um terço dos internautas norte-americanos contribuem na construção e na difusão de notícias através de redes como o Facebook e o Twitter. Esses dados corroboram com a ideia de que existem

⁴⁹ Vide o caso da enunciação da falsa morte de Amin Khader, que circulou no Twitter em 28 de junho de 2011, e foi apropriada indevidamente pelo jornalismo da Rede Record de Televisão, que deu a notícia, matando Amin discursivamente, e depois corrigiu a informação veiculada.

⁵⁰ Pew Research Center é uma organização de pesquisa sobre modos de consumo nos Estados Unidos; suas pesquisas são financiadas pela ong The Pew Charitable Trusts, fundada em 1948. Informações disponíveis em: <http://www.pewresearch.org/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013; 12:00.

⁵¹ Disponível em: http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2010/PIP_Understanding_the_Participatory_News_Consumer.pdf. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013; 12:00.

fluxos não controláveis e não previstos na produção de notícias para além dos meios de comunicação de massa. Braga expõe a comunicação social justamente como “um fluxo incessante de ideias, informações, injunções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas”⁵² (BRAGA, 2012c, p.49).

Com vistas a analisar essas reconfigurações, trazemos exemplos da circulação de informações sobre o incêndio da boate Kiss, em Santa Maria/RS, na madrugada de 27 de janeiro de 2013. O incêndio resultou em 242 mortos e outras centenas de feridos, caracterizando-se, assim, como a maior tragédia gaúcha. A partir da observação desse caso, queremos enfatizar as redes sociais como espaços de processos tentativos que contribuem na circulação de notícias, quando e porque seus usuários dominam as lógicas midiáticas e tem sua própria ferramenta para produção de conteúdo. Mas não se trata, veja bem, de considerar que esses sujeitos praticam deliberada e conscientemente a produção de notícias – tal como acontece por vezes nos blogs -, mas entender que a circulação de notícias foge ao que é culturalmente acordado e acontece também em fluxos não previstos.

A partir dos rádios dos taxistas de plantão naquela madrugada de 27 de janeiro de 2013, informações sobre o incêndio na boate Kiss foram se espalhando e não tardou para que o episódio alcançasse o status de tragédia. Repórteres do mundo todo voltaram suas lentes para a cidade e veicularam, principalmente na primeira semana após o incêndio, histórias de pânico, perdas, solidariedade e críticas ao poder público.

Na televisão, as notícias sobre o incêndio começaram a circular em torno das 8 horas da manhã do domingo, 27 de janeiro. O telejornal Globo News, por exemplo, informou sobre o incêndio às 9 horas da manhã e, como não tinha depoimentos oficiais naquele instante e sequer havia enviado repórteres especiais a Santa Maria/RS, que se localiza no interior do Estado, chamou por telefone a participação da repórter local da Rede Brasil Sul (RBS), Juliana Motta.

Tragédia no RS, pelo menos 90 pessoas morreram num incêndio em uma boate de Santa Maria, que fica na região central do Estado. O total de mortos ainda é desconhecido, mas a polícia estima que o número de vítimas ainda pode subir, começou com número de 50, 70 e agora de acordo com as primeiras informações já são 90 vítimas fatais e pode ser maior ainda. O fogo teria começado em torno de duas e meia da madrugada, na espuma de isolamento no teto da boate chamada Kiss, mas o corpo de bombeiros ainda está investigando as causas desse incêndio. A estimativa é que além dos mortos, pelo menos outras 200 pessoas tenham ficado feridas. (...) Tem já algumas reações, por exemplo, a primeira manifestação pública, por

⁵² Nesta e nas demais citações deste artigo, nos apoiamos na versão brasileira, não publicada, do texto. As páginas correspondem ao trecho referido no artigo publicado em espanhol.

exemplo, foi do Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, no microblog do Twitter (...) A gente tem informações com a repórter Juliana Motta que está em Santa Maria, por telefone (Luciano Cabral, âncora do Jornal Globo News, 27/01/2013; 09:00).

A repórter citada estava em frente à boate Kiss, local da tragédia, e as informações que enunciava ainda eram imprecisas, bem como a chamada efetuada pelo âncora Luciano Cabral⁵³; várias expressões demonstram imprecisão das informações disponíveis sobre o caso até aquele momento: “pelo menos 90 pessoas morreram”, “a polícia estima”, “pode ser maior ainda”, “o fogo teria começado”, “pelo menos 200 pessoas tenham ficado feridas”.

A cobertura midiática inicia, portanto, da maneira tradicional para eventos imprevisíveis: buscando o depoimento de quem está no local e procurando fontes oficiais para pronunciamentos sobre o caso. Tal como se analisa na literatura sobre Jornalismo, as reportagens dão prioridade à audiência de fontes oficiais porque “são tidas como confiáveis”, (NILSON LAGE, 2004, p.63). Nesse sentido, a Globo News, antes de chamar a repórter Juliana Motta, divulgou a manifestação do Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, no Twitter (**Figura 9**).

⁵³ Em vídeo disponível em: <http://globotv.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/v/incendio-em-boate-deixa-pelo-menos-70-mortos-no-rio-grande-do-sul/2370275/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2013; 13:20.

Figura 9: Primeiro vídeo exibido na Globo News sobre a tragédia na Boate Kiss.



Fonte: Print screen da página da Globo News.

Tarso quebrou o protocolo midiático de responder ao chamado dos meios tradicionais para manifestação sobre o episódio; assim como várias outras autoridades e celebridades, o Governador deu preferência ao pronunciamento em seu próprio espaço de produção de sentido, onde não estaria exposto a complementações diretas ou conclusões midiáticas. Ainda que os meios de comunicação usassem as frases expedidas nas redes sociais – afinal se trata de um espaço público – a maneira de fazê-lo se deu como transcrição de uma declaração que a mídia não poderia mudar, uma vez que já havia ganhado publicidade.

A própria Globo News reproduz na íntegra a declaração de Tarso, quando veicula o print screen da página do Governador no Twitter. Vale ressaltar que além da propensão ao domínio sobre o que é dito, o Twitter também proporciona a publicidade mais rápida do que se quer dizer, principalmente quando se trata de uma autoridade – que geralmente tem milhares de seguidores. É como se o Twitter assumisse a vez do plantão de notícias, ampliando o aqui e agora. Ou seja, fluxos de comunicações sobre a tragédia podem ter derivado - antes de tocarem os meios tradicionais -, da própria declaração de Tarso ou de outros usuários das redes sociais.

Interessa perceber também que a declaração de Tarso Genro, no print screen veiculado pela Globo News, segue depois da postagem de José R. da Silva, que retuitou a declaração de outro usuário (@blogbymel) “E o governador @tarsogenro vai faturar em cima da tragédia, disse que estará no final da manhã, devia ter ido antes”. Vejamos que as críticas à negligência do governo em relação à fiscalização de lugares públicos inicia, então, muito antes de os grandes meios abordarem a questão. Ainda na manhã daquele domingo, usuários das redes sociais já procuravam culpados para a tragédia e invariavelmente a culpa recaí sobre o poder público, em muitas postagens. Trata-se, aqui, de perceber que os fluxos da notícia não respeitam necessariamente um agendamento do debate social que vem dos grandes meios para a recepção; pelo contrário, os usuários já tocam em questões importantes sobre a tragédia mesmo antes da televisão ou do rádio conferirem o status de tragédia ao incêndio.

Dessa forma vemos os fluxos comunicacionais que funcionam via processos tentativos, ou seja, ainda sem institucionalização dos circuitos de mídia, como fundamentais para o entendimento da função ativa dos amadores na circulação de notícias. Nesse caso, ao contrário do que se viu na análise dos blogs na seção anterior, os fluxos não colocam as notícias em circulação por si só, por sua capacidade de produção de conteúdos, mas contribuem na circulação dos textos, que ganham status de notícia quando tocados pelos meios de comunicação de massa.

Bastante explorado pela mídia na época, também, foi o fato de uma das vítimas do episódio, Michele Cardoso, alardear sobre o incêndio no momento em que ele começou, ainda de dentro da boate e por meio de seu aparelho celular, postando a mensagem “Incêndio na KISS socorro”, em sua página pessoal no Facebook. Os amigos de Michele passaram, então, a questioná-la sobre seu estado de saúde, ali mesmo, na linha do tempo do site⁵⁴. Esse apelo de Michele por socorro não funcionou apenas como alarme para que os amigos procurassem por notícias, mas serviu ainda como fonte para os relatos midiáticos que, por meio da postagem de Michele, localizaram o início do pânico às 3h20 da manhã.

Além disso, a postagem continuou a ser explorada quando o pai de Michele ameaçou o dono da boate, também via Facebook: “KIKO tu matou minhas duas filhas acho bom tu te mudar de santa maria tu não faz ideia da minha dor este recado vai direto pra ti e tua familia, pois a dor q estou sentindo é inexplicável.”. Os meios de comunicação de massa utilizavam,

⁵⁴ Linha do Tempo é a página de atualizações das práticas de amigos na rede social Facebook. Se alguém registrado como amigo na rede realiza um compartilhamento ou curte um texto, essa ação se apresenta na linha do tempo do usuário.

inclusive, a própria formatação da postagem no Facebook como ilustração para suas matérias, como demonstra a **Figura 10**, que traz matéria publicada pelo Extra, veículo do Infoglobo⁵⁵.

Figura 10: Matéria publicada no Extra sobre ameaça de pai de vítimas ao dono da Kiss.



Fonte: Print screen da página do Extra.

Principalmente nas duas primeiras semanas posteriores ao incêndio, o Facebook protagonizou a incidência de fluxos comunicacionais em relação ao ocorrido⁵⁶. Por meio dele, foram organizados eventos de protesto por justiça ou em homenagem às vítimas; também em suas páginas circularam pedidos e ofertas de ajuda aos feridos e seus familiares, bem como fotografias que contribuíram para o julgamento midiático do caso – como o registro da boate lotada feito horas antes do incêndio pelo DJ Bolinha, que trabalhava na Kiss aquela noite, ou fotos de vários clientes que exemplificavam elementos de pirotecnia dentro de ambientes que eram apontados como sendo a boate Kiss. No Facebook, ainda, foram divulgadas a primeira nota oficial em nome da boate e a polêmica postagem do delegado responsável pela investigação, que trazia a fotografia de elementos pirotécnicos na Kiss com a seguinte legenda: “Tirem suas conclusões”.

⁵⁵ Infoglobo é uma empresa pertencente às Organizações Globo fundada em 1925 e que atua na publicação dos jornais do grupo, atualmente publica 3 jornais, O Globo, Extra, Expresso e seus respectivos sites.

⁵⁶ Já na segunda-feira seguinte ao incêndio, dia 28 de janeiro de 2013, a jornalista de Zero Hora, Cláudia Laitano, publicou na página 24 da edição, o texto intitulado “A reação em rede”, que versa sobre os elementos positivos e negativos das manifestações via Facebook.

Cabe destacar que, ao serem acionados como fontes para matérias dos grandes meios de comunicação de massa, os sujeitos envolvidos na tragédia pareciam mais cautelosos quanto às declarações emitidas. Contudo, em seus espaços de produção de sentido (como as redes sociais) revelavam mensagens com caráter essencialmente crítico, opinativo e emitindo juízos. Essas postagens serviram, então, de pauta para matérias midiáticas e ganharam, assim, outra extensão de difusão – que seria impensável se sua circulação se restringisse ao ambiente do Facebook. Por outro lado, a cobertura midiática da tragédia da Kiss também não seria a mesma se não existissem as redes sociais – a partir das quais usuários divulgaram informações que dificilmente chegariam aos grandes meios de outra forma.

Embora os meios de comunicação gerenciem e organizem esse emaranhado de atos individuais para a grande massa, não podemos ignorar a força que as iniciativas individuais exerceram na circulação do caso, bem como o poder que têm em também pautar os meios. Parece claro que a manifestação de Michele, ou as fotografias de Bolinha ou do delegado não chegariam ao espaço público não fosse sua aparição em meios de comunicação de massa, como a televisão e a mídia impressa. Se não apropriadas midiaticamente, essas publicações circulariam, provavelmente, apenas entre seus amigos de Facebook. Quem sabe alcançariam centenas ou até milhares de compartilhamentos, como aconteceu com algumas homenagens às vítimas, e poderiam por isso fazer parte dos documentos que compõem o processo. Contudo, foram os meios de comunicação que colocaram em debate a questão da pirotecnia ou da responsabilidade dos empresários no incêndio.

O Facebook se revelou um espaço para ampla contribuição dos sujeitos em relação aos circuitos jornalísticos, mesmo na criação de fluxos comunicacionais que se restringiram à rede. Sujeitos que estariam restritos à função de recepção em outros tempos, assumiram o papel de protagonistas dessa história, fornecendo materiais para a agenda midiática, publicizando histórias de vida que faziam parte da intriga e suscitando temas a serem debatidos em decorrência da tragédia – como a segurança nos espaços públicos, a pertinência da realização do Carnaval no Estado, ou a qualidade da cobertura midiática por ocasião do incêndio na Boate Kiss.

Os fluxos formados a partir do Facebook relacionam construções discursivas midiáticas à lógica dos sujeitos, de maneira que a construção do acontecimento não se dê apenas via mídia, mas também com a colaboração dessa rede que os sujeitos formam no ambiente virtual.

Há um espaço rico, aqui, para a verificação do que Braga (2012c) aponta como reconfigurações sucessivas na circulação de informações, afinal as interações dos sujeitos vão

além do que seria estabelecido pelo código – a lógica do usuário tensiona as angulações midiáticas, que se pretendiam, na sociedade dos meios, como fontes únicas de agendamento do debate público.

Em um episódio comunicacional, não temos simplesmente “*um código*” (oferecido “pronto” pelos dispositivos interacionais acionados) a que se somaria um espaço aberto para inferências que apenas ocorreriam no momento do episódio concreto da interação. Temos, muito diversamente, uma pluralidade de códigos – que exigem, ainda no âmbito da matriz de referência, relações de ordem inferencial para viabilizar sua copresença. (BRAGA, 2012b, p.162).

Podemos observar tensionamentos entre a lógica dos sujeitos que criam suas próprias redes e a prática midiática a partir da veiculação de uma nota pela Rádio Gaúcha SM, em sua página no Facebook (**Figura 11**).

Primeiramente, cabe destacar que o fato de uma emissora de rádio colocar notícias em circulação via rede social é, por si só, um exemplo rico das afetações que os circuitos midiáticos sofrem diante de outros fluxos comunicacionais nos processos de midiatização. A par disso, nos interessa em particular perceber como a nota foi apropriada por usuários que criaram sua própria rede de conexões, seus fluxos comunicacionais em relação à notícia.

Figura 11: Postagem da Gaúcha SM sobre sinalizadores, em sua página no Facebook.

Fotos da linha do tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Gaúcha SM · Página de Gaúcha SM

Anterior · Próxima



Gaúcha SM
Foto dos sinalizadores que teriam causado incêndio na Boate Kiss em Santa Maria.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 27 de janeiro de 2013

46 pessoas curtiram isso.

574 compartilhamentos

Álbum: Fotos da linha do tempo
Compartilhado com: Público

Abrir visualizador de fotos
Fazer download
Incorporar publicação

Fonte: Print screen da página da Gaúcha FM no Facebook

A nota em questão trazia uma fotografia do espaço interno de uma boate – apontada como a Kiss - com fogos de artifício no palco e a legenda: “Foto dos sinalizadores que teriam causado incêndio na Boate Kiss em Santa Maria”. A postagem era a terceira nota na Internet divulgada pela Rádio sobre o incêndio – as outras duas traziam informações imprecisas.

A grande maioria dos 579 compartilhamentos da postagem da Rádio Gaúcha SM seguiu sem qualquer introdução ou complementação ao conteúdo veiculado pelo meio. Contudo, outros usuários compartilharam⁵⁷ a fotografia adicionando a ela informações não previstas pelo meio de comunicação - que usou inclusive a expressão “teriam causado” ao remeter os sinalizadores como “possível” causa do incêndio, justamente na pretensão de não afirmar julgamentos antecipados.

⁵⁷ Compartilhamento de postagem é uma ferramenta do Facebook que permite a um usuário replicar em sua página pessoal a postagem de outro usuário.

Realizamos a seleção dos comentários⁵⁸ que três usuários do Facebook fizeram ao compartilhar a fotografia; baseamos nossa escolha na diversidade de sentidos que esses comentários acrescentaram à publicação da Rádio Gaúcha, conforme segue na **Figura 12**.

Figura 12: Seleção de três comentários sobre a postagem da Gaúcha SM.



Fonte: Edição da autora sobre os comentários realizados na postagem da Gaúcha SM

Os três compartilhamentos acima ilustrados demonstram interpretações diferenciadas: o primeiro usuário reafirma o sentido de que os sinalizadores teriam sido a causa do incêndio, ainda com mais força do que a postagem original; o segundo usuário já traz a afirmação adicional de que esse não foi um caso isolado de uso de pirotecnia em lugares fechados, o que a Rádio Gaúcha não havia cogitado, até então; e, por fim, o terceiro usuário compartilha a fotografia dos fogos, mas verbalmente prioriza o sentido de que a tragédia se deu em função da cobrança de comandas pelos seguranças da festa. Ou seja, são três maneiras diferenciadas de abordar uma mesma postagem, demonstrando a ausência de controle do meio de comunicação de massa sobre o conteúdo que compartilha.

Essa apropriação – e reinterpretção - do discurso dos meios pela audiência não é ação recente, claro. Quando falamos da existência de filtros na recepção da mensagem dos meios, enfatizamos justamente o entendimento de que a comunicação é circulação e, portanto,

⁵⁸ Comentários são contribuições que usuários fazem abaixo de cada postagem, em referência a ela.

não há domínio sobre seus sentidos. Considerando os estudos culturais dos anos 1960⁵⁹, entendemos que eventos como conversas de bar, mediações familiares, ou experiências pregressas do receptor fazem parte da circulação das mensagens dos meios de comunicação de massa - o boca-a-boca da sociedade dos meios também abrigava essa diversidade de sentidos na leitura das mensagens. O que vemos de novo, agora, é a possibilidade de que a diversidade de leituras seja potencializada pela disposição de tecnologias que dão conta disso. O que se acrescenta nesse caso é que a apropriação não fica subjugada às restrições da oralidade, mas ganha novas articulações, novas redes de difusão, formando outros fluxos não previstos pela mídia a partir de tecnologias como as ferramentas do Facebook. Tanto o Governador Tarso, quanto a vítima Michele Cardoso ou os usuários que compartilharam a foto da Rádio Gaúcha SM, se diferenciam dos receptores tradicionais dos meios de comunicação de massa porque fazem com que seus registros criem novos fluxos de comunicação, independente dos meios.

O fluxo incessante de informações a que Braga (2012c) se refere ganha aceleração e visibilidade em exemplos como os fluxos formados por ocasião dessa tragédia: os sujeitos leem, refazem suas mensagens, criam suas próprias notas, que podem ser compartilhadas por outros sujeitos ou reapropriadas em matérias dos meios de comunicação de massa. As possibilidades de fluxos, nesse sentido, são infinitas tanto quanto dispersas.

Não devemos ignorar, ainda, o fato de que fluxos comunicacionais, mesmo estabelecidos fora dos grandes meios, mantém conexão com a mídia tradicional, o que demonstra que o Jornalismo tal como concebido pelos circuitos midiáticos guarda sua força de agendamento do debate social. Exemplo disso é que as redes sociais são largamente utilizadas para debater assuntos abordados primeiramente pela televisão ou pela mídia impressa ou, ainda, os grandes meios se pautam por algum evento das redes e, depois disso, fluxos comunicacionais são acionados por várias vias.

As comunicações sobre a tragédia da Kiss começaram de forma dispersa nas redes sociais – antes mesmo que os grandes meios abordassem o caso. Essas comunicações dispersas, aos poucos, foram formando fluxos comunicacionais direcionados para o debate de questões semelhantes tanto nas redes quanto nos grandes meios – a agenda se voltou à identificação de culpados, aos relatos de vítimas e familiares, às questões políticas e de poder público, etc. Ao mesmo tempo em que os sujeitos em rede pareciam pautados pela abordagem

⁵⁹ Nomeia-se Estudos Culturais a linha de pesquisa que relaciona comunicação e cultura, visando trabalhar a produção ativa da cultura pela atividade humana, em vez de seu consumo passivo. A fundação dos Estudos Culturais está atrelada à criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em 1964, no Reino Unido (ANA CAROLINA ESCOSTEGUY, 2012).

midiática, também pautavam as reportagens dos grandes meios, apontando inferências e fatos novos que importassem ao caso.

Na medida em que o assunto perdeu espaço na televisão, nos jornais, rádio e grandes portais, também foram se dispersando as aparições de comunicações sobre o incêndio nas redes sociais. Nesse sentido, o agendamento do incêndio na rede social acompanhou, inclusive, os eventos midiáticos promovidos por ocasião do aniversário de um mês ou um ano da tragédia – aos moldes da cobertura midiática, que também dá prioridade a pautas sobre datas simbólicas. Parece que os fluxos derivados da dispersão comunicacional nas redes tentam, por vezes, se organizar em decorrência do tratamento discursivo midiático, obedecendo a certas lógicas das mídias – como a valorização dos acontecimentos de rotina, que já estão previamente agendados para cobertura.

Os acontecimentos de rotina são intencionais, pre-planejados, e promovidos pelo próprio organizador. Ao contrário do mito do jornalismo como o que “acontece”, os acontecimentos de rotina constituem a maior parte dos acontecimentos noticiados. Muitos são criados pelo consumo dos profissionais do campo jornalístico, criados não só pelos especialistas do marketing político, mas também por outros agentes sociais, incluindo instituições, organismos internacionais, e as Nações Unidas, por exemplo, o dia 1 de dezembro, Dia Mundial da AIDS. (NELSON TRAQUINA, 2005, p.98).

Uma rápida observação das postagens de gaúchos de Santa Maria durante os dias que sucederam à tragédia permite inferir que as postagens relacionadas ao incêndio vinham em constante declínio depois da segunda semana da tragédia e ganharam fôlego nos cinco dias antes de 27 de fevereiro de 2013 (30 dias do incêndio). Da mesma forma, os jornais impressos da cidade diminuíram o espaço concedido ao assunto no decorrer das semanas, reservando a data de 27 de fevereiro para reavivar a memória coletiva sobre o incêndio.

Dessa forma, há que se considerar que, se a teoria do agendamento midiático⁶⁰ predomina, ainda hoje, nas análises da relação entre opinião pública e tematização dos meios, não podemos ignorar a força dos fluxos empreendidos pelos sujeitos nesse agendamento; eles legitimam, revigoram e atualizam as pautas da grade mídia. A soberania midiática em relação à agenda pública pode ser rediscutida a partir da circulação de informações em redes sociais,

⁶⁰ As teorias sobre o agendamento midiático iniciam com o século XX, quando o intelectual estadunidense Walter Lippmann, em 1922, afirma que as pessoas não estabelecem uma relação direta com o real, mas sim com as imagens que constroem sobre ele. Lippmann destaca também o papel central que os meios de comunicação exercem sobre a construção dessas imagens de mundo, ao que Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) complementam anos mais tarde com a *agenda setting theory*, ou teoria do agendamento midiático. Para eles, são os meios de comunicação de massa os responsáveis por determinar a pauta de debate para a opinião pública, ao priorizar a abordagem de determinados temas e negligenciar outros.

que atuam sob a lógica dos indivíduos ou de agregações e tendências sociais menos institucionalizadas.

Para repensar a teoria do agendamento em um contexto de existência dos sites de redes sociais, acreditamos que dois seriam os pontos fundamentais de reflexão. O primeiro seria sobre os meios de comunicação de massa como únicos mediadores entre a esfera civil e a esfera de decisão política e o segundo, bastante relacionado ao primeiro, seria a comprovação da efetividade da teoria a partir do fato de os media serem as únicas fontes de informação política. (NINA SANTOS, 2011, p.05).

Sobre o primeiro aspecto, destacamos que as redes sociais constituem-se em ferramentas a partir das quais o usuário se relaciona com seu público da maneira que julgar pertinente, sem limites de espaço ou tempo. Nesse sentido, os tradicionais meios de comunicação de massa perdem espaço como únicos mediadores entre as decisões políticas e a esfera civil. Percebemos isso quando José R. da Silva lança, via Twitter, uma provocação a Tarso Genro, no episódio da Kiss, adiantando a crítica ao poder público que entraria em discussão nos meios de comunicação de massa logo depois, ainda naquela manhã. Compreendemos também que existem tensionamentos potencializados na relação entre sujeitos e meios de comunicação de massa quando observamos que os usuários do Twitter ou do Facebook se apropriam de matérias lançadas na mídia e recolocam esses textos em circulação já com sua interpretação, que pode variar largamente em relação ao sentido pretendido pelos meios. Ou seja, não resta dúvida de que os fluxos comunicacionais empreendidos pelos sujeitos têm certa conexão com os meios de comunicação de massa, em relação a suas lógicas, mas esses fluxos também se oferecem, a parte dos grandes meios, como mediadores sociais.

Quando observamos, por exemplo, episódios como as manifestações acerca do aumento nas tarifas do transporte coletivo, na cidade de São Paulo, no início de junho de 2013, visualizamos o complexo processo de circulação que se instaura a partir das redes sociais. Durante as manifestações, policiais agiam com agressividade diante da massa que protestava, na Avenida Paulista. A Folha de São Paulo trouxe duas manchetes tratando de manifestações, em sua capa de 12 de junho de 2013; eram elas: “Contra tarifa, manifestantes vandalizam o centro de São Paulo” e, logo abaixo, “Polícia da Turquia reprime ativistas na praça de Istambul”. Vejamos que os signos selecionados nas duas manchetes trazem consigo diferentes tratamentos às manifestações brasileiras, consideradas vandalismo, e os protestos turcos, considerados ativismo.

Não tardou para que a questão circulasse de outra forma nas redes sociais, onde

manifestantes, simpatizantes e analistas das mídias veiculavam suas críticas ao tratamento midiático sobre o assunto. Ora, parece claro então que os meios de comunicação de massa não são mais (se um dia já o foram) unânimes e absolutos na produção das imagens que construímos sobre o mundo. Sobre a efetividade dessa circulação, cremos que é função da história apontar o que desses fluxos emergiu como pauta de debate público; nos interessa, nesta tese, mais particularmente demonstrar que esses fluxos existem e que assumem uma função ativa na circulação de notícias, gerando uma complexa rede de articulações na circulação de leituras de e sobre o mundo.

3.3 Afetações entre fluxos e circuitos na produção de notícias

Nas seções anteriores deste Capítulo 3, exploramos fluxos de produção e apropriação de notícias por amadores, buscando compreender dinâmicas comunicacionais em relação às práticas jornalísticas na sociedade em midiatização. Analisamos como esses fluxos comunicacionais acabam incidindo sobre a produção de leituras de mundo e sobre as práticas midiáticas. Claro, cabe à história revelar as revoluções, contudo, podemos adiantar que o reconhecimento desses fluxos já tem causado, sim, certas afetações que incidem diretamente sobre os grandes meios. Um dos casos que demonstra essa incidência aconteceu em setembro de 2013, quando o jornalista esportivo Flávio Gomes foi demitido da rede de TV por assinatura ESPN Brasil por declarações que fez em sua página pessoal no Twitter.

No sábado, 07 de setembro de 2013, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, de Porto Alegre/RS, jogava contra a Associação Portuguesa de Desportos, de São Paulo/SP, pela série A do Campeonato Brasileiro de Futebol quando, no segundo tempo de jogo, houve um lance polêmico que resultou em cobrança de pênalti em favor do time gaúcho. Em decorrência desse lance, Flávio Gomes, jornalista e torcedor declarado da Associação Portuguesa de Desportos, veiculou afirmações ofensivas sobre torcedores e dirigentes do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e também sobre os comentaristas do jogo, em sua página pessoal no Twitter (**Figura 13**).

Figura 13: Postagens de Flavio Gomes em sua página pessoal no Twitter.



Fonte: Print screen das postagens de Flavio Gomes no Twitter

Nos comentários em questão, Flavio Gomes se coloca como torcedor, afinal o vocabulário utilizado não condiz com qualquer tipo de cobertura jornalística. O usuário do Twitter, nesse caso, usa de adjetivações pejorativas em relação a torcedores do Grêmio, ao juiz da partida, e também a colegas de profissão – comentaristas do jogo que estavam atuando por outra emissora.

Também o jornalista Arnaldo Ribeiro, colega de trabalho de Flávio Gomes, teceu insinuações sobre a relação do então presidente do Grêmio, Fabio Koff, e a comissão de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em sua página pessoal no Twitter, como demonstra a **Figura 14**.

Figura 14: Postagens de Arnaldo Ribeiro em sua página pessoal no Twitter.



Fonte: Print screen das postagens de Arnaldo Ribeiro no Twitter

Imediatamente após as declarações dos dois jornalistas, torcedores do Grêmio empreenderam discussões com os profissionais, na rede social, e o caso teve repercussão negativa para a ESPN Brasil. Interessante perceber como, embora a página de cada um dos jornalistas seja independente da emissora, a identidade deles como profissionais da mídia segue aliada à instituição para a qual trabalham e, dessa forma, as redes sociais tornam-se, mesmo que em páginas pessoais, extensões do próprio meio de comunicação de massa. Tanto o é que o presidente do Grêmio, Fabio Koff, veiculou já segunda-feira, dia 09 de setembro de 2013, uma nota de repúdio no site do clube, citando inclusive a ESPN Brasil:

Venho, em nome do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e de seus milhões de torcedores, manifestar minha indignação pelas acusações levianas feitas, neste sábado, pelos jornalistas Arnaldo Ribeiro e Flávio Gomes, da ESPN Brasil, por ocasião da realização da partida frente à Portuguesa de Desportos. É revoltante e inaceitável que profissionais da imprensa brasileira possam, sem apontar nenhuma evidência, por mera criação fantasiosa, colocar em dúvida a honestidade e idoneidade do clube, dos seus profissionais, de seu

presidente e dos demais dirigentes, do povo gaúcho, bem como da Confederação Brasileira de Futebol e de sua Comissão de Arbitragem. **As manifestações irresponsáveis desses profissionais não honram a tradição da emissora, que deveria estar sempre comprometida com a ética, a verdade, a justiça e a justeza de suas informações.**

Aos Srs. Arnaldo Ribeiro e Flávio Gomes não concedo o direito de colocar qualquer mácula à história de 110 anos do Grêmio e de sua torcida, nem aos mais de 50 anos em que venho atuando em diversas áreas do desporto nacional. Manifestações preconceituosas, levianas e ofensivas como estas afrontam decisivamente o discurso de paz e civilidade que todos nós, amantes do futebol, repetimos e sonhamos incessantemente. O Grêmio analisará, no tempo devido, as providências cabíveis visando preservar os interesses do clube e de sua apaixonada torcida. Por ora, apenas lamento que os mesmos olhos que viram equivocadamente favorecimento ao Grêmio, não tenham também visto erros que nos sonegaram, inclusive, um gol legal no início do segundo tempo da partida, numa prova definitiva da falta de isonomia e imparcialidade. (KOFF, 2013⁶¹ - grifos nossos).

Antes que a ESPN se pronunciasse oficialmente sobre o ocorrido, o jornalista Arnaldo Ribeiro postou sua retratação na página do Twitter.

Caros. Já conversei com o presidente Fabio Koff, mas falta me desculpar com vocês, gremistas, neste espaço, pelo episódio de sábado... Em momento algum, quis desrespeitar o Grêmio e sua torcida com meus comentários. Me excedi, entendo a revolta de vocês e peço desculpas. (RIBEIRO⁶², 2013)

Já Flavio Gomes não fez qualquer retratação naquele início de semana. Diante da repercussão do assunto, a ESPN lançou nota oficial, na qual destacava que a opinião expressada através das “redes sociais pessoais” dos jornalistas não refletia a opinião do canal.

A ESPN lamenta o episódio que envolveu Flavio Gomes e Arnaldo Ribeiro, profissionais do canal, no último sábado, após o jogo entre Grêmio e Portuguesa pelo Campeonato Brasileiro. **A opinião expressada através de redes sociais pessoais dos profissionais ESPN não refletem a opinião do canal**, que sempre prezou por imparcialidade e profissionalismo, sendo reconhecido por sua independência e correção de conduta. Medidas internas já estão sendo tomadas para prevenir que outros episódios como esse aconteçam. A ESPN reafirma seu compromisso em tratar o esporte e o espectador brasileiro com o mais profundo respeito e dentro da mais rigorosa responsabilidade profissional. (ESPN⁶³, 2013).

⁶¹ Nota de Repúdio disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=16550>. Acesso em 07 de maio de 2014; 16:22.

⁶² Disponível em: <https://twitter.com/search?q=J%C3%A1%20conversei%20com%20o%20presidente%20Fabio%20Koff&src=typd>. Acesso em 03 de julho de 2014; 09:37.

⁶³ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2013/09/09/espn-demite-jornalista-apos-criticas-feitas-a-torcida-do-gremio.htm>. Acesso em: 03 de julho de 2014; 09:40.

Vejamos que a rede de televisão busca distinguir, aqui, o que é institucional de expressões pessoais dos profissionais que trabalham para a emissora e reconhece que o local onde foram expressas as agressões eram páginas pessoais dos jornalistas. Contudo, o diretor de jornalismo da ESPN Brasil, João Palomino, se pronunciou sobre o caso no Twitter (**Figura 15**) e se refere a normas de uso de redes sociais pelos profissionais da empresa.

Figura 15: Postagens de João Palomino em sua página pessoal no Twitter.



Fonte: Print screen das postagens de João Palomino no Twitter

Ainda que o diretor de jornalismo reafirme que a empresa nada tem a ver com os

comentários dos jornalistas em questão, destaca que a ESPN realiza orientação interna para o bom uso das redes sociais. Ou seja, os espaços de expressão pessoal (redes sociais) e institucional (rede de televisão e sites) estão imbricados, de maneira que os fluxos mais pessoais de comunicação incidam também sobre os circuitos profissionais. Dessa forma, não há como afirmar que os meios de comunicação de massa estejam imunes a processos tentativos e fluxos comunicacionais não previstos por eles; ao contrário, esses fluxos incidem sobre suas rotinas, também as reformulando. Essa ideia se confirma no fato de que o jornalista Flavio Gomes, que não se manifestou sobre o caso, e não pediu desculpas aos torcedores e à Direção do Grêmio, foi demitido da emissora ainda naquela segunda-feira, deflagrando uma série de manifestações a favor e contra a demissão.

Dentre as manifestações⁶⁴ favoráveis à demissão, estava a crítica à postura parcial do jornalista, “@CTMM88: “Jornalista tem que possuir bom senso. Você não tem. É passional. Merecida demissão.”, e dentre as declarações que repudiavam a demissão, merece destaque justamente a ponderação de que o perfil no Twitter seria diferente do discurso institucional da rede de televisão: “@bmantovani: “Demitiram o @flaviogomes69 do tuíteer que trabalha na ESPN. Misturaram as coisas. Mas nem todos sabem separar.”, @MSavarese: “Em suma, é difícil o jornalista se humanizar nas redes sociais — onde tomam o que ele publica por quem ele é. Acho que vale arriscar.”.

É interessante perceber, então, a diferença de expectativas em relação aos papéis assumidos pelo sujeito e pelo profissional Flávio Gomes. O jornalista esperava que o público e a instituição separassem suas falas pessoais, no Twitter, de seu discurso como jornalista da ESPN. O público, por sua vez, na maioria dos comentários cobra uma postura única para as falas do que entende como “profissional Flávio Gomes”, aliás, seus seguidores no Twitter compõem justamente um público que admira e/ou busca as falas profissionais. Já a ESPN segue os movimentos do público, respondendo de acordo com as manifestações deste.

Nessa conjuntura, o estudo dos fluxos comunicacionais em Jornalismo para além dos meios revela boas pistas sobre a atuação de amadores na circulação de notícias e práticas jornalísticas na sociedade em midiatização. Vemos que os padrões mais estabelecidos sobre produção e recepção, por vezes, não servem mais, e exemplos como o de Flávio Gomes permitem inferir, ainda, a inexistência de outros critérios consensuais de distinção.

⁶⁴ Selecionamos algumas manifestações citadas pela Revista Fórum e disponíveis em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/09/jornalista-e-demitido-da-espn-apos-causar-revolta-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 07 de maio de 2014; 17:12.

3.4 Circulação de práticas jornalísticas em Mídiação

Neste Capítulo 3, procuramos explorar afetações nas representações discursivas sobre a vida humana – notícias – via fluxos e circuitos comunicacionais. Entendemos por fluxos todo e qualquer processo tentativo de comunicação em circulação e, por circuitos, os espaços em que fluxos foram culturalmente trabalhados e já se configuram como práticas legitimadas. Nesse sentido, apreendemos os meios de comunicação de massa como espaços eminentemente de circuitos e as redes sociais e blogs como espaços de fluxos tentativos, embora uma parte dos processos de redes sociais e de blogs possa ir direcionando também circuitos que podem vir a se tornar padrão.

Esses processos tentativos de comunicação como fluxos sempre existiram nas relações humanas, mas consideramos que, com a intensificação da circulação de informações e novas possibilidades inauguradas pelas tecnologias da comunicação, esses processos estejam mais complexos.

Situada na arquitetura comunicacional e seus processos de mediação crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. (ANTONIO FAUSTO NETO, 2010, p.55).

Estamos diante de processos de comunicação que só são apreendidos, tocáveis, quando recortamos determinados circuitos, mas é impossível dar conta de todos os fluxos que incidem sobre esses processos. “São, justamente, os limites pouco revelados nestas fronteiras que causam a ampliação dos olhares e a constatação de que a questão dos efeitos está associada mais a uma problemática de complexidades do que das linearidades” (FAUSTO NETO, 2010, p.60).

Com vistas a entender os fluxos que se colocam “em relação a” e também “à parte de” circuitos empreendidos via meios de comunicação de massa, o Capítulo 3 explorou casos recentes na circulação de informações, tratando primeiramente de blogs e sites produzidos por amadores; depois, da construção de circuitos sobre a notícia via redes sociais; e, por fim, de tensionamentos entre fluxos e circuitos jornalísticos – a partir da análise do caso ESPN-Flávio Gomes e Arnaldo Ribeiro. Percebemos que, no caso dos blogs e sites, amadores utilizam técnicas e gramáticas jornalísticas na produção de notícias, tais como o uso de lead, a citação de fontes, a exploração de fotografias e a linkagem com outros sites. Observamos, ainda, que

existe certa preocupação por parte desses amadores em demarcar, por vezes, o que é opinião e o que é fato – imparcial e objetivo -, como se os blogs e sites de amadores operassem sob critérios similares aos de textos jornalísticos dos grandes meios de comunicação de massa. O domínio dessas lógicas midiáticas parece acontecer muito mais como resultado de um acúmulo de experiências de consumo do que propriamente de formação acadêmica ou prática profissional em meios de comunicação de massa.

As primeiras análises de blogs e sites produzidos por amadores demonstram práticas de sujeitos que consumiram as mensagens dos meios, acostumaram-se com suas lógicas e aprenderam a dominá-las, direcionando-as, porém, em prol de uma comunicação mais personalizada e menos dirigida comercialmente.

E, mesmo que os blogs sejam tomados como fluxos em vias de se tornarem circuitos, porque já se assemelhariam aos meios de comunicação em suas regularidades de produção, ainda existem outros incontáveis exemplos das afetações dos fluxos comunicacionais empreendidos por sujeitos sobre as práticas jornalísticas.

Os saberes sobre a prática jornalística, portanto, estão disponíveis aos sujeitos por outras vias que não a inserção em grandes redações ou a formação acadêmica na área. Dentre essas vias, destacamos o próprio consumo que propicia o domínio sobre as lógicas da produção, e o intenso armazenamento e difusão de informações via Internet. Dito isso, infere-se que a prática jornalística não é processo exclusivo dos meios de comunicação de massa, nem privilégio da formação acadêmica na área; igualmente, é ação tentativa de sujeitos sociais que aprenderam com os meios a construir seus relatos de mundo e a colocá-los em circulação. E as fronteiras entre academia, profissionalização nos meios, e ações tentativas em Jornalismo são tênues, diluídas pelas afetações entre campos e sujeitos na sociedade em mediatização. Ou seja, ao mesmo tempo em que o saber acadêmico é reconhecido como instância institucional do conhecimento, a profissão de jornalista é exercida, com legitimidade⁶⁵, por sujeitos não formados academicamente na área; e os meios de comunicação, mesmo que mantenham certo lugar de destaque no agendamento do debate social, sofrem afetações de ações individuais que ganham visibilidade em redes sociais. Essas afetações podem gerar táticas, por parte dos meios tradicionais de comunicação, no intuito de se reinscreverem em distinção aos processos espontâneos – grande parte do jornalismo colaborativo, hoje, se dá nesse sentido.

⁶⁵ Em 17 de junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF) revogou a obrigatoriedade da necessidade de diploma para o exercício da profissão de jornalista.

Percebemos nos blogs e sites de amadores, então, disposição à produção de conteúdos com vistas à circulação de visões de mundo, que podem ser mais ou menos institucionalizadas, dependendo do alcance e da legitimidade de seu produtor diante da audiência. Os blogs e sites de amadores contribuem, assim, na circulação de notícias, fazendo parte da construção de leituras de mundo objetivadas pelo Jornalismo.

Sobre as redes sociais, podemos dizer que prevalece a apropriação de notícias muito mais do que a construção delas por si só. Observamos, nos exemplos sobre a cobertura do caso Kiss, que os amadores contribuíram para a produção e na difusão das notícias dos meios de comunicação de massa e que, ao fazê-lo, também fizeram incidir sobre eles sua própria lógica. O Facebook e o Twitter se revelam, assim, como espaços para ampla contribuição dos amadores em relação aos circuitos jornalísticos – lembrando que cada usuário personaliza a seu critério as notícias compartilhadas. Além disso, se os blogs ou sites de amadores se constroem a partir de técnicas jornalísticas midiáticas, as redes sociais parecem funcionar de acordo com o agendamento dos grandes meios. A cobertura do caso Kiss foi quantitativamente equivalente na mídia tradicional e nas redes sociais.

Por fim, percebemos, com a análise do caso ESPN-Flavio Gomes e Arnaldo Ribeiro, a falta de fronteiras entre os circuitos e os fluxos ainda tentativos. Ao mesmo tempo em que a instituição ESPN tentou desvincular o perfil pessoal de seus jornalistas nas redes sociais do discurso da emissora, também confirmou que tenta controlar o discurso de seus profissionais fora da rede de televisão e demitiu seu funcionário pelos ditos “de torcedor” emitidos por ele. E o público também indica essas afetações, porque ora julga o jornalista como “apenas mais um torcedor fanático no Twitter”, ora espera dele um discurso “imparcial e objetivo” mesmo nas redes sociais. Nessa conjuntura, percebemos amadores praticando jornalismo e jornalistas pretendendo-se como amadores, fora dos grandes meios de comunicação.

Os casos mencionados permitem inferir, portanto, que

(1) os meios de comunicação de massa continuam protagonistas na produção de agenda para debate social, mas participam dessas ações de agendamento, em maior ou menor grau de institucionalização, também os fluxos empreendidos por amadores - via blogs, sites ou redes sociais;

(2) as ações de amadores, principalmente em blogs e sites, já constituem certas regularidades na produção de notícias, a constar: revelam a utilização de técnicas jornalísticas para organização discursiva, com vistas a suscitar a adesão do público; e

(3) as ações de amadores em blogs e sites, bem como a atuação de jornalistas em redes sociais, revelam afetações entre fluxos comunicacionais não controláveis pelos meios de comunicação e circuitos institucionais de prática midiática.

Essas práticas de amadores ou jornalistas em blogs, sites e redes sociais permitem inferir não apenas o domínio sobre o fazer em Jornalismo, mas principalmente uma reflexão sobre o que se faz - é possível inferir que toda a prática social em jornalismo traz consigo certo nível de reflexão sobre a ética e a estética do Jornalismo. E, se mesmo os sujeitos que não tiveram contato direto com as redações dos meios de comunicação e/ou com a academia refletem sobre os fazeres jornalísticos, nos cabe avaliar também os fluxos de crítica sobre a prática e a produção midiática. Passamos a explorar então, no **Capítulo 4**, em que medida a crítica jornalística está disponível aos amadores.

[Capítulo 4]

Circulação das Críticas Jornalísticas: fluxos de debate sobre a mídia

Se práticas jornalísticas ocorrem à revelia de grandes meios ou de formação acadêmica específica, como vimos no **Capítulo 3**, é porque saberes em Jornalismo estão circulando – saberes que geram práticas e suscitam debates acerca dessas práticas. Braga (2012c, p.46) aponta a institucionalização da reflexão sobre o que se faz já na Grécia Antiga: “não simplesmente 'a sociedade interage agonisticamente', mas se vê e se pensa interagindo”. E é claro que, diante de um processo de intensa circulação de informações, principalmente via Internet, o debate sobre essas inferências é potencializado.

Os sujeitos mediados entendem as seleções que os meios de comunicação realizam e, diante disso, emitem socialmente inferências sobre elas.

Agora tudo eu escrevo (...) Vivemos num mundo de uma tal dispersão, que eu acho que o livro é o lugar de quem quer saber o que eu disse, porque senão a imprensa disse que eu disse, e as resenhas, e aquilo vai virando um telefone sem fio, e muitas vezes eu sou acusado de coisas que eu não disse – bem daquela maneira - (...) Isso é um drama da comunicação de massa (Pedro Cardoso⁶⁶, ator).

Quando Pedro Cardoso fala do que “vai virando um telefone sem fio” faz referência às afetações entre sujeitos e instituições que escapam ao controle dos produtores; são textos ora organizados pelos meios e reorganizados pelos sujeitos usuários de redes sociais, ora postados nestas e apropriados de forma diferenciada pelas mídias, além de outros inúmeros exemplos de relação entre circuitos institucionalizados e outros fluxos comunicacionais.

Podemos compreender diferentes relações entre fluxos e circuitos também na pesquisa em Comunicação Social em tempos de mediação. Dois casos de circulação nos interessam em específico, nessa tese: 1) a circulação de textos acadêmicos sobre Jornalismo

⁶⁶ Em entrevista a jornalista Leda Nagle, no Programa Sem Censura (TV Brasil), veiculado em 17 de setembro de 2009.

na Internet; e 2) a circulação de especialistas em Jornalismo na Internet – que cria fluxos não previstos pelas instituições na circulação de saberes.

Para a análise do primeiro caso - circulação de textos acadêmicos na Internet -, observamos a revista acadêmica *Animus*⁶⁷, o portal Intercom⁶⁸ e a presença de Grupos de Pesquisas no Facebook, casos que permitem inferir uma extensão dos fluxos acadêmicos no espaço virtual. Investigamos também a circulação de textos do Observatório da Imprensa que, diversamente, nos fornece pistas sobre a relação entre especialistas e amadores.

Em relação ao segundo caso - a circulação de especialistas na Internet -, observamos fluxos criados a partir da página pessoal no Facebook da professora e pesquisadora em Jornalismo, Márcia Franz Amaral, e percebemos então a existência de fluxos que obedecem a ações acadêmicas e outros que fogem a sua previsão, colocando em interação especialistas e amadores.

4.1 Debates sobre a mídia na circulação de textos acadêmicos na Internet

Nesta seção, não nos interessa analisar o conteúdo dos textos acadêmicos que transitam no ambiente virtual, mas a maneira como são colocados em circulação. Entendemos por mídiatização processos sociais que colocam em evidência relações mais complexas que fluxos lineares entre produtores e receptores. Isso vale também para as relações de pesquisa. Nesse sentido, a mídiatização da pesquisa não se restringe à alocação de textos acadêmicos em ambientes virtuais. Nem todos os espaços ocupados na rede formam fluxos diferentes dos circuitos existentes fora do ambiente virtual e, sendo assim, a mídiatização da pesquisa em comunicação não deve ser confundida com a internetização⁶⁹ da pesquisa.

Não são raros os sites de textos sobre jornalismo na Internet, dentre eles está o portal brasileiro da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação -, que divulga seus congressos regionais, prêmios em Comunicação, biblioteca de textos⁷⁰ (Portcom), notícias relacionadas à pesquisa em Comunicação, etc. O Portcom – Portal de

⁶⁷ Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus>. Acesso em: 12 de maio de 2014; 09:45.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/>. Acesso em: 12 de maio de 2014; 09:50.

⁶⁹ Entendemos por internetização a disposição em rede remota, para os bilhões de habitantes do planeta, de informações que estavam armazenadas em outros espaços, como mídias impressas e computadores locais. Mais informações sobre internetização estão disponíveis em: http://arquivos.unama.br/nead/gol/gol_adm_8mod/gestao_sistemas_informacao/pdf/aula01.pdf. Acesso em 12 de maio de 2014; 13:25.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/>. Acesso em 12 de maio de 2014; 12:22.

Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação – define-se como um repositório institucional que disponibiliza informações sobre a produção científica e a memória da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Nesse aspecto, a presença de textos acadêmicos no acervo informatizado universalmente disponível não corresponde à criação de fluxos especiais; se caracteriza como extensão dos circuitos habituais de pesquisa acadêmica e de formação, ampliando seu alcance e sua dinâmica, mas não modificando as lógicas básicas da circulação já existente ou os participantes do circuito.

Quando buscamos pelo termo “jornalismo” no Portcom, segmentando a busca na categoria “Trabalhos em evento”, retornam 2978 trabalhos armazenados no repositório em questão (**Figura 16**). Esses textos foram escritos por pesquisadores da área e abordam temas já debatidos em seus grupos de pesquisa e nos eventos da Intercom. Portanto, não se trata de material inédito publicado apenas ali.

Figura 16: Busca para o termo Jornalismo no Portcom.

The image shows a screenshot of the Portcom website's search interface. At the top, there is a navigation bar with the Intercom logo and a search dropdown menu. Below this is the Portcom logo and the text 'Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação'. The main search area is titled 'PESQUISA' and contains a search box with the word 'jornalismo' entered. Below the search box, there is a dropdown menu set to 'Trabalhos em evento'. To the right of the search box are buttons for 'Pesquisar' and 'Pesquisa Avançada'. Below the search box, the text 'Numero de Resultados Encontrados : 2978' is displayed. On the left side, there is a 'Navegar' menu with categories like 'Trabalhos (20483)', 'Livros (107)', 'Capitulos (1019)', 'Enciclopedias (0)', 'E-books (64)', and 'Videos (7)'. On the right side, there is a 'REVCOM' section with a '+' icon and four journal covers: 'Revista Intercom', 'Revista Inovcom', 'Revista Iniciacom', and 'Revista Bibliocom'. Below that is a 'PROJETO MEMÓRIA' section with a logo.

Fonte: Print screen da página do Portcom

Lembramos que os congressos regionais e o congresso nacional da Intercom são abertos ao público, mediante inscrição. Contudo, experiências de participação permitem inferir que o público desses eventos é formado, quase que exclusivamente, por pesquisadores ou futuros pesquisadores da área (estudantes). Dessa forma, o Portcom é um adicional à

divulgação dos trabalhos apresentados em eventos; contudo, o portal não se pretende como espaços de diálogo entre amadores e especialistas, e foca acima de tudo nas trocas acadêmicas.

De acordo com o próprio repositório, o Portcom busca “constituir-se referência nacional da produção técnica, científica e acadêmica em Ciências da Comunicação sendo fonte de consulta **fundamental para pesquisadores, docentes, alunos de graduação e de pós-graduação de todo o país**”. (PORTCOM, 2014 – grifos nossos). Vejamos então que o objetivo primordial do portal é justamente se estabelecer como repositório de dados, legitimando e expandindo circuitos que já existem nos ambientes acadêmicos – por exemplo, os diálogos empreendidos entre pares a partir de circuitos de pesquisa.

Da mesma forma, as publicações das revistas Intercom são realizadas por docentes, mestres, mestrandos, doutores, doutorandos, e não há registros de que profissionais da Comunicação acessem qualquer ambiente disponível pelo Portal Intercom. A Intercom mantém quatro principais publicações: Revista Intercom, Revista Inovcom, Revista Iniacom e Revista Bibliocom.

Embora apenas a Revista Iniacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação - tenha delimitação para autoria de textos (devem ser trabalhos realizados na graduação), as demais revistas estabelecem normas de publicação que definem um público-alvo: pesquisadores da área.

A Revista Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação -, por exemplo, “é uma publicação semestral editada pela Intercom que prioriza a publicação de artigos científicos do campo da Comunicação Social.” (INTERCOM, 2014, p.01), portanto prioriza trabalhos que sejam realizados a partir de rigorosa escolha teórica e metodológica.

A Bibliocom – Revista Bibliográfica da Comunicação - tem foco em pesquisas bibliográficas do campo comunicacional, logo, aceita textos muito bem embasados teoricamente sobre biografias e bibliografias relacionadas à comunicação. Já a Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação – “foi criada para divulgar as pesquisas que contenham resultados inovadores ou apresentem alternativas comunicacionais” (INTERCOM, 2014, p.01). De acordo com o site da Revista, a publicação é editada exclusivamente em formato digital e “visa atender à demanda dos estudantes dos cursos de especialização em Comunicação, bem como aos jovens profissionais atuantes no mercado de trabalho” (INTERCOM, 2014, p.01). Eis aí a iniciativa de uma publicação que se estenderia para fora dos muros acadêmicos – pretendendo alcançar os profissionais da área. Na prática, entretanto, esse alcance é bastante restrito. Observamos as últimas três edições da Revista

Inovcom (uma edição de 2014 e duas de 2013) e não percebemos a presença de autores que se intitulassem profissionais da comunicação. Os únicos autores que não apontavam estarem cursando programas de graduação ou pós-graduação se intitularam graduados em alguma habilitação da comunicação, mas não citaram qualquer experiência no mercado profissional. Além disso, esses trabalhos citavam a orientação de algum docente em exercício nas universidades de onde os autores eram egressos. Ou seja, nada temos de discursos sobre inovação mercadológica em experiências propriamente profissionais nessa publicação.

Nesse sentido, o Portcom parece servir mais à internetização de dados e não propriamente à midiatização da pesquisa em Comunicação. Da mesma forma, o faz a maioria das revistas acadêmicas que divulgam pesquisas em Jornalismo – elas funcionam bem para a troca de informações entre estudiosos da área, mas em pouco contribuem com as críticas acadêmicas de amadores.

A Revista Animus, por exemplo, se oferece como espaço para a “reflexão e a produção e difusão do conhecimento em comunicação”, mas os fluxos criados a partir de sua página parecem privilegiar a troca de saberes entre os próprios pares acadêmicos, como analisamos a seguir.

Animus é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. A proposta da revista é propiciar a reflexão e a produção e difusão do conhecimento em comunicação. Para tanto, a política editorial da revista contempla produções das áreas de jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, rádio e televisão, produção editorial, cinema e audiovisual, além dos estudos que apresentam interface com o campo. Para isso, Animus trabalha com abordagens conceituais e metodológicas, prioritariamente decorrentes de pesquisas e inéditas. Revisões de literatura serão aceitas desde que analisem o conteúdo já produzido e contribuam para o desenvolvimento do campo. **A revista destina-se a pesquisadores, profissionais, professores e estudantes da área de comunicação.** (ANIMUS, 2014 – grifos nossos).

Dentre o público da Animus, como aponta sua apresentação, estão os profissionais da comunicação, além de pesquisadores da área; ou seja, a revista pretende um público mais amplo que o Portcom, ao introduzir profissionais (que não sejam acadêmicos) como seu público-alvo. Contudo, analisamos as quatro últimas publicações da Revista (duas edições de 2013 e duas edições de 2012) e verificamos que a produção dos artigos é realizada exclusivamente por pesquisadores docentes e estudantes da área. Acessamos todos os artigos das quatro últimas edições e observamos que os autores se intitulam como docentes, mestrandos, mestres, doutorandos, doutores, ou simplesmente colocam como referência a

sigla da Universidade da qual derivam. Não há menção a qualquer tipo de relação com empresas de comunicação, por parte dos autores.

Pesquisando sobre o funcionamento da Revista não encontramos qualquer restrição à autoria de textos por profissionais, contudo, a etapa de cadastro dá enfoque à participação de pesquisadores da área, pois exemplifica a forma correta de preenchimento dos campos a partir de variáveis acadêmicas, como vemos nos destaques abaixo:

Figura 17: Página de cadastro online da Revista Animus.

Assinatura (Sua instituição, por exemplo "Simon Fraser University")

E-mail* [POLÍTICA DE PRIVACIDADE](#)

Confirmar e-mail*

URL

Fone

Fax

Endereço postal

País

Resumo da Biografia (Ex.: departamento e área)

Fonte: Print screen da página da Revista Animus

Claro que esses exemplos não restringiriam, por si, a participação de profissionais da Comunicação como autores, contudo permitem inferir que a prática corrente do periódico seja mesmo seu funcionamento a partir de colaborações acadêmicas.

Quanto aos acessos à Revista, não há dados disponíveis sobre leitores, e a Animus

destaca que “oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento” (ANIMUS, 2014). Mas sabemos que a disponibilização dos textos da Revista, por si, não garante a democratização do conhecimento, se e quando os artigos publicados são escritos e acessados apenas pelos próprios pesquisadores da área.

Além disso, vale considerar que a Revista Animus não participa de outras plataformas como redes sociais, espaços em que poderia compartilhar os artigos publicados com públicos distintos. E o caso Animus não é isolado, mas traz características de circulação da maioria das revistas que tratam da pesquisa em Jornalismo no Brasil – vide outros exemplos como a Revista SBPJor⁷¹ ou a Rebej⁷². Em relação à SBPJor, destacamos que a Sociedade tem uma página no Facebook, contudo fazem parte dela exclusivamente docentes e pesquisadores em Jornalismo, que usam daquele espaço para divulgar eventos e publicações da área e dialogar sobre o funcionamento da Sociedade. Não há ali espaços abertos para a discussão de problemáticas em jornalismo com amadores.

Outra extensão de circuitos exercidos no espaço acadêmico para o ambiente virtual é a presença de Grupos de Pesquisa no Facebook. Já é prática comum que grupos de pesquisa fundados em universidades estendam suas atividades para fóruns online, usando plataformas como o Facebook. Para isso, fundam grupos geralmente fechados (com acesso restrito), em que os membros são inseridos por meio de convites. Temos como exemplos desses grupos o caso de Professores de Jornalismo⁷³ (que tem 3015 membros), e de outros grupos menores, como Pesquisa em Mídia⁷⁴ (41 membros) e Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia⁷⁵ (41 membros).

Olhamos, mais de perto, para o funcionamento da página Professores de Jornalismo, que se configura como um grupo aberto, ou seja, qualquer usuário do Facebook, sendo membro ou não do grupo, pode ver as postagens ali publicadas e saber quem são seus integrantes. A descrição da página diz que o Grupo “Reúne professores de jornalismo para debate, pesquisa, intercâmbio de experiências, de relatos, de pesquisas e de processos

⁷¹ Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em: http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page_id=375. Acesso em 12 de maio de 2014; 13:51.

⁷² Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Disponível em: <http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej>. Acesso em 12 de maio de 2014; 13:53.

⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/4877330137/?fref=ts>. Acesso em 13 de maio de 2014; 17:31;

⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gpmidiatizacaoepesquisa/?fref=ts>. Acesso em 13 de maio de 2014; 17:31;

⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/124330554331527/>. Acesso em 13 de maio de 2014; 17:31;

pedagógicos.”. Então está claro que, embora aberto, o Grupo se fixa como um espaço para participação de docentes da área, sem a presença relevante de amadores.

Quando observamos as interações entre os membros no grupo percebemos que ali acontecem relações a exemplo de circuitos institucionais; trata-se da divulgação de eventos, de dicas de leituras, de chamada para publicação de trabalhos, etc. As postagens raramente possuem comentários que se estendam em diálogos, e isso faz da página um mural de recados, que se diferencia dos presenciais tão somente pela capacidade de maior disseminação das informações, devido às ferramentas de compartilhamento.

Das publicações veiculadas no Grupo, de 01 a 14 de maio de 2014, apenas uma contou com comentários que se caracterizaram como diálogo (com réplicas e tréplicas): a postagem de uma crítica ao Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) por meio de entrevista nas páginas amarelas da Revista Veja (**Figura 18**).

Figura 18: Postagem no Grupo Professores de Jornalismo no Facebook.

The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top, it says "Bruno Barreto compartilhou a foto de FocoLiberal." followed by "6 de maio às 09:44 · Dourados · Editado". The main text of the post reads: "O ENADE possui questões baseadas em ideologia e não em fatos? Isso acontece apenas na Formação Geral? (Vale lembrar que em 2009 o ENADE de Jornalismo teve 11 questões anuladas. " Algumas delas elogiavam programas do governo federal" e a mais polêmica dizia que Lula foi criticado pela imprensa. Notícia da época: <http://www1.folha.uol.com.br/foiha/educacao/ult305u662264.shtml>)". Below the text is a photograph of a magazine page. The magazine is titled "Entrevista CLAUDIO HANAU" and the main headline is "O objetivo é doutrinar". The article features a photo of a man in a suit sitting on a chair. A quote from the article is visible: "Não dá para dizer que uma questão que se fia em um viés político e abre espaço para a subjetividade seja bem formulada".

Fonte: Print screen da postagem no Grupo Professores de Jornalismo no Facebook

A postagem em questão gerou 23 comentários, de quatro diferentes usuários (o autor da postagem e outros três docentes inscritos no Grupo). Dois docentes defendiam que a origem da entrevista não desmerece a crítica ao Enade, que seria, segundo eles, uma denúncia importante. Os outros dois docentes menosprezam a crítica ao Enade pelo fato de ser originada em um veículo de comunicação “de total falta de isenção”, acrescentando ainda que “uma entrevista ao ser editada pode ser manipulada ao bel prazer”. As questões discutidas ali, então, não dizem respeito apenas ao teor da postagem – crítica ao Enade – mas tratam de análises do discurso jornalístico de Veja.

A polêmica não termina com qualquer conclusão, mas com a cessão de postagens por uma das partes que discutia, o que nos faz pensar que existe um momento, não muito profundo, para que as questões discutidas no Facebook dêem espaço a outras pautas.

Considerando, então, que os textos de jornalismo publicizados em portais e revistas acadêmicas virtuais circulam entre os próprios especialistas, e que os grupos no Facebook também dirigem seus diálogos, quando abertos, mais à divulgação de eventos do que para a construção coletiva de conhecimento na área, percebemos que os espaços para a publicação de textos em jornalismo na Internet, nesses casos, não criam fluxos comunicacionais que difiram em essência dos circuitos acadêmicos. Ao contrário, esses fluxos comunicacionais na Internet parecem fazer parte dos circuitos institucionais, porque estendem seu alcance, mas obedecem a suas lógicas. Não falamos, assim, em midiatização da pesquisa, mas tão somente em ampliação de espaços de trocas entre pares acadêmicos.

Por outro lado, quando observamos textos de especialistas sendo publicizados em espaços que se pretendem não acadêmicos, como é o caso do Observatório da Imprensa, notamos a existência de fluxos que colocam em relação especialistas e amadores.

O projeto Observatório da Imprensa (doravante O.I.) consiste em uma ação de análise dos meios de comunicação em site, programa de TV e de rádio. Surgido em 1996, com a criação do site e sob a direção do jornalista Alberto Dines, o Observatório apresenta-se como uma “entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira.” e que objetiva colocar em circulação um fórum permanente para usuários da mídia manifestarem suas opiniões⁷⁶. O O.I. foi organizado com o apoio do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), da Universidade Estadual de Campinas. Ou seja, existe

⁷⁶ Descrição disponível no próprio website, em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/pages/oioobjetivos>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2013; 20:11.

uma relação direta entre o Projeto e a universidade, contudo essa relação não restringe as interações do fórum aos personagens universitários.

Braga (2012c) analisa ações do O.I. e aponta suas principais políticas, que para o autor seriam de:

críticas referentes a tendências da grande imprensa; comentários sobre o exercício profissional do jornalismo; defesa do interesse público diante da produção midiática; caracterização do que deve ser uma imprensa de interesse geral (adotada então como critério para a crítica); dados sobre a imprensa e sobre o que se publica, como informação para a sociedade; elucidação do leitor sobre lógicas da imprensa de interesse geral; abertura de espaços para o leitor – com muito mais abrangência e profundidade que as tradicionais “cartas do leitor”; interação com os setores formadores das profissões de comunicação; interação com a profissão (profissionais e entidades). (BRAGA, 2012c, p.55).

Interessa aqui, especialmente, a maneira como o O.I. fomenta a circulação de inferências sobre a atuação das mídias fora dos circuitos da crítica acadêmica e, para isso, observamos o tratamento do caso Kiss em diferentes plataformas do Observatório.

Aliás, cabe destacar que grande parte do sucesso do O.I em estabelecer relações entre especialistas e amadores se dá pela multiplicidade de plataformas⁷⁷ nas quais o Projeto está inserido. O O.I. mantém um programa semanal de televisão (produzido pela TVE do Rio de Janeiro e TV Cultura de São Paulo), um programa radiofônico diário (transmitido pela Rádio Cultura FM de São Paulo, Rádios MEC AM e FM do Rio de Janeiro, e Rádios Nacional AM e FM de Brasília), um site atualizado semanalmente, cinco blogs (Código Aberto, Blog OI na TV, Monitorando, Objetos, Hiperjornalismo), e canais variados de relacionamento com o público, dentre eles uma página no Facebook.

Na mesma medida em que a mídia comercial de massa tende a enfatizar o receptor-consumidor, pode-se afirmar que processos em rede, voltados para a crítica social-midiática e marcados pela possibilidade de participação ativa na produção de “falas sociais” estimulam a figura do usuário-cidadão. Assim, a própria ação dos observatórios e ouvidorias complementa positivamente atividades tradicionais de “ação democrática” – no movimento social, na crítica, na reivindicação política – trazendo reforços e qualidade para tal âmbito de políticas sociais em geral. (BRAGA, 2012c, p.44).

Focamos nossa análise, aqui, na circulação de textos de especialistas sobre a tragédia na boate Kiss em duas diferentes plataformas do Observatório da Imprensa: site e Facebook.

⁷⁷ Todas as plataformas podem ser acessadas via site do Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Acesso em: 14 de maio de 2014; 16:43.

O site do O.I traz 14 seções nas quais os textos publicados são divididos: Armazém Literário, Caderno da Cidadania, Circo da Notícia, Diretório Acadêmico, E-notícias, Entre Aspas, Feitos & Desfeitos, Imprensa em Questão, Interesse Público, Jornal de Debates, Memória, Monitor da Imprensa, TV em Questão, Voz dos Ouvidores.

Entre os dias 27 e 29 de janeiro de 2013, o site O.I publicou 12 textos na seção Jornal de Debates, sob a tag Tragédia em Santa Maria. Destes, sete textos eram assinados por jornalistas, três por pesquisadores da área e dois por profissionais de outras áreas, como demonstra a **Figura 19**.

Figura 19: Mapa dos artigos publicados no site do Observatório da Imprensa, por ocasião da tragédia na boate Kiss, categorizados pela formação de seu autor.



Fonte: Produzido pela autora

A primeira observação acerca da publicação desses textos é a consideração de que, por meio de ferramentas que conectam o site do O.I. às redes sociais, foi possível que os

leitores compartilhassem os textos em espaços externos ao site, ampliando a circulação das críticas ali realizadas. A ferramenta “recomendar”, por exemplo, permitiu que os artigos fossem compartilhados do site para as páginas pessoais dos leitores no Facebook. Dessa forma, usuários de redes sociais que não estão acostumados à leitura do O.I. puderam ser estimulados a observar seus textos pela visualização deles na linha do tempo do Facebook de outros usuários, por exemplo.

Amplia-se, assim, o acesso e a possibilidade de que leitores não usuais emitam também suas inferências sobre textos veiculados no Observatório. Além disso, cabe destacar que a tragédia de Santa Maria permaneceu por uma semana como assunto prioritário na agenda da televisão, do rádio, da imprensa e, claro, das redes sociais e, em face desse agendamento generalizado de um tema, parece que os usuários encontram-se mais disponíveis à emissão de opinião – até porque a manifestação sobre o assunto traz o sentimento de pertença à causa.

Dos textos publicados pelo O.I., o artigo “A emoção útil e a charge infeliz”, de Sylvia Moretzsohn, foi o que contabilizou o maior número de recomendações⁷⁸ (715) do site ao Facebook. O texto de Sylvia comenta a publicação da charge de Chico Caruso, que ilustrou a presidente Dilma olhando para uma caixa gradeada em chamas e dizendo “Santa Maria!”, bem como a reprodução dessa charge por Ricardo Noblat.

Sylvia Moretzsohn é jornalista por formação, tem mestrado e doutorado, e atua como professora de Jornalismo no Departamento de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Justiça Administrativa da Universidade Federal Fluminense. Vejamos, então, que se trata do texto de uma especialista circulando no espaço virtual não-acadêmico. Mais que isso, Sylvia é citada como professora de Jornalismo, e o texto que escreve traz referências de outros casos de cobertura midiática, reflexões supostamente acadêmicas.

O artigo de Sylvia obteve também o maior número de comentários de usuários no próprio site: sete, dos quais se destacam os enunciados de Ibsen⁷⁹ (técnico em eletrônica) e Rogério (profissão não identificada) que, para além do artigo da docente, avaliam também a atuação de outras mídias.

Realmente é impossível sempre controlar as coisas. Temos vivido a expressão do "se". A mídia tem aberto espaço para apresentar sofrimentos e permitir indignação e revolta, mas ao mesmo tempo ela promove uma

⁷⁸ Foram observadas as ações realizadas no website e no Facebook do Observatório da Imprensa das 12 horas do dia 27 de fevereiro às 08 horas do dia 30 de fevereiro.

⁷⁹ Por questões de preservação da imagem não são citados nomes completos dos usuários do Facebook citados nesse trabalho.

superexposição de imagens e informações fúteis. **Quer achar culpados fora de hora e anteriormente às investigações.** Como sempre quer promover uma verdadeira caça às bruxas por antecipação. Hoje no telejornal Bom dia Brasil da Globo o jornalista Chico Pinheiro, entrevistando um Major do Corpo de Bombeiros parecia querer mais que explicações, queria encontrar culpados e fazer da corporação uma coautora de um crime. **Há perguntas, afirmações, questões que dependem de uma cuidadosa investigação para serem respondidas, mas alguns jornalistas pretendem se antecipar às investigações no intuito de já apresentar condenados** e todas as falhas de um processo que envolve uma infinidade de pessoas e instituições. Tristeza, indignação, dor e revolta sim, mas a responsabilização de pessoas e instituições deve ser feita com extremo cuidado e sob o manto da justiça e de uma profunda e cuidadosa investigação, inclusive da legislação vigente. Como o legislativo e o executivo, nosso MP precisa ser muito questionado sobre suas ações meramente reativas, mesmo e em muitos casos após ter sido provocado. (IBSEN, 29/01/13, 10:34 – grifos nossos).

Concordo com Ibsen. A mídia não espera investigações, não procura informar: procura culpados. Cria coisas, ou força a barra para que alguém diga algo e passa a tratar a coisa criada ou forçosamente dita como verdade. Hoje, 29/01, Fátima Bernardes quase tirou do sério um bombeiro de Santa Maria, do qual, infelizmente, não lembro o nome, porque queria que o bombeiro dissesse que a boate estava irregular e com lotação acima da permitida. **Questionava, pelo ponto eletrônico, o que o bombeiro dizia, impedindo-o de terminar o raciocínio.** Friso que esse mesmo bombeiro, ontem, 28/01, na Record, já tinha sido responsável e claro no que dizia, e que repetiu hoje. Disse que a Kiss cumpria tudo o que a norma exigia, no seu mínimo, e que, por isso, estava claro que as normas têm que ser revistas. Disse que, para uma lotação como a da Kiss, de 691 pessoas, a norma exige uma porta, embora aconselhe duas. Disse que os bombeiros pediram aos donos que fizessem mais uma porta, mas que não podiam exigir, pois a norma não exige. A segunda porta não foi feita, mas a norma estava cumprida. Mas a mídia não aceita isso. Diz que a boate descumpria a norma, e pronto. Não sabe quantas pessoas havia na Kiss, mas fica dizendo que eram mil, mil e quinhentas, duas mil, e pronto. A mídia, principalmente nesses casos, é leviana, irresponsável e sensacionalista. (ROGÉRIO, 29/01/13, 22:59 – grifos nossos)

Ibsen destaca a maneira como os meios de comunicação realizam uma “verdadeira caça às bruxas” no sentido de procurarem culpados pela tragédia a qualquer custo. Para exemplificar sua afirmação, relata uma cena do Jornal Bom Dia Brasil, da Rede Globo de Televisão, em que o âncora Chico Pinheiro realiza perguntas de forma a guiar o bombeiro na condução de culpados. O usuário, assim, não apenas comenta o texto de Sylvia, que aborda primordialmente a sensibilidade diante de coisas não controláveis, mas também coloca em circulação outras experiências sobre meios de comunicação de massa.

Da mesma forma, Rogério complementa o comentário de Ibsen e agrega mais dados à crítica, considerando que a mídia é “leviana, irresponsável e sensacionalista” ao citar números de lotação da boate que não passam de especulações, além de forçar a identificação

de culpados pela tragédia.

Há que se destacar que esses dois usuários do site, não identificados como profissionais ou pesquisadores da mídia, trabalham grandes questões cotidianamente presentes nas salas de aula do ensino em Jornalismo e exploradas inúmeras vezes por docentes e/ou pesquisadores da área: 1) a busca incessante por culpados pela mídia; e 2) a falta de precisão na apuração das informações. A forma como esses usuários organizam sua argumentação também não fica aquém das conclusões a que pesquisadores chegam depois de uma vasta análise, baseada em critérios teóricos e metodológicos.

Vejam os que as observações tanto de Ibsen quanto de Rogério chamam a atenção para a necessidade que a mídia tem em encontrar culpados, em condenar os envolvidos na tragédia antes mesmo de um julgamento judicial. Ibsen afirma que a mídia “quer achar culpados fora de hora e anteriormente às investigações” e complementa que “como sempre quer promover uma verdadeira caça às bruxas por antecipação”, trazendo como exemplo a análise de um caso em específico: a entrevista considerada por ele inquisidora que Chico Pinheiro realizou com um Major do Corpo de Bombeiros. Ibsen – destacamos, técnico em eletrônica – não apenas critica o posicionamento midiático, mas analisa um exemplo concreto de narrativa que foca na defesa de uma ideia prévia, em vez de simplesmente informar. Da mesma forma, se dá a crítica de Rogério à entrevista de Fátima Bernardes com um bombeiro santa-mariense. Aliás, Rogério também acrescenta o entendimento da rotina produtiva em jornalismo: ao citar perguntas mencionadas “via ponto eletrônico”.

As críticas de Ibsen e Rogério vão ao encontro das conclusões obtidas por Michele Negrini (2001) para a análise de outra cobertura midiática: o sequestro e assassinato de Eloá Cristina Pimentel pelo ex-namorado Lindemberg Alves, ocorrido em Santo André, São Paulo, no ano de 2008⁸⁰. Negrini (2011), ao pesquisar o tratamento discursivo do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e do Jornal da Band, da emissora Bandeirantes, na cobertura do caso, conclui que ambos os telejornais constroem, acima de tudo, uma narrativa de condenação de quem consideram criminoso.

⁸⁰ Em 13 de outubro de 2008, Lindemberg Fernandes Alves, invadiu o domicílio de sua ex-namorada, Eloá Cristina Pimentel, no bairro de Jardim Santo André, em Santo André, fazendo reféns ela e seus colegas ali presentes. Dois reféns foram liberados, restando no interior do apartamento, em poder do sequestrador, Eloá e sua amiga Nayara Silva. Após mais de 100 horas de cárcere privado, policiais invadiram o apartamento e entraram em luta corporal com Lindemberg, que atirou em direção às reféns. A adolescente Nayara foi ferida com um tiro no rosto, mas sobreviveu. Eloá foi levada inconsciente para o Centro Hospitalar de Santo André e faleceu no dia 18 de outubro daquele ano. Em janeiro de 2012, Lindemberg foi julgado e condenado a 98 anos de prisão.

Não há como negar a violência dos crimes e não se trata de defender os “criminosos”. Mas, ressalta-se que se a mídia desse lugar a outras lógicas de enunciação, talvez tivéssemos vítimas também caracterizadas como imperfeitas. E pode-se inferir que acaba ocorrendo uma espécie de condenação às pessoas que cometeram crimes através do discurso midiático. (...) o Jornal Nacional e o Jornal da Band fogem do seu “tratamento habitual” aos criminosos em raras situações. Esses, na maioria das vezes, são tratados como essencialmente maus. O JN e o JB, ao caracterizarem as pessoas que cometeram crimes, rumam para condutas similares. Eles levam muito mais em conta as características da espetacularização do que as bases do jornalismo. (NEGRINI, 2011, p.12).

Ibsen e Rogério, então, mesmo sem dominar técnicas de análise do discurso remetem seus exemplos exatamente ao que Negrini refere na pesquisa: a necessidade de que a mídia dê lugar a “outras lógicas de enunciação” não condenatórias, baseadas em princípios de um jornalismo de essência informativa.

Uma pesquisa rápida em comentários de outros textos no O.I. permite concluir que tanto Ibsen quanto Rogério são comentadores assíduos dos textos publicados no site o que, a princípio, garante-lhes ao menos a leitura de críticas midiáticas observadas por ocasião de outras coberturas. Nesse caso, entendemos que o O.I. funciona como um espaço que aciona a circulação de críticas sobre Jornalismo e coloca em interação especialistas e amadores.

Não se pode considerar, então, que esses usuários do site sejam sujeitos sociais alheios a comentários de especialistas ou à teoria produzida sobre as mídias, afinal, constantemente estão em contato com críticas construídas por analistas da mídia e docentes de Comunicação. Eis aí um circuito que funciona, portanto, relacionando fazer midiático (práticas jornalísticas), debate social (voz dos usuários do website), e ações acadêmicas na área (comentários de pesquisadores em Jornalismo). Trata-se do que Braga (2012c, p.48) aponta como tentativa da sociedade em “desenvolver processos diversificados de auto-percepção em termos comunicacionais”, isto é, “agregando e disponibilizando (pondo em circulação) informações sistematizadas, críticas, análises, proposições praxiológicas, auto-reflexões praticas... e fazendo entrecruzar campos sociais”.

Para Braga, a lógica que sustenta os observatórios, tais como o O.I., enfatiza a importância que a sociedade confere à “ampliação de conhecimento como modo de sustentar falas e ações com alguma previsibilidade de resultados.” (BRAGA, 2012c, p.51). Acrescento ainda a conexão do site às redes sociais como estratégia nessa lógica do O.I para a ampliação do debate sobre as mídias. O site deixa em todos os textos a opção de que o artigo circule em outros espaços – mais que isso, o Projeto O.I. mantém sua própria conta em redes sociais, por meio das quais reproduz e complementa os sentidos dos textos postados no site. Vejamos, em

específico, como a conta do O.I. no Facebook colocou em evidência as publicações do site e proporcionou outros fluxos para a crítica sobre a cobertura jornalística da tragédia em Santa Maria.

Até às 08 horas do dia 30 de janeiro de 2013, o Facebook do O.I. contava com seis postagens referentes à tragédia. Delas, cinco remetiam a textos do site do Observatório de Imprensa; a única postagem exclusiva do Facebook foi uma primeira nota sobre o incêndio, publicada ainda no domingo, e intitulada “Tragédia em boate de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, é destaque na imprensa internacional”. Essa postagem linkava à matéria “Jornais internacionais repercutem incêndio em boate no RS”, publicada no site da Folha de São Paulo.

No entanto, cabe destacar que as postagens do Facebook acabaram circulando de maneira independente ao site, gerando outros fluxos diversos – em comentários de amadores e especialistas na área. A postagem que teve mais compartilhamentos no Facebook foi a chamada para o texto de Sylvia Moretzsohn, publicada apenas na terça-feira, dia 29 de janeiro de 2013, após grande repercussão do texto no site. A chamada para o artigo vinha ilustrada por uma charge de Latuff, que trazia uma mulher chorando sobre um caixão e sendo indagada por um repórter de televisão: “qual o sentimento nessa hora?”, como demonstra a **Figura 20**.

Figura 20: Chamada para o artigo de Sylvia Moretzsohn na página do O.I. no Facebook.



Fonte: Print screen da postagem do Observatório da Imprensa no Facebook

Com vistas a entender a circulação das publicações dentre amadores, realizamos uma sondagem das formações e profissões dos usuários que compartilharam a postagem do texto de Sylvia, que obteve 141 compartilhamentos. Identificamos apenas 20% desses usuários em relação a sua profissão. Dos 30 usuários identificados, dois estão relacionados diretamente à mídia: Dênison (Editor) e Adriana (Redatora); os demais apresentaram distintos graus de formação e profissões – são vigilantes, professores, estudantes de ensino médio, empresários, músicos, designers, historiadores, funcionários públicos, administradores, etc.

As poucas introduções que acompanhavam o compartilhamento da postagem traziam, em geral, frases e expressões curtas, tais como “Da perversão midiática” (estudante), “Urubus” (designer), “Lamentável!” (empresário), “Sem sentimentos, é pouco!” (funcionária pública). A maioria dos compartilhamentos se deu de maneira direta, sem comentários iniciais e, mesmo a redatora Adriana, que investiu um texto maior em sua introdução ao compartilhamento, limitou-se a enumerar questões no papel de consumidora da mídia.

Tocando em nosso ponto fraco, a emoção que sentimos diante de um fato tão trágico, qual o papel da imprensa? Em qual momento a informação ou o excesso dela transforma a cobertura jornalística em vilã [sic]? Tirem as próprias conclusões... nesta história de terror existem os verdadeiros culpados por tanto sofrimento. (ADRIANA, 29/01/2013, 12:40).

Percebe-se que sua contribuição, nesse sentido, não vai muito além dos demais compartilhamentos, o que demonstra certa paridade nas declarações de amadores e profissionais da mídia nas postagens analisadas.

Além disso, cabe considerar que o Facebook aciona um circuito de crítica midiática com maior diversidade de usuários em relação aos leitores do site do O.I. e, dessa forma, busca suprir justamente o que Herschmann, Santos e Albornoz (2008, apud BRAGA, 2012c) apontam como uma limitação dos observatórios em relação a legitimação social: a fragilidade de canais com a sociedade. O Facebook imprime maior articulação com a sociedade civil do que o site, a televisão ou o rádio – estes demandam conhecimento e interesse no Observatório em si, enquanto que o Facebook é plataforma acessada para outras funções e a partir da qual o usuário pode ter contato com o O.I de maneira casual, pela linha do tempo de amigos.

Essa diversidade de usuários reflete-se na dispersão dos comentários relativos à publicação do texto de Sylvia Moretzsohn: “E, de tragédia em tragédia, vamos empurrando nossos "pobrema" [sic] com a barriga! Merecemos Renan, Sarney, Maluf...” (sem

identificação de profissão), “A globo tá me surpreendendo com essa cobertura 100%.... ninguém merece” (advogada), e “Legal esse Ricardo Noblat simplesmente chamando todo mundo de BURRO, achando que ninguém sabe da total imparcialidade [sic] do jornaleco dele, que até em um momento desses quer culpar o PT por tudo” (analista de sistemas). Ao contrário das construções discursivas dos usuários do site – interessados especificamente na crítica midiática -, esses comentários revelam outros interesses, como crítica a políticos e posições partidárias. Ainda assim, seguem refletindo sobre as produções jornalísticas para a tragédia da Kiss. Mesmo na diversidade de interesses e de circuitos profissionais de que participam esses usuários, percebemos certa disposição à crítica jornalística. Nesse sentido, interessa menos o texto de Sylvia como produto e mais os fluxos que ele suscita à crítica das mídias, fluxos que colocam em relação especialistas e amadores.

Mas é certo, também, que a processualidade rápida das redes, como sistemas de intensificação de circuitos, evidencia com mais clareza essa disseminação do “produto” em um ambiente mais amplo, menos estritamente percebido apenas como “sistema de elaboração de produtos”, mas sim como fluxo de circulação adiante, em que falas e escutas se inscrevem e se desenvolvem. (BRAGA, 2012c, p.52).

Tanto o O.I quanto os demais espaços de divulgação de textos acadêmicos em Jornalismo aqui estudados envolvem fluxos que vão além do produto “texto”. Contudo, o Portcom e as revistas acadêmicas em questão funcionam de maneira muito semelhante aos circuitos já existentes na academia. As comunicações estabelecidas a partir deles são equivalentes às interações presenciais entre docentes e entre docentes e discentes. Quando observamos a circulação de textos em diferentes plataformas do Observatório da Imprensa, contudo, verificamos fluxos que envolvem especialistas e amadores e, por isso, percebemos interações que escapam às práticas das universidades. O que queremos destacar, com isso, é que a presença de textos acadêmicos na Internet, em si, não é um elemento central na midiática da pesquisa em Jornalismo; para uma percepção de maior acuidade sobre essa midiática, é preciso observar quais fluxos esses textos incitam; e também como a produção e a entrada de textos se redesenham em função dos fluxos em que se inscrevem.

Podemos inferir que a presença de textos na Internet, por si só, não contribui com a sociedade em rede prevista por Manuel Castells, “uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado” e que, principalmente, penetra em todos os níveis da sociedade (CASTELLS, 2008, p. 17). Afinal, a disponibilidade do texto amplia as possibilidades de produção de conhecimento e trocas

acadêmicas, mas não garante que essa produção vai estar acessível a outros sujeitos.

Contudo, quando observamos que não apenas os textos circulam na rede, mas também seus autores, podemos considerar a possibilidade de Castells estar certo quando avalia que, na sociedade em rede, a circulação dos assuntos incide mesmo sobre uma camada social que não tem acesso direto à mídia. Por isso, falamos mais especificamente da circulação de especialistas na Internet na próxima seção, que analisa as interações derivadas da página de uma docente e pesquisadora de Jornalismo no Facebook.

4.2 Debates sobre a mídia na circulação de especialistas nas redes sociais

Com vistas a analisar a crítica jornalística em relação a circuitos estabelecidos e fluxos não previstos, exploramos a circulação de saberes sobre Jornalismo a partir da página de Márcia Franz Amaral⁸¹ no Facebook. Esta seção analisa os diálogos acadêmicos estabelecidos por Márcia em sua página pessoal, por ocasião da tragédia na boate Kiss, buscando especialmente suas interações com usuários de outras áreas do conhecimento, profissionais da comunicação, e/ou acadêmicos dessa área. Pretendemos, nesse espaço, analisar fluxos diversos que se formam entre circuitos institucionalizados e conversas informais e que, assim, justificam a ausência de fronteiras delimitadas na circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização.

Embora tracemos nossas análises, mais uma vez, no caso específico da circulação de saberes a partir do episódio da tragédia na boate Kiss, destacamos que nos interessa menos a produção do acontecimento midiático em questão do que os fluxos de prática e debate jornalístico fomentados por ocasião desse episódio.

Primeiramente, caracterizamos as conexões estabelecidas por Márcia via Facebook no período de análise, observando seus compartilhamentos de postagens. Com base em uma breve análise, estabelecemos quatro categorias de compartilhamentos, a partir das quais classificamos as postagens da docente. Destacamos que essa categorização é de cunho sociológico e necessária apenas para traçar um mapa de relações; contudo não se pretende definitiva ou restritiva as demais interações estabelecidas por Márcia no Facebook.

As quatro categorias propostas para os compartilhamentos são: derivados de perfis

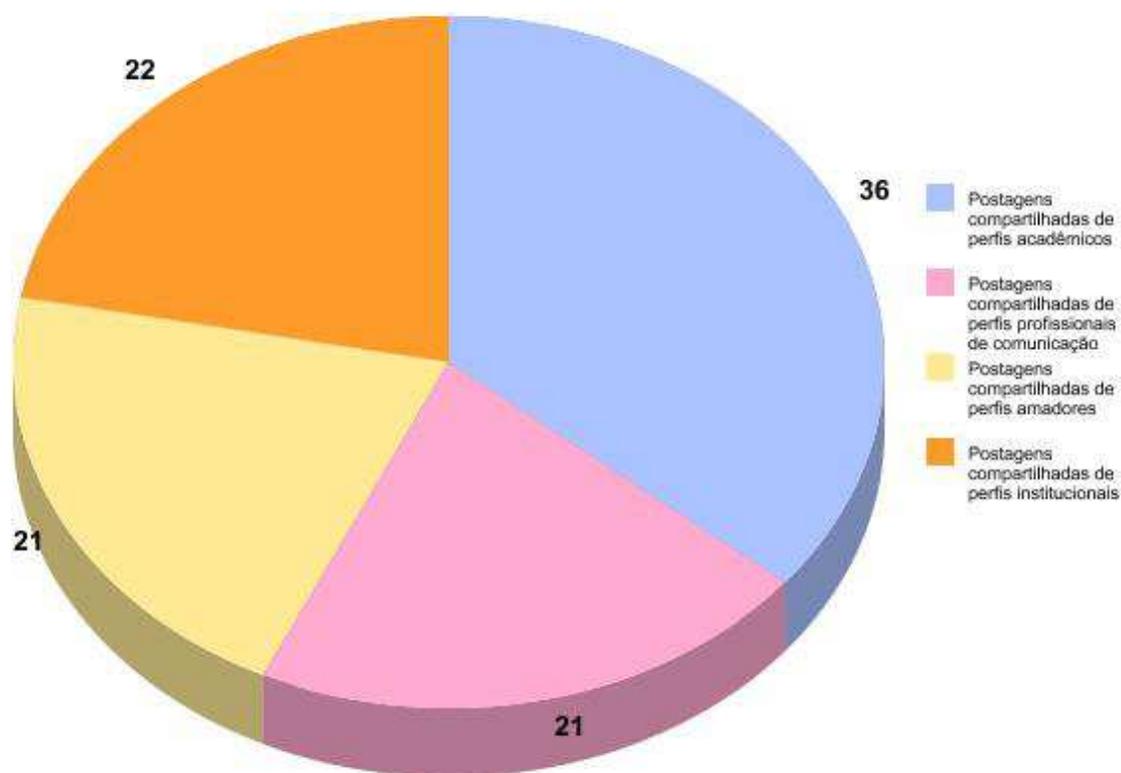
⁸¹ Márcia Franz Amaral é professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na mesma universidade. A docente é Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e lidera o Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo no (UFSM/CNPq).

acadêmicos, de perfis de profissionais da Comunicação, de perfis de amadores, e de perfis institucionais. Ressalvamos que também houve compartilhamentos de notícias de meios de comunicação de massa, não contemplados por essa análise porque focamos aqui nos fluxos de crítica e não propriamente de prática jornalística. Além disso, esclarecemos, mais uma vez, que categorizamos como amadores os usuários que não têm relação direta com a formação em Comunicação e/ou prática de mercado na área; mas entendemos que, em midiatização, não há como afirmar que atores sociais sejam completamente amadores em determinado assunto, até porque o consumo de produtos midiáticos traz saberes sobre suas lógicas.

Do total de 133 postagens realizadas por Márcia, entre 27 de janeiro e 28 de fevereiro, 39 foram textos originais da docente e outras 27 partiram de meios de comunicação de massa, totalizando uma soma de 66 postagens. As demais postagens somam 67 compartilhamentos originados em outros perfis, como aponta o gráfico abaixo. Seus números indicam a porcentagem de compartilhamentos nesse conjunto de 67 postagens.

Figura 21: Gráfico de compartilhamentos realizados por Márcia Franz Amaral em sua página pessoal no Facebook.

Origem dos compartilhamentos realizados por Márcia Amaral no Facebook, no período de 27 de janeiro a 28 de fevereiro de 2013.



Fonte: Produzido pela autora

Vejamos que 36% dos compartilhamentos são derivados diretamente de perfis acadêmicos, o que representa uma maioria de postagens organizando fluxos acadêmicos fora dos espaços formais da Universidade. Podemos considerar, ainda, que os compartilhamentos de perfis institucionais são quase em sua totalidade derivados de instituições de ensino, pesquisa e/ou extensão e que os compartilhamentos de profissionais da Comunicação representam o contato de Márcia com ex-alunos. Dito isso, 79% das relações estabelecidas pela docente em sua página se relacionam a conexões acadêmicas. Molda-se via Facebook, assim, uma complexa rede de conexões acadêmicas fora do espaço institucionalmente direcionado para isso – a universidade.

Exemplos de compartilhamentos de perfil acadêmico são postagens realizadas ainda nos primeiros dias após a tragédia e que trazem notícias já publicadas no perfil de colegas docentes. Em postagem realizada ainda no dia 27 de janeiro, Márcia compartilha a notícia veiculada pela assessoria de imprensa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e já publicada no Facebook de sua colega de trabalho, Débora Cristina Lopez, professora da UFSM no campus de Frederico Westphalen (**Figura 22**). Trata-se da informação de que a UFSM estava manifestando seu luto e convocando psicólogos e assistentes sociais para serviços voluntários junto às vítimas e familiares. Nesse sentido, lógicas diferentes são acionadas na conexão acadêmica via Facebook: a publicidade institucional se conecta à procura de solidariedade, evidenciando relações para o exercício da cidadania.

Figura 22: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre o manifesto da UFSM, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook
Não ignoramos, claro, que essas relações acadêmicas no exercício da cidadania são

estimuladas por uma situação em particular e extraordinária: a tragédia na boate Kiss. Por outro lado, cabe destacar que esse tipo de interação é favorecido pela natureza mais informal das redes sociais, em relação à formalidade das interações nos circuitos já estabelecidos.

Consideramos que, em circuitos fechados da e na universidade, existem menos espaços para trocas que não se relacionam diretamente ao fazer acadêmico. Em contrapartida, a partir da página de Márcia Amaral no Facebook, o compartilhamento do manifesto da UFSM ganha mais público, sendo inclusive imediatamente compartilhado por outra docente do mesmo departamento de Márcia, Laura Storch. Amplia-se, assim, a rede de visualizações do apelo e, provavelmente, também a participação de psicólogos e assistentes sociais no atendimento às vítimas.

Cabe destacar que, quando falamos em perfis acadêmicos, consideramos tipos diferentes de relações, dentre as quais destacamos duas principais aparições nos compartilhamentos de Márcia: relação docente-docente e relação docente-discente.

As relações entre docentes permitem inferir um enfoque maior no contato do que na produção de conhecimento. Exemplo disso é que, em meio às postagens sobre a tragédia, mais precisamente em 12 de fevereiro de 2013, Márcia recebe o convite do docente da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Demétrio Soster, para o lançamento de seu livro de poesias: “Tempo Horizontal” (**Figura 23**).

Figura 23: Postagem de Demétrio Soster na página de Márcia Franz Amaral, no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook
Esse convite permite inferir que a rede social serve tanto para o estreitamento de

relações acadêmicas quanto a diálogos mais informais. Márcia, inclusive, curtiu⁸² a publicação de Demétrio, legitimando o contato.

Vejam, ainda, outras duas interações na conexão docente-docente a partir de postagens originais de Márcia, que exemplificam essa relação para manutenção do contato. A primeira refere-se à frase postada pela docente em 26 de fevereiro de 2013: “Cenas insólitas de Santa Maria. Academia, várias pessoas na esteira. Na TV, Ana Maria Braga entrevista mãe que perdeu filhos na boate Kiss. Olho pro lado, todo mundo chorando”. Dentre os comentários dessa postagem está uma ponderação de Carlos Franciscato, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea e Professor da Universidade Federal de Sergipe, expressando “eu não consigo ler notícias ou imagens sem ficar profundamente tocado”, ao que Márcia replica: “Quando vais aparecer Carlos? Avisa! Abraços”, e complementa depois “Queremos te ouvir no curso de Jornalismo.”. Percebemos, aqui, um diálogo que se estabelece para o estreitamento da relação acadêmica e não necessariamente em prol do aprofundamento do tema inicialmente exposto: as cenas insólitas de Santa Maria por ocasião da tragédia.

Da mesma forma, quando em 28 de janeiro de 2013 a docente desabafa suas impressões sobre a caminhada pela paz, ocorrida em Santa Maria naquela noite, os comentários demonstram solidariedade sem que necessariamente questões centrais do comentário de Márcia sejam aprofundadas (**Figura 24**).

Figura 24: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre a volta às aulas após a tragédia, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

⁸² Curtida é uma ferramenta do Facebook pela qual um usuário concorda com a publicação de outro.

Sete professores da Universidade Federal de Santa Maria e de outras universidades do Rio Grande do Sul se solidarizam à preocupação de Márcia e comentaram que a dúvida que a perturbava seria de todo o coletivo. Destaca-se a fala de um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “o semestre, já torto e complicado, acabou. Como cobrar presença, assiduidade e comprometimento quando tudo parece sem sentido?”. O docente em questão revela, em seu comentário, a condição ímpar do semestre em curso devido à greve nas universidades federais brasileiras em 2012 – mas essa discussão não é levada adiante e permanece a sensação de que o lamento de Márcia não passou de uma pergunta retórica.

Os fluxos empreendidos entre docentes permitem inferir, então, conexões que primam pelo contato, pela manutenção de relações - que são importantes pessoal e profissionalmente. Cabe ponderar que esses fluxos estabelecidos entre docentes via Facebook se assemelham à circunstâncias interacionais da ordem do privado – poderíamos identificar interações semelhantes em conversas entre pares, por email ou em diálogos presenciais, portanto espaços privados. Nesse sentido, existe certo contraste entre a disposição pública desses diálogos e as lógicas dos circuitos acadêmicos (que demarcam um padrão de relações regidas pelas questões acadêmicas, definindo como impertinentes todas as outras).

Por isso mesmo, falamos de comunicações tentativas, de fluxos comunicacionais que não compõem ainda regularidades. Márcia, que é docente, usa sua página pessoal no Facebook para expressar preocupações sobre a atividade universitária e, dentre pares docentes, essa angústia ganha ares de conversa informal – que não caberia propriamente em circuitos universitários.

Por outro lado, os fluxos entre docente e discente parecem funcionar com maior destaque à lógica da produção de conhecimento do que manutenção do contato, ancorados assim na pertinência acadêmica. Dois compartilhamentos endereçados a orientandas de Márcia chamam atenção para isso.

Dois dias após a tragédia, Márcia realiza a primeira postagem que não trata do incêndio: recomendava, a duas alunas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM, um evento de Comunicação - a Jornada de Comunicação de Crises da Aleph Comunicación⁸³, que se realizaria em Madri/Espanha no dia 14 de fevereiro de 2013 (**Figura 25**).

⁸³ Aleph Comunicación é uma agência de Relações Públicas situada em Madrid/Espanha.

Figura 25: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre evento em Comunicação, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

Primeiramente, destacamos que Márcia abriu esse espaço em seus desabaços sobre a tragédia para divulgar uma Jornada de Comunicação de Crises a duas orientandas suas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, o que confere importância ao assunto. Uma delas respondeu prontamente, justificando que não poderia participar em função de compromissos assumidos com a docência em outra universidade. Essa aluna introduz seu comentário com a referência “Profa. Márcia”, que caracteriza a distinção entre as duas participantes do Facebook (docente e discente) e demonstra certo grau de formalidade nas interações realizadas por elas.

Nesse mesmo sentido, em 07 de fevereiro de 2013, Márcia compartilhou um artigo do Blog Cultura Mídia e Educação, intitulado “Mídia e Educação: existirá um jornalismo de prevenção?”, referindo as mesmas alunas do Programa de Pós-Graduação na introdução da postagem (**Figura 26**). Vale ressaltar que, ao compartilhar as postagens endereçando-as a duas pós-graduandas, Márcia estabelece com elas um diálogo direto sobre produção acadêmica em Jornalismo – conferindo inclusive uma função de mediação a sua página -, o que corrobora com a inferência de que esse espaço mesmo não institucionalizado cria fluxos de saberes em Jornalismo.

Figura 26: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre artigo de Jornalismo, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

Interessa perceber, nesse caso, três diferentes interações: a curtida de uma das alunas citadas – que demonstra a leitura do texto; o comentário da segunda aluna citada; e o compartilhamento do artigo por outra docente de Jornalismo. No comentário, Marisa afirma que leu e gostou do texto, e adianta – como se em uma orientação de pesquisa – a informação de que está trabalhando em um artigo sobre o tema para o congresso da Intercom.

O texto do blog, a partir da postagem de Márcia, foi compartilhado também por outra docente de Jornalismo da Universidade Franciscana, de Santa Maria/RS. Esta, ao partilhar o artigo, destacou parte dele (**Figura 27**).

Figura 27: Compartilhamento da postagem de Márcia Franz Amaral, na página pessoal de Luciana Carvalho no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Luciana Carvalho no Facebook

O compartilhamento de Luciana traz consigo o destaque a uma consideração do autor do texto, que funciona ali como uma “aula de jornalismo”. E é interessante perceber que, dentre as três pessoas que curtem o texto a partir do Facebook de Luciana, está uma senhora que não é formada em comunicação – portanto considerada aqui como amadora.

Outros tantos compartilhamentos institucionais revelam o uso da página de Márcia no Facebook para divulgação de eventos e oportunidades acadêmicas, tais como a chamada para bolsas de estudo em jornalismo ambiental (que contou com a curtida e compartilhamento de uma ex-aluna de Márcia), a veiculação de oportunidade de estágio em comunicação no Brasil (que foi compartilhada por outras duas docentes – da UFSM e da Universidade Franciscana), a divulgação de um artigo publicado originalmente no Boletim da Universidade Federal de Minas Gerais e que trata do ritmo de produção da pesquisa acadêmica no Brasil, a divulgação de inscrições para o Festival do Minuto⁸⁴, a chamada para inscrição de trabalhos

⁸⁴ Festival virtual de vídeos produzidos com durações de tempo variadas. Disponível em:

na Revista Rizoma⁸⁵, e a divulgação do calendário acadêmico 2013 da UFSM.

É interessante perceber que, quando as postagens são endereçadas, assumem quase que um caráter de orientação de pesquisa – formando um fluxo comunicacional com fins acadêmicos fora do espaço universitário. E Márcia exerce com consciência esse papel de mediação de saberes.

Em 02 de fevereiro de 2013, a docente compartilha o texto de um perfil institucional – o *Portal de la Comunicacion* da Universidade Autônoma de Barcelona -, introduzido pelo enunciado: “Amigos, me desculpem, sei que estão todos cansados, mas como professora de jornalismo, com um perfil seguido por muitos alunos, não posso deixar de compartilhar as reflexões que nos acompanharão por muito tempo no Curso de Jornalismo da UFSM.” (Figura 28).

Figura 28: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre reflexões jornalísticas, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

<http://www.festivaldominuto.com.br/>. Acesso em: 15 de junho de 2013; 13:00.

⁸⁵ Publicação científica do Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>. Acesso em: 15 de junho de 2013; 13:00.

Essa ciência condiciona, de acordo com a afirmação da docente, as postagens por ela veiculadas; Márcia reconhece a função de mediadora que exerce mesmo no Facebook – e porque as curtidas relacionadas ao compartilhamento do artigo derivam de alunos de Jornalismo, consideramos que eles corroboram com essa representação.

Por outro lado, a falta de endereçamento das postagens, em outros momentos, vem junto de uma certa dispersão nos comentários. Com isso, ressaltamos que os fluxos comunicacionais a partir do Facebook não produzem críticas aprofundadas sobre os artigos recomendados, mas são ainda comunicações tentativas. É como se as interações na página de Márcia Franz Amaral produzissem fluxos para legitimação de outros circuitos mais do que para a criação de um circuito próprio a aquele espaço. Exemplo disso é o fato de Márcia ter veiculado em mídia impressa – e não no Facebook – um artigo autoral sobre a cobertura midiática para a tragédia da Kiss.

Em 23 de fevereiro de 2013, Márcia solicitou aos seus amigos de Facebook, principalmente ex-alunos e moradores da região Central do país, que procurassem um texto seu publicado em dois jornais impressos daquela região, o Correio Braziliense e o Estado de Minas Gerais: “Amigos de Minas e do Distrito Federal: escrevi um artigo para o Correio Braziliense e Estado de Minas e deve ter saído hoje no caderno Agir e Pensar. Se alguém for assinante, por favor me envie! O acesso é fechado.”

Essa postagem produz, ao menos, dois principais estímulos nos leitores da página de Márcia Amaral no Facebook: 1) a busca em atender à solicitação de Márcia para acesso ao artigo publicado, e 2) a curiosidade sobre o conteúdo publicado no artigo, que foi posteriormente postado pela própria docente, em 25 de fevereiro de 2013, também em sua página pessoal no Facebook.

Quando apresenta o artigo na íntegra (**Figura 29**), a postagem recebe 54 curtidas, 20 comentários e 17 compartilhamentos. Essas interações, em sua maioria, acontecem a partir de perfis acadêmicos – docentes, discentes e ex-alunos de Márcia Amaral.

Escrevo desde Santa Maria - RS, cidade que foi foco da imprensa no final de janeiro, com a cobertura do incêndio que vitimou pelo menos 237 jovens. Do centro desse acontecimento prenehe de sentidos e sensacional em si, reflito sobre os limites do jornalismo na cobertura de tragédias. O que o jornalismo pode fazer no ápice de acontecimentos trágicos, senão relatar o trágico? E quando deixa de informar e passa a fazer sensacionalismo? Não me refiro a casos extremos como foi o do programa Balanço Geral da Record que simulou ao vivo o cenário do incêndio com gelo seco, enquanto chamava o repórter direto da cena da tragédia. E sequer trato de iniciativas com o fim exclusivo de aumentar a audiência ou os índices de leitura, como é o caso da revista Época cuja capa sobre o incêndio foi escolhida pelos curtidores do Facebook. Refiro-me a aspectos constitutivos do jornalismo informativo diário que dizem respeito às rotinas produtivas, à percepção do que é notícia e à narração de um acontecimento catastrófico. (AMARAL, 2013).

Das questões problematizadas por Márcia no decorrer do artigo estão a busca por relatar o imediato, o respeito às rotinas já estabelecidas de produção, o destaque às consequências em relação às causas, o foco na singularidade e nas experiências-limite.

Há, inicialmente, a preponderância da imagem sobre a análise, a personalização das vítimas, a fala dos testemunhos e a despersonalização na apuração das responsabilidades. Entra em ação um ethos consensual, o da solidariedade. Todos, jornalistas e população, constituem-se em vítimas virtuais e extravasam o sentimento de qualquer um poderia estar lá. O mundo da política, das instituições e do Poder Público fica em segundo plano. Neste primeiro momento, toda a manifestação que revela inconformidade ou tensão é controlada para não tirar o foco do principal. (AMARAL, 2013).

Interessa observar a forma como a análise que Márcia vai construindo sobre a cobertura jornalística da tragédia traz consigo experiências anteriores de pesquisa midiática. Não se trata de construir um texto focado especificamente no incêndio de Santa Maria a partir do lugar de fala de uma santamariense, mas de usar o repertório já existente em análise jornalística na observação do caso em questão. Entende-se, assim, que o papel de Márcia como pesquisadora vem à tona, em trechos que evocam o sensacionalismo e a qualidade das fontes.

O recurso dos depoimentos dos testemunhos também é usual na cobertura de catástrofes. “Eu puxava os corpos. Enquanto puxava um, sentia alguém segurando minhas pernas” (Época, 04/02/2013). O trecho em si não pode ser considerado sensacionalista, afinal trata-se do relato de uma experiência real. A principal especificidade do testemunho no jornalismo é o relato de uma vivência radical ou situação- limite. (...)

O testemunhador ascende à condição de fonte jornalística não pelos seus capitais (culturais, sociais, econômicos). Quem fala, o faz a partir de sua experiência e não a partir de seu capital. O que torna alguém fonte nestas condições é justamente sua expropriação. Se é no testemunho que muitas vezes o jornalismo se humaniza, também é por intermédio dele que se pode espetacularizar ou descontextualizar um relato jornalístico. (AMARAL 2013).

Corroborando com o uso desse repertório adquirido com análises anteriores, está a citação de um autor consagrado em Jornalismo e estudado nas pesquisas acadêmicas, Adelmo Genro Filho, e também a abordagem a partir de termos característicos das teorias do Jornalismo, como “enquadrar”, “apuração”, “mediações sociais” ou “apreensão crítica da realidade”.

Márcia não escreve uma reportagem para o jornal, mas analisa academicamente a cobertura midiática. Nesse sentido, a docente destaca seu lugar de pesquisadora ao assinar o texto como “Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Pós-doutora pela Universitat Pompeu Fabra (Espanha), Líder do grupo de pesquisa Estudos de Jornalismo (CNPq), Pesquisadora do CNPq, autora do livro *Jornalismo Popular*”.

Esse texto, que tem caráter mais analítico que informativo, poderia ter sido postado originalmente no Facebook, mas encontrou no ambiente virtual um espaço para difusão pós-publicação. Claro que o Facebook já é reconhecido por postagens mais curtas, mas queremos destacar a diferença na profundidade das reflexões realizadas por Márcia no artigo para a mídia impressa, em relação as suas postagens no Facebook. Parece que os fluxos comunicacionais nas redes sociais ainda não produzem espaços reservados à produção intencional de conhecimento.

Em relação à postagem do artigo, foram realizados 20 comentários; dentre eles, estão vários elogios e lembranças de ex-alunos, também a observação de Márcia de que o texto foi “Dedicado a ex-alunos que participaram da cobertura em tempo real. Ananda Müller, Cristiano Magrini e outros”.

Destaca-se a observação de um ex-aluno, Cristiano Magrini, que dá ao artigo o status de aula: “O que temos aqui não é um artigo: é uma aula de jornalismo. Que honra ter o seu acompanhamento durante a graduação como tutora, professora e orientadora. Obrigado pela lembrança.”. Demarcamos, com essa observação, que os comentários realizados na postagem não abrem discussão sobre o tema analisado ou as críticas desenvolvidas por Márcia, mas tratam especialmente das interações que esses usuários mantêm ou mantiveram com a docente

em outros circuitos institucionalizados, como a universidade.

Percebemos, então, um enfoque maior à circulação de produtos e relações já estabelecidos em outros circuitos do que a criação de circuitos próprios ao Facebook. Isso fica claro, ainda, quando analisamos as interações entre falas acadêmicas e perfis amadores. Destacamos, mais uma vez, que ao falar de amadores não enfatizamos um usuário do Facebook que ignora saberes acadêmicos ou práticas de meios de comunicação de massa; ao usar tal categoria pretendemos simplesmente diferenciar tais usuários de especialistas na área, até porque acreditamos que seja impossível falar de sujeitos completamente alheios a qualquer saber sobre as mídias. Além disso, ressaltamos que os perfis considerados amadores, nesse caso, são em sua maioria profissionais de outras áreas – Direito, Psicologia, Filosofia, etc.

A observação da interação entre especialistas e amadores permite inferir também o destaque à relação em si e não à produção do conhecimento. Contudo, existe nessa interação a circulação de saberes em Jornalismo e surpreende, de certa forma, a maneira como os amadores discutem questões midiáticas mencionadas.

Em 12 de fevereiro de 2013, Márcia enunciou: “Boquiaberta: vi um programa ontem chamado Mulheres Ricas⁸⁶. Patético, deprimente, ridículo. Como somos passivos ao permitir coisas assim na televisão brasileira? Como deixar aquelas mulheres abrirem a boca em rede nacional? O que dizem, pensam e fazem são ofensas para a maioria da população.”, em postagem no Facebook (**Figura 30**).

Parece claro que adjetivos como “patético”, “deprimente” ou “ridículo” não cabem em textos científicos confeccionados em espaços acadêmicos, contudo seu uso faz emergir uma série de teorias sobre as quais Márcia constrói sua crítica midiática – a superficialidade, a espetacularização, o sensacionalismo, etc.

⁸⁶ Mulheres Ricas é um seriado que está em sua segunda temporada, veiculado pela Rede Bandeirantes de Televisão. Em sua descrição do Programa, o site da Banda enuncia: “Em sua segunda temporada, “Mulheres Ricas” já causa burburinho na casa da família brasileira. Seis mulheres ricas e suas rotinas repletas de luxo, glamour e comportamentos imprevisíveis, prometem despertar muitos sentimentos. Há quem as ame, mas também há quem as odeie, e acredite, isso pode acontecer até entre elas mesmas. Menos ostentação e mais conflitos pessoais, é esta a proposta do diretor, Diego Pignataro, para o retorno das ricas.”. Disponível em: <http://mulheresricas.band.uol.com.br/o-programa.asp>. Acesso em: 04 de junho de 2013; 14:00.

Figura 30: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre o Programa Mulheres Ricas, em sua página pessoal no Facebook.



Márcia Franz Amaral
12 de fevereiro de 2013

Boquiaberta: vi um programa ontem chamado Mulheres Ricas. Patético, deprimente, ridículo. Como somos passivos ao permitir coisas assim na televisão brasileira? Como deixar aquelas mulheres abrirem a boca em rede nacional? O que dizem, pensam e fazem são ofensas para a maioria da população.

Curtir · Comentar · Compartilhar 👍 19 💬 7

Luciana Carvalho, Carla Torres e outras 17 pessoas curtiram isso.

Cristiano Magrini Segunda temporada, se não me engano...
12 de fevereiro de 2013 às 07:37 · Curtir · 👍 1

Lu Chami Ontem nao tinha nada p ver na TV, acabei vendo um pouco dessa porcaria, tbém.
12 de fevereiro de 2013 às 07:53 · Curtir · 👍 1

Felipe Dagort É deprimente.
12 de fevereiro de 2013 às 08:26 · Curtir · 👍 1

Gledes Bisognin Granetto Granetto Ai eu me pergunto. que público é este?
12 de fevereiro de 2013 às 09:07 · Curtir · 👍 1

Darlen Cruz O pior é que essa droga tem audiência!! Caso contrário não teria a segunda temporada!! Eu vi uns 2 cap da primeira.... Vergonha alheia!!
12 de fevereiro de 2013 às 09:19 · Curtir · 👍 2

Carla Torres Semana a semana, vejo muitos comentários aqui no face de pessoas que veem justamente pelo grotesco que é. Acham engraçado e reproduzem muitas das "pérolas" aqui. O problema é que, assim como esses, QUANTOS deixam seus televisores ligados ORDINARIAMENTE naquele canal,

Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

A postagem em questão gerou sete comentários, realizados em sua maioria por profissionais da comunicação e ex-alunos de Márcia, e chamou nossa atenção certa paridade nas teorias acionadas por especialistas e amadores nesses comentários (ainda que amadores não usem termos técnicos da área).

Consideremos, por exemplo, o comentário de uma fisioterapeuta: “O pior é que essa droga tem audiência!! Caso contrário não teria a segunda temporada!! Eu vi uns 2 cap [sic] da primeira.... Vergonha alheia!!”. Ela critica o programa afirmando que, mesmo ruim, existe uma audiência que se mantém fiel e que levou o programa a sua segunda edição. No mesmo sentido, segue o comentário de uma doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal

do Rio Grande do Sul: “Semana a semana, vejo muitos comentários aqui no face de pessoas que veem justamente pelo grotesco que é. Acham engraçado e reproduzem muitas das "pérolas" aqui. O problema é que, assim como esses, QUANTOS deixam seus televisores ligados ORDINARIAMENTE naquele canal, dando audiência para aquilo?!”.

A equivalência dos dois comentários permite inferir que a fisioterapeuta entende a lógica do consumo midiático e, portanto, discute a rotina dos meios de comunicação ainda que não os tenha estudado na academia; ela propõe questões que não foram discutidas até ali, como a relação entre audiência e programação televisiva de má qualidade, e não é possível mensurar em que medida suas colocações se oferecem como problema social para a pesquisa acadêmica ou são já resultados da circulação desta – via interações em outros circuitos.

Da mesma forma, em 15 de fevereiro, Márcia compartilha um artigo da Revista Época, introduzido pelo comentário “Mais pontos de vista sobre a cobertura do caso Kiss. Só acho que não dá para generalizar nem as críticas nem os elogios.” (Figura 31).

Figura 31: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre pontos de vista na cobertura do caso Kiss, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

A postagem gera dois comentários, além da complementação de Márcia indicando o texto a um aluno e a uma professora de Comunicação da UFSM.

Inicialmente, a própria Márcia comenta sua publicação chamando a atenção de dois outros acadêmicos para o texto: o graduando Reinaldo Guidolin e a docente Viviane Borelli. Os demais comentários são proferidos por uma ex-aluna de Jornalismo da UFSM, que corrobora com a observação de Márcia, dizendo: “Bom ler isso. Eu concordo que apesar de alguns exageros houve tb [sic] seriedade e bom jornalismo no trato da tragédia”, e por outro docente do Centro de Ciências Naturais e Exatas da UFSM, João Carlos Gilli Martins, que observa “Ao ler este texto eu me dei conta de algo que o senso comum não questiona porque lhe é alheio: o discurso também se põe pelo não dito...”.

Vejam os comentários de Márcia e do docente de Ciências Naturais e Exatas, aqui, traz à discussão uma questão ainda não debatida na página de Márcia Amaral: a produção de sentidos que acontece também sobre o que a mídia não questiona e não trabalha na cobertura da tragédia na boate Kiss (o “não dito”). Poderíamos ver, a partir daí, alguma discussão entre especialistas e o amador em questão, problematizando o silêncio midiático; contudo os comentários se encerram na observação desse docente de outra área. Não há diálogo para a construção coletiva do conhecimento, mas foca-se na emissão de falas que expressam opiniões pessoais sobre o assunto, sem aprofundamentos.

Em outro momento, ao denunciar o sensacionalismo do jornalismo da Rede Record, Márcia enunciou: “Gente, tem um programa ao vivo na Record e o apresentador está falando da tragédia em Sta [sic] Maria em meio ao gelo seco. É um absurdo.”. A postagem (**Figura 32**) originou 14 comentários que davam conta de críticas à Rede Record de Televisão e seus diretores. Esses comentários foram realizados, em sua maioria, por perfis acadêmicos, indicando interações já existentes em circuitos estabelecidos fora do Facebook, como a universidade.

Embora a postagem tenha gerado um número considerável de comentários, a exemplo da publicação explorada anteriormente, não observamos neles uma cadeia de problematizações, muito embora valha a observação de que a postagem gera interações entre especialistas e amadores.

Figura 32: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre programa da TV Record, em sua página pessoal no Facebook.

Márcia Franz Amaral
28 de janeiro de 2013

Gente, tem um programa ao vivo na Record e o apresentador está falando da tragédia em Sta Maria em meio ao gelo seco. É um absurdo.

Curtir · Comentar 👍 1 💬 14

Maria De Lourdes Da Silva Santos curtiu isto.

Rosana Cabral Zucolo o que é isto???!!!
28 de janeiro de 2013 às 11:12 · Curtir

Márcia Franz Amaral Liga pra ver.
28 de janeiro de 2013 às 11:13 · Curtir

Márcia Franz Amaral Agora.
28 de janeiro de 2013 às 11:13 · Curtir

Felipe Viero Kolinski Machado É. Tenso.
28 de janeiro de 2013 às 11:14 · Curtir

Bárbara Henriques só vendo pra crer mesmo professora. a q ponto chegamos...
28 de janeiro de 2013 às 11:14 · Curtir

Willian Fernandes Araújo Não mantenho nenhum respeito por estes profissionais!
28 de janeiro de 2013 às 11:14 · Curtir

Rosana Cabral Zucolo Inacreditável!!!
28 de janeiro de 2013 às 11:16 · Curtir

Gabriela C. Gelain que horror.
Ver tradução
28 de janeiro de 2013 às 11:18 · Curtir

Debora Cristina Lopez o fim isso...
28 de janeiro de 2013 às 11:38 · Curtir

Tatiana Vargas tenho vergonha de algumas criaturas da área da comunicação. aqui em Portugal, as imagens foram fortes, apontaram culpados de uma forma confusa. desabei ao ver imagens da minha terra com tamanha tristeza.
28 de janeiro de 2013 às 12:22 · Curtir · 🔄 2

Janine Toma Ponte Grande exemplo este dos seguidores do "grande" bispo Macedo e o pior que tem muita gente que não é gaúcho se divertindo com isso, incluindo um deputado palhaço.
28 de janeiro de 2013 às 12:28 · Curtir · 🔄 1

Débora Dalla Pozza Também vi, mas não me aguentei e desliguei a televisão assim que pude. Ainda recriava um espaço de "pub", sentado em pufs e com mesas de bar no entorno. Completamente lamentável, desnecessário e apelativo!
28 de janeiro de 2013 às 12:32 · Curtir · 🔄 2

Maria De Lourdes Da Silva Santos Isso e a Record pura apelação, e para o Edir ficar cada vez mais rico.
28 de janeiro de 2013 às 12:38 · Curtir · 🔄 1

Angela Felippi O espetáculo começou...
28 de janeiro de 2013 às 21:05 · Curtir

Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

Dentre os comentários acadêmicos para a postagem, destacamos a observação de uma discente de Comunicação da UFSM: “Também vi, mas não me aguentei e desliguei a televisão assim que pude. Ainda recriava um espaço de "pub", sentado em pufs e com mesas de bar no entorno. Completamente lamentável, desnecessário e apelativo!”; esse comentário foi complementado pela professora de Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Ângela Felippi: “O espetáculo começou...”, em alusão às coberturas que seguiam a da Record evocando os elementos mais dramáticos da tragédia. Vê-se, aí, a menção de um conteúdo bastante presente no espaço acadêmico de Jornalismo: o sensacionalismo sob o qual a mídia aborda fatos da realidade, visando obter audiência.

Muito já se produziu em saberes sobre essa espetacularização de eventos pela mídia e percebemos que os comentários seguem essa noção, contudo sem problematizá-la em profundidade; é como se os conceitos já fizessem parte de um discurso da sociedade e, assim, não seria necessário explicá-los ou questioná-los. Essa espécie de “senso comum” sobre o sensacionalismo midiático é corroborada na observação do comentário de uma seguidora de Márcia formada em Direito, logo, amadora: “Isso é a Record pura apelação, e para o Edir ficar cada vez mais rico.”, em que, ao abordar “isso é a Record”, a usuária reduz a ideia de espetacularização e sensacionalismo presentes em outros comentários no pronome “isso”.

Ainda que não exista uma cadeia de problematizações nos comentários referidos, percebemos o estabelecimento de um espaço em que amadores e especialistas dialogam de maneira informal e trazendo quase que os mesmos elementos analíticos para a discussão. Essa interação heterogênea, de acordo com Raquel Recuero, é própria da sociedade em rede.

Com isso, temos o surgimento de conversações em rede, práticas coletivas, onde a conversação é acessível a diferentes grupos, interconectados dentro de uma mesma rede, cuja infra-estrutura está proporcionada pelos sites de rede social. Vemos essas conversações em todo o lugar: são aquelas que transcendem os grupos e espalham-se pelas redes, seja através das práticas comunicativas características das ferramentas (como "curtir" ou "dividir" uma conversação com a rede no Facebook, retuitar uma informação para sua rede no Twitter e etc.) (RECUERO, 2013, p.02).

Contudo, destacamos aqui uma ênfase maior nos sujeitos e suas representações do que na “infra-estrutura das redes sociais”. O que queremos salientar é que a rede social em si não provoca circuitos próprios, mas funciona como um espaço em que fluxos comunicacionais são estabelecidos em relação aos circuitos que já existem na sociedade. Outra postagem, de 29 de janeiro de 2013, exemplifica com precisão essas práticas comunicativas que preservam certa ordem institucional (**Figura 33**).

Figura 33: Postagem de Márcia Franz Amaral sobre suas aulas, em sua página pessoal no Facebook.



Fonte: Print screen da página de Márcia Franz Amaral no Facebook

A postagem em questão caracteriza-se em um desabafo de Márcia como docente, evocando questões concernentes ao ensino do Jornalismo. Essa postagem gerou 14 comentários e 64 curtidas, sendo que os comentários revelam o diálogo entre a professora, seus amigos, alunos, colegas e ex-alunos – e cada usuário, aqui, colabora com relatos de sua experiência fora do ambiente virtual.

Os egressos de Jornalismo lembram cenas que presenciaram na cobertura da tragédia e os professores de Comunicação avaliam essa cobertura. Tattiana Teixeira, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pondera “acho que devemos ser mais generosos com a imprensa. não dá para generalizar nem tampouco esquecer da enorme dificuldade que este tipo de cobertura encerra.... claro, os profissionais ruins existem, mas não

é só na imprensa.... ”, com o que Márcia, mais tarde, concorda e complementa: “Concordo, Tattiana Teixeira. Há boas coberturas, entretanto, elas devem ser a regra. Nossos ex-alunos, recém formados, Ananda Muller, Cristiano Magrini e Viviana Fronza, por exemplo, fizeram o possível e o impossível no domingo pela manhã. É muito problemático cobrir um fato como este e em "tempo real", mas há também uma coleção de maus exemplos. ”. Vejamos que, aqui, certa ordem institucional é preservada: Márcia fala de seu lugar de docente sobre suas aulas e, em comentário, cita ex-alunos; então, outra docente comenta. Contudo, os diálogos são empreendidos sem continuidade, entre diferentes usuários.

Percebemos, por exemplo, que Márcia interage com Tattiana acerca da qualidade das coberturas midiáticas, mas o diálogo perde continuidade quando Viviane Borelli acrescenta o tema fontes oficiais à discussão: “Todos esperávamos que a fonte oficial falasse diretamente, sem intermediários.”. Os comentários expressos nesses exemplos demonstram um mesmo grupo de discussão – professoras de Comunicação – trazendo planos diferentes de observação, sem que necessariamente esses planos dialoguem. A discussão sobre a pauta em questão – a qualidade da cobertura midiática – dá lugar, então, a desabafos pessoais, porque o espaço oferecido por Márcia para a discussão pode ser usado a critério do usuário e não sob seu controle.

E da mesma forma que a docente Viviane acrescenta novo ângulo à discussão, uma bacharel em Direito também agrega um novo tema a partir de seu mundo jurídico: “Pois é Márcia Franz Amaral, com o diploma de jornalista no entulho⁸⁷, a tendência é só piorar.”. Infere-se, a partir dessas observações, que mesmo não sendo da Comunicação, a usuária entra na discussão com propriedade, incluindo informações até então não cogitadas, e o faz a partir de suas “ressonâncias ideológicas”. Mas não se forma, ali, um texto coeso de crítica jornalística, prevalecendo expressões fragmentadas.

É esse o sentimento que permanece em todas as postagens comentadas: chega um momento de reflexão – não muito profundo - em que a discussão se esvai e dá lugar a outra publicação, outro assunto, outra problemática. Dois fatores podem estar relacionados à dispersão dos comentários: 1) os fluxos comunicacionais ali estabelecidos funcionam em relação a experiências externas e de acordo com a temporalidade de cada usuário⁸⁸, por isso 2) a coabitação dos comentários de amadores e especialistas sobre o Jornalismo evoca elementos

⁸⁷ A usuária se refere à queda da exigência do diploma de graduação em Jornalismo para o exercício da profissão, outorgada em junho de 2009 pelo Supremo Tribunal Federal.

⁸⁸ Os fluxos comunicacionais são acionados pelos usuários em tempos diferenciados - não em uma constante temporal, como o são as conversas presenciais cotidianas. Cada usuário comenta as publicações ao iniciar seu perfil na rede, o que pode acontecer muito tempo depois de a postagem ter sido realizada. Dessa forma, a obrigatoriedade de uma resposta adequada à questão proposta pelo perfil original cai por terra.

acadêmicos e elementos da vida prática.

Portanto, as análises realizadas no período entre 27 de janeiro e 28 de fevereiro de 2013 permitem inferir que o Facebook não forma por si só circuitos comunicacionais; mas, da página no Facebook de Márcia Franz Amaral emergem fluxos comunicacionais que respeitam certa ordem institucional e que, ao mesmo tempo, proporcionam o encontro de atores diferenciados em discussões sobre Jornalismo.

Márcia é mulher, mãe⁸⁹, docente, cidadã, e todos esses papéis incidem sobre suas interações na página. É interessante perceber justamente a maneira como essas relações docente-docente, docente-discente, docente-egressos, via Facebook, se dão em fluxos heterogêneos, porque são informais, mas respeitam certa ordem institucional, porque revelam conexões profissionais e de amizade e, principalmente, porque se oferecem também como insumo para diálogos com amadores.

Os temas abordados, contudo, são tratados nesses fluxos com certa efemeridade – diferente do tempo acadêmico e semelhante ao tempo midiático – a partir do que é possível imaginar que o Facebook enquanto ferramenta esteja sendo acionado mais como lugar de relação e circulação de saberes do que necessariamente produção deles.

Nesse sentido, a academia continua sendo o ambiente que oferta – em seus circuitos – tempo e espaço para a compreensão das lógicas midiáticas em sua totalidade – mas não podemos afirmar em que medida os fluxos comunicacionais fora dela são 'insumos para' ou 'resultados de' debates acadêmicos sobre o Jornalismo, justamente porque há indícios de que as ações acadêmicas acompanham os debates sociais – em maior e menor grau de avanços sobre eles.

4.3 Circulação de debates sobre a mídia em Mídiação

A partir dos exemplos explorados nas seções anteriores deste Capítulo 3, percebemos que alguns circuitos acadêmicos se reproduzem no ambiente virtual, de forma que seus fluxos em pouco se diferenciam de práticas institucionais da e na universidade. Por outro lado,

⁸⁹ Em 06 de fevereiro de 2013, em provável referência a seu filho adolescente, Márcia enunciou: “Absurdo nosso sistema educacional que exige que um jovem de 16 anos já tenha que definir seu futuro profissional e escolher estratégias para alcançar o que supostamente "escolheu". #unidunitê”. A discussão, aí, se refere ao sistema educacional brasileiro, principalmente no que concerne ao ensino fundamental e médio. Nos comentários, ex-alunos de Márcia lembram suas decisões precoces e amigos aconselham consultoria psicológica à família. É interessante a constatação de que, embora a postagem seja exclusivamente de conteúdo familiar, também colegas de profissão e ex-alunos curtem a publicação; o fato revela certa liberdade de alunos e ex-alunos em conhecerem a vida privada da docente e opinarem sobre ela.

existem fluxos que fogem às práticas universitárias, colocando em relação amadores e especialistas na discussão sobre Jornalismo; estes fluxos acontecem, principalmente, quando os espaços virtuais se propõem como lugares heterogêneos, em que os usuários acabam por ter contato com publicações mesmo sem interesse direto no assunto, via rede de relacionamentos.

De certa forma, essas relações entre amadores e especialistas revelam certa paridade quanto ao teor das críticas midiáticas – paridade que não conseguimos caracterizar como consequência das pesquisas em Jornalismo ou insumo para elas. Entendemos que saberes em Jornalismo circulam e que vemos suas concretizações dentro e fora dos muros acadêmicos – em fluxos mais ou menos formais.

Vejam os caso da circulação da entrevista com um dos sócios da boate Kiss, Elissandro (Kiko) Spohr, veiculada no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão no domingo, 03 de fevereiro de 2013. Ao introduzir a matéria, o jornalista Zeca Camargo enunciou que se tratava de uma entrevista realizada via celular pelo próprio advogado do empresário, Jader Marques, em resposta a perguntas enviadas pelo Fantástico. Então a entrevista se sucede com a realização da pergunta, lida em off por Zeca Camargo, a resposta de Kiko Spohr, e posteriores comentários do advogado. A duração da reportagem veiculada pelo Fantástico é de seis minutos e quinze segundos.

Na mesma noite, o advogado de Kiko Spohr, Jader Marques, postou parte do depoimento do empresário em sua página do Facebook, com a seguinte introdução:

Já que o Fantástico faz edição das imagens, **lá vai a íntegra!** A imprensa não pode trabalhar pela condenação de uma pessoa, escondendo o seu lado dos fatos. Kiko Spohr é uma vítima deste Estado ineficiente que só nos enxerga como pagadores de impostos! Na hora do sofrimento, diante da dor profunda da perda, fica difícil perceber que Kiko era um jovem amigo dos seus amigos e que nunca imaginou que pudesse acontecer esta tragédia. São 6 vídeos, mas o programa de forma cretina, faz edição para que não haja chance de as pessoas terem contato com ser humano que está sendo acusado. Compartilhem, por favor! JM (grifos nossos) (JADER MARQUES, Facebook, 03 de fevereiro de 2013, 21h25).

Em três dias, a postagem de Jader alcançou 5137 compartilhamentos e mais de 20 comentários. O vídeo postado continha apenas três minutos e cinquenta e cinco segundos, e se tratava do trecho em que Kiko Spohr, chorando, falava de sua dor em ter a vida destruída depois da tragédia, sem saber o que dizer aos pais das vítimas. Os demais trechos da entrevista não foram postados pelo advogado, e alguns usuários se dão conta disso, solicitando a exibição da entrevista na íntegra e mencionando que a postagem no Facebook se

trata de mais uma edição. Ou seja, enquanto Jader critica o Fantástico por editar a entrevista, selecionando trechos que interessavam à reportagem, também ele diz enviar a íntegra do texto quando, na verdade, posta apenas o trecho em que Kiko fala de sua dor. O advogado demonstra, assim, certo domínio teórico e prático sobre construção discursiva da realidade por meio de edições em audiovisual.

Além desse domínio de Jader, interessa perceber também alguns fluxos derivados da entrevista e que demonstram o domínio de teorias do Jornalismo por amadores. Por meio de comentários divulgados na postagem de Jader no Facebook, empreendeu-se uma discussão que é frequente nas disciplinas que trabalham a relação entre Comunicação e Direito.

Concordo contigo Jader! também acho o Kiko uma vítima do Estado, mas isto não dá direito dele mentir em dizer que nunca teve pirotecnia e superlotação na casa! isto só traz mais revolta e indignação para todo mundo! os estudantes de SM estão revoltados com estas declarações que ele vem dando, estão se sentindo abandonados por ele que sempre se mostrou amigo de todos! (LUCIANA, advogada, 03/02/2013, 21h48).

A galera ta revoltada com um cara que ta dando declarações sob pressão com um **quarto poder (mídia)** e hospitalizado??!! Estas pessoas não merecem ser intitulados ESTUDANTES, para ser estudante tem que ter inteligência e sensibilidade, o que pelo jeito não estão demonstrando!! Ele tem parte da culpa, mas não é pressionando o cara no hospital que vão resolver o problema ou conseguir argumentos, respostas coerentes!!! (JULIAN, consultor jurídico, 03/02/2013, 21h54 - grifos nossos).

Entendo todo o teu trabalho como defesa. Também sou defesa em um processo de um fato típico nada simpático aos olhos da sociedade. Nesses casos a melhor arma é o silêncio.. Pois por mais que no caso ele seja inocente **a mídia já deu sua sentença**. O que interessa agora é o processo, "discutir" só nos autos. Abraços e boa sorte... (PATRÍCIA, advogada, 03/02/2013, 21h56 - grifos nossos).

Discutir só nos autos, sem aproveitar a mídia social da internet para ajudar o cliente, com todo respeito, mas é um grande equívoco. **A internet está com uma força barbara que vai mudar o rumo de muitas atividades**, principalmente ramos da comunicação. (JULIAN, consultor jurídico, 03/02/2013, 22h06 - grifos nossos).

Acho que não. O espetáculo da mídia está feito. E sempre foi assim e nos advogados sempre reclamamos a mesma coisa e a mídia sempre faz novamente. **O negocio é cortar o que alimenta o espetáculo**. (PATRÍCIA, advogada, 03/02/2013, 22h22 - grifos nossos).

Pra que MP?!? Pra que juízes!? A própria mídia acusa e julga!! Não aguento mais **a forma doentia como a mídia vem explorando a fatalidade** que aconteceu em Santa Maria!! Quanto desrespeito!!! Quanta exploração!! (DYAN, estudante, 03/02/2013, 22h24 - grifos nossos).

Não é em SM, é no mundo DYAN. **Procure por um filme: "O QUARTO**

PODER" (JULIAN, consultor jurídico, 03/02/2013, 22h33 - grifos nossos).

Os termos grifados indiciam um domínio não apenas sobre as práticas midiáticas, mas também sobre questões relevantes no debate sobre elas; embora esses usuários não tenham relação direta com uma formação acadêmica em meios de comunicação, seus debates simulam discussões empreendidas em disciplinas das graduações de Jornalismo. Se o Jornalismo, a exemplo da definição de VEYNE (2008, p.12) para a História, “seleciona, simplifica, organiza, faz resumir um século numa página”, também a audiência se dá conta disso.

Em frases como “a mídia já deu sua sentença” ou “declarações sob pressão com um quarto poder (mídia)”, os usuários colocam em circulação seu entendimento de que a mídia mais que informar está julgando, condenando. Essa discussão reside também em disciplinas do currículo de Jornalismo, tais como Teorias do Jornalismo, Introdução ao Jornalismo, Comunicação e Direito, dentre outras. É comum, inclusive, que o filme citado pelo consultor jurídico Julian – O Quarto Poder⁹⁰ - seja assistido e debatido em sala de aula. Nesse sentido, é como se Julian atuasse como um professor de Jornalismo, solicitando que o aluno procure pelo filme para entender a questão do agendamento midiático.

Podemos inferir que esse saber do consultor jurídico deriva de um conhecimento acumulado em práticas midiáticas e/ou da circulação de saberes sobre Jornalismo na sociedade – por meio de circuitos mais ou menos formais e de maior ou menor qualidade.

Não podemos equiparar o enunciado que antecipa um compartilhamento da charge de Latuff no Facebook sob a legenda “Lamentável” ou “Sem sentimentos é pouco” com a proposição de Julian no caso da entrevista de Kiko Spohr. O consultor jurídico vai além de clichês ou de frases que são diretamente apontadas - em um processo quase que denotativo - na própria charge. O consultor reflete sobre a importância da Internet na divulgação de fatos que ajudem a compor a opinião pública sobre o caso da tragédia em Santa Maria; recomenda também que os demais usuários, com quem debatia no Facebook, assistissem ao filme O Quarto Poder, para entender a lógica sensacionalista dos meios de comunicação. Ou seja, Julian não se restringe a emissão de um comentário qualquer, mas analisa os processos midiáticos, ainda que não utilize termos técnico-acadêmicos para isso.

Podemos assumir que, em grande parte, a qualidade das falas, das criações, dos produtos que circulam na sociedade depende das características e da

⁹⁰ O Quarto Poder é um filme norte-americano, de 1997, que retrata a história de um repórter de televisão, em decadência, que acompanha o protesto de um segurança de museu por seu emprego e faz disso um palco midiático.

qualidade dos circuitos nos quais circulam. Não se trata apenas (e talvez nem principalmente) de competências individuais dos criadores e produtores. Na continuidade histórica, os produtos gerados em qualquer tipo de circuito dependem dos processos interacionais que estimulam essa produção, assim como da qualidade da recepção e da pós-circulação desses produtos. (BRAGA, 2012c, p.52).

A partir da exposição do autor, entendemos que a qualidade dos circuitos nos quais atuam os sujeitos interfere em sua percepção acerca dos produtos midiáticos. Em uma consideração hipotética, poderíamos inferir, por exemplo, que Julian enquanto consultor jurídico já participou de debates informais sobre a relação entre a autonomia do Direito e a heteronomia midiática⁹¹. Desses debates resultaram suas posições acerca da importância da Internet na composição da opinião pública, bem como as relações que empreende entre essa relevância e o filme citado. Enquanto isso, sujeitos que comentam simplesmente “Lamentável” em uma postagem do Facebook podem fazê-lo sem que necessariamente tenham refletido sobre a atuação dos meios de comunicação de massa na cobertura de tragédias, mas simplesmente porque percebem essa leitura na própria charge enunciada. Os circuitos a que os sujeitos estão expostos são diversificados e o nível de sua inscrição neles também.

Ainda assim, cabe salientar que, em uma sociedade em midiatização, dificilmente um sujeito ficará fora de qualquer circuito que trata de uma questão tão agendada quanto à tragédia em Santa Maria e, a partir disso, os comentários sobre ela são ações garantidas na circulação social do tema. Percebemos, então, que o fluxo comunicacional é sempre “contínuo e adiante”, tal como expõe Braga.

Após a apropriação dos sentidos de uma mensagem qualquer, seus receptores podem sempre pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, independente de um retorno imediato, segue adiante, em processos diferidos e difusos. Eventualmente, no conjunto da circulação e pelo embaralhamento cultural dos múltiplos circuitos, as idéias, proposições, imagens, posições polêmicas e tendências expressas se reforçam, se contrapõem, desaparecem ou retornam. O “retorno” que consideramos relevante, nesse nível, é o do circuito ampliado e não a volta imediata ao ponto de partida. (BRAGA, 2012c, p.49).

Para Braga (2012c, p.44/45), “um dos motivos principais para “criticar a mídia” é justamente a presença, nesta, de modos conservadores, padronizados, superficiais ou

⁹¹ Refere-se à autonomia jurídica o sistema de coerência interna sob o qual o Direito tem o poder de fazer cumprir as leis. Já à heteronomia midiática referimos o sistema de forças e tensionamentos internos a que o Jornalismo está exposto na publicação de notícias.

tendenciosos para tratar determinadas questões sociais de interesse geral”. É sobre esses modos que os sujeitos debatem, porque se acostumaram ao consumo midiático, souberam observar seus padrões e, hoje, diante de uma formação mais frequente de circuitos informais, menos padronizados, e de fluxos experimentais - que entretanto ocupam lugares diversos e com presença marcante na sociedade - podem colocar em circulação, com maior difusão, esses saberes. Aliás, a sociedade pode ser considerada em midiatização justamente quando e porque seus sujeitos dominam as lógicas midiáticas e, mais que isso, as dominam a ponto de debater com tranquilidade sobre elas, independentemente do estabelecimento de relação direta com saberes institucionalizados na área – porque entendemos que relações indiretas com saberes acadêmicos e profissionais em Jornalismo façam parte da rotina de uma sociedade em midiatização.

As revisões empreendidas no Capítulo 2 permitem observar que os circuitos acadêmicos continuam privilegiando fluxos que ignoram a presença do amador em discussões sobre o Jornalismo – o que se confirma quando vemos que revistas virtuais e portais acadêmicos funcionam entre pares e que, mesmo no Facebook, as discussões acadêmicas se restringem a grupos fechados. Não falamos, assim, em midiatização da pesquisa, mas tão somente em ampliação de espaços de trocas entre pares acadêmicos.

Por outro lado, as análises realizadas neste Capítulo resultam nas observações de que

1) fluxos comunicacionais entre especialistas e amadores são acionados quando falas acadêmicas circulam em espaços heterogêneos, como as redes sociais.

Muito embora 2) não podemos mensurar em que medida esses fluxos não previstos pela academia contribuem na elaboração de críticas por amadores,

3) entendemos que essa complexa rede de conexões que se forma via Facebook deixa marcas de que as críticas midiáticas circulam socialmente.

Falamos, nesses casos, de fluxos comunicacionais ainda dispersos e experimentais, por isso atribuímos aos circuitos acadêmicos o tempo e o espaço de compreensão das lógicas comunicacionais em sua totalidade. Em tempos de midiatização, no entanto, não há como mensurar rupturas entre o que seria essencialmente da ordem “dos insumos para” e o que seria da ordem “dos resultados das” críticas acadêmicas.

[Capítulo 5]

Conclusões

A observação dos casos escolhidos para análise, nessa tese, se deu no intuito de elaborar o fenômeno da circulação de saberes em Jornalismo na sociedade em midiatização, estudando principalmente a relação entre circuitos mais estabelecidos e fluxos comunicacionais ainda tentativos de prática e crítica jornalística.

Ao fim de nossas observações, percebemos uma paisagem que se constitui pela relação entre circuitos que a sociedade legitimou e outros fluxos comunicacionais que ela empreende também a partir do que aprendeu com esses circuitos. Em específico sobre saberes em Jornalismo, parece que a prática de agendamento do debate social continua sendo função de grandes meios de comunicação de massa, bem como ainda cabe aos circuitos acadêmicos a compreensão dos processos de Comunicação em sua totalidade. Contudo, fluxos comunicacionais de prática e crítica jornalística têm intensificado a circulação de saberes em Jornalismo, de maneira que processos tentativos incidem sobre os fazeres desses circuitos mais estabelecidos.

Buscando aprofundar nossas observações sobre essa paisagem que fica a partir das análises, dividimos esse Capítulo de conclusões em quatro partes: uma primeira que discute inferências acerca do Jornalismo praticado na sociedade em midiatização; uma segunda parte que se dedica às pistas sobre a circulação da prática e da crítica em Jornalismo; uma terceira seção que trata do pensamento acadêmico na área comunicacional e que trabalha, então, algumas preocupações que originaram essa tese; e, por fim, considerações sobre a paisagem revelada pelos estudos aqui conduzidos.

5.1 Da ordem do Jornalismo

A revisão teórica da fundação de circuitos sobre o Jornalismo no Brasil permite

verificar que as práticas, funções e características textuais do jornalismo moderno brasileiro se constituem no interior dos grandes meios de comunicação de massa, iniciando pelas práticas impressas e, em consequência, se atualizando nos fazeres das mídias eletrônicas – rádio e televisão. Quando falamos de mídias que se caracterizam pela divisão em duas principais instâncias – produção e recepção –, enxergamos circuitos que funcionam com a atribuição específica de papéis: aos produtores cabe a missão de informar os receptores que, mesmo não passivos, têm limites na apropriação das informações recebidas. Esses limites, nessa sociedade dos meios, parecem ser mais da ordem da interpretação do que da midiaticização, ou seja, os receptores interpretam as mensagens de acordo com suas experiências e expectativas, e trabalham então essas interpretações junto a seus pares, como previa a teoria do duplo fluxo comunicacional de Paul Lazarsfeld & Elihu Katz (1955).

Acontece que esses receptores, pela prática de consumo e interpretação das mensagens dos meios, foram desenvolvendo um domínio sobre as lógicas midiáticas. Ora, para conquistar e manter públicos, os grandes meios construíram padrões de comunicação e o exercício deles, em determinado momento, se tornou apreensível pelos consumidores. Seria pouco provável que um século de exercício de textos opinativos, informativos, de entretenimento, etc, nada tivessem ensinado às audiências atenciosas. Sem contar ainda que muitas práticas midiáticas são desvendadas em discursos autorreferenciais – que encontram espaços próprios em programas como o Vídeo Show⁹², desde a década de 1980.

Essa audiência que reconheceu os fluxos comunicacionais dos grandes meios como circuitos, aprendeu suas lógicas e, hoje, ajudada pelo acesso facilitado à informação, encontra maneiras de exercitar não só a interpretação como também a realocação de informações e, cada vez menos rara, a própria produção de conteúdos. Claro que os níveis de complexidade e alcance dessa apropriação por parte do que considerávamos antes essencialmente audiência são diversos – e é justamente por causa dessa diversidade que se mantém a importância dos grandes meios de comunicação no agendamento do debate público.

Percebemos, na análise dos observáveis dessa tese, esses diferentes níveis de apropriação e realocação das notícias, do “aprender participando”. Observamos, na análise do caso De Tudo na Net, que Caio Portela exercita um certo fazer jornalístico – ancorado principalmente nas estratégias textuais que a mídia tradicional construiu para o texto jornalístico. Portela consulta fontes, trata de marcas referenciais que caracterizam a narrativa ancorada na realidade, apresenta textos icônicos sobre os casos relatados, e diz que faz

⁹² Vídeo Show é um programa da Rede Globo de Televisão que estreou em março de 1983 com o intuito de recuperar os principais momentos da televisão brasileira e que, há décadas, revela os bastidores da mídia.

jornalismo. Em contrapartida, Eduardo Guimarães não se intitula jornalista e nem afirma que seu texto seja jornalismo e, ainda assim, trabalha os mesmos referentes textuais de Portela, e faz mais: analisa criticamente o que é veiculado em outros meios de comunicação. Ou seja, Eduardo Guimarães não só produz notícias, como faz circular em veículo próprio (o Blog da Cidadania) as notícias produzidas pelas grandes mídias, “corrigindo-as”. Vemos então, aí, dois modos diferentes de produção de fluxos comunicacionais em relação à prática jornalística: o exercício da produção de notícias (no De Tudo na Net) e o exercício de produção e realocação de notícias (no Blog da Cidadania).

Embora esses casos exponham complexidades diferenciadas na produção de conteúdos, ambos trabalham a partir de táticas semelhantes aos grandes meios de comunicação. Mesmo o exercício da cidadania, apontado por Eduardo Guimarães, não difere da construção discursiva de outros meios. Revistas semanais como a *Época*, a *Veja*, ou outros jornais diários mais analíticos, também criticam o discurso midiático de seus concorrentes, e afirmam estar realizando “esclarecimentos” para a audiência. Contudo, seus discursos não são isentos de posicionamentos políticos, partem da própria instância midiática e tem um propósito político, social, econômico. Da mesma forma atua Eduardo Guimarães; embora sem articulação clara com um grande grupo midiático, o que faz é expressar críticas às notícias tendenciosas formando, assim, um posicionamento que também é particular, endereçado e interessado.

Embora com alcance - e quem sabe até legitimidade - diferente dos grandes meios de comunicação de massa, Portela e Eduardo Guimarães fazem Jornalismo, a partir de práticas e táticas que aprenderam observando os grandes meios. Perceber isso demanda explorar, então, de que se trata esse Jornalismo realizado por não-jornalistas, ou seja, por quem está fora de grandes meios de comunicação de massa e não é graduado na área. Pois bem, esses amadores alcançaram as lógicas dos circuitos midiáticos, reproduzindo suas práticas discursivas em plataformas não encircuitadas ou gerando circuitos experimentais (sites e blogs conduzidos por amadores). A função de recepção, que era restrita à interpretação das mensagens dos meios, em tempos de midiatização ganha novas articulações, porque os amadores têm alternativas para difusão de conteúdos – o domínio de tecnologias da comunicação, que já foi motivo de poder dos *media*, permite hoje que os amadores ultrapassem a oralidade e coloquem em circulação suas próprias produções de sentido. Dessa forma, percebemos que o Jornalismo reside também em outros espaços não previstos por Adghirni & Pereira (2006), pois não se trata de blogs sobre Jornalismo e sequer de blogs conduzidos por jornalistas produzidos pela grande mídia; falamos de fluxos comunicacionais organizados por amadores

que constroem suas próprias narrativas sobre o mundo.

Se casos como o de Portela e Eduardo Guimarães revelam discursos que se aproximam das práticas midiáticas, temos outros tantos exemplos de ordem mais tentativa e, por vezes, recondicionadora dos próprios meios de comunicação. É o caso do Global Voices, comunidade de blogueiros que publicam narrativas sobre o que acontece ao seu redor, reproduzindo-as a princípio no site do Global Voices e, a partir disso, pautando grandes meios de comunicação no mundo todo. As experiências narrativas dessa comunidade de blogueiros diferem, em vários aspectos, das grandes produções midiáticas: seus produtores são independentes e, por isso, falam de assuntos por vezes não tratados (ainda) nos grandes meios; eles escrevem sobre o que mais os incomoda em relação aos seus países e as experiências que lá vivenciam; há possibilidade de construções narrativas coletivas sobre um mesmo tema, abordando diferentes ângulos; os textos produzidos, em sua maioria, trazem informações e depoimentos que não obedecem condicionamentos de espaço – fala-se do que e quanto se considera apropriado falar.

Em menor grau de organização, amadores também colocam em circulação informações relevantes para o nosso entendimento sobre o mundo em suas páginas pessoais nas redes sociais – oferecendo, muitas vezes, furos de reportagens ou indícios não alcançados pelas coberturas midiáticas. Diante da iniciativa desses amadores em produzir suas próprias narrativas sobre o mundo, os meios de comunicação de massa criam reações como a adoção de práticas colaborativas nas redações, de maneira que os amadores possam enviar seu conteúdo para ser publicado com o aval – e a audiência – dos grandes meios. Ou seja, verificamos que a circulação de saberes práticos sobre o Jornalismo, na sociedade em midiatização, relaciona circuitos institucionalizados a fluxos comunicacionais não previstos por esses circuitos, mas que os constituem, atualizam e reformulam.

Quando Portela constrói narrativas sobre o cotidiano de Júlio de Castilhos/RS e região, quando Eduardo Guimarães critica as matérias veiculadas em grandes meios, trazendo à tona dados não apresentados por eles, ou quando os blogueiros do Global Voices ou usuários de redes sociais produzem seus próprios conteúdos, escolhendo temas diferentes da grande mídia para compor a agenda de debate social, estão, na verdade, produzindo e ao mesmo tempo se inserindo em uma sociedade em midiatização. As práticas desses amadores permitem que vejamos além da centralidade dos meios, porque observamos processos que derivam dessa centralidade, mas criam também o que Fausto (2010) chama de “zonas de indeterminação” – onde potencialidades discursivas são geradas e onde ocorrem tensões entre o que se conhece – os circuitos – e o que estamos explorando – as ações tentativas.

Essas disputas de sentido compõem e configuram os espaços de midiaticização, justamente porque não podemos apontar exatamente o que faz parte dos circuitos e o que está fora deles – vejamos as intrigas entre a ESPN/Brasil e os jornalistas que emitiram opiniões no Twitter. Falamos, então, de articulações entre circuitos e fluxos que nem sempre são amigáveis, até porque, muito embora os meios de comunicação encarem a necessidade de atualização e de adaptação de suas rotinas diante de processos tentativos de amadores, não é sua pretensão abrir mão do poder que exercem sobre o agendamento do debate social – faz parte da lógica dos meios buscar o controle sobre esses fluxos comunicacionais. Nesse sentido, permanecem nos meios de comunicação, enquanto instituições, resquícios das lógicas de campo, de quando o controle discursivo sobre outros fazeres estava sob sua égide. Em contrapartida, os amadores oferecem suas lógicas tentativas, formando fluxos que existem fora dos meios de comunicação de massa – mas ainda em relação a eles.

5.2 Da ordem da circulação da prática e da crítica jornalística

Quando pratica jornalismo, mesmo sem experiência acadêmica ou inserção profissional em redações, o amador exerce uma prática sobre a qual é também capaz de refletir. Vejamos que tanto Portela quanto Eduardo Guimarães refletem sobre os processos que executam, não atuam apenas por intuição: Portela diferencia, com certa propriedade, os textos informativos do texto de editorial, e aponta como processo de confecção de uma notícia as etapas principais de “apuração e redação”; Eduardo demonstra domínio sobre certas teorias do Jornalismo quando fala que a Folha de São Paulo usa dados de pesquisas em favor de seus posicionamentos políticos, “construindo a realidade”. É quase impossível segmentar, nesse sentido, saberes de ordem prática e saberes de ordem reflexiva - toda a prática social em jornalismo traz consigo certo nível de reflexão sobre essa prática, sobre a ética e a estética do Jornalismo.

Acerca do domínio de amadores sobre saberes de ordem prática e reflexiva em Jornalismo, destacamos dois principais eixos: (a) a sociedade dos meios condicionou os saberes que os amadores fazem circular sobre o Jornalismo; e (b) a circulação de especialistas em espaços não acadêmicos produz insumos sobre críticas midiáticas na sociedade.

Em relação ao primeiro eixo, lembramos que a sociedade dos meios se baseava nos *media* como gestores dos discursos de outros campos sociais. Na medida em que esses campos foram se acostumando ao controle discursivo dos meios de comunicação, passaram

também a apreender suas táticas de controle. Os campos sociais – como a Medicina, a Psicologia, o Direito, etc – viram por décadas o agendamento de seus temas à mercê dos *media*; tiveram que aprender, então, a dialogar com os grandes meios e, nessas interações, compreenderam as táticas midiáticas. Por isso, hoje, vemos profissionais de diferentes áreas criando seus próprios espaços de conversação com o público. No desenvolvimento dessa tese presenciemos diversos exemplos que caracterizam esse fenômeno: Xavier (2013) fala da consulta psi na mídia; o advogado Jader Marques edita uma narrativa midiática buscando sensibilizar o público para a inocência de seu cliente; e outros tantos amadores comentam com propriedade casos midiáticos que estudamos na academia.

Quando falamos na pesquisa em Comunicação, portanto, dificilmente podemos enquadrar o que faz parte de um dito “senso comum” e o que pertence já a um mundo teórico-acadêmico. O que observamos, com certa tranquilidade, é a existência de críticas à atuação das mídias em fluxos diversos, e não somente derivadas diretamente de circuitos acadêmicos.

Nesse sentido, e tratando já do segundo eixo de compreensão sobre a circulação de práticas sociais em relação ao Jornalismo, verificamos diversos espaços de circulação da crítica jornalística fora dos circuitos tradicionais de ensino, pesquisa e extensão universitárias. O que se percebe, a partir da análise desses espaços de circulação – a constar, observatórios e redes sociais – é certa mistura entre lógicas de circuitos e fluxos, justamente porque os especialistas acostumados às lógicas dos circuitos circulam também em ambientes menos formais, conduzindo fluxos comunicacionais junto de amadores.

Quando analisamos, então, o Observatório da Imprensa nas diversas plataformas em que atua, vemos que a presença de pesquisadores de Jornalismo nas redes sociais produz interações diversas. Os acadêmicos não estão cerrados na academia, mas interagem com outros sujeitos em circuitos diferenciados, da mesma forma, os amadores participam de circuitos diversos e se veem em interação. Os Observatórios, assim, parecem configurar um desses espaços de articulação e tensionamento entre processos e circuitos distintos.

Percebemos que amadores interagem nas plataformas do Observatório da Imprensa tecendo comentários a partir de referentes semelhantes aos que pesquisadores de mídia usam em sala de aula (como a busca incessante da mídia por culpados em tragédias e a falta de precisão na apuração de matérias). Esses amadores, no entanto, emitem comentários de seu lugar de fala, relacionando os temas debatidos a sua área de formação ou a leituras de mundo que fazem por meio de jornais e do que vivenciam. Os advogados que comentam a publicação de Jader Marques, por exemplo, empreendem uma discussão sobre o que deve ou não ser divulgado ao público por ocasião de um processo judicial, buscando responder a questão:

“deve-se investir na opinião pública ou restringir provas às sessões de julgamento?”. Aqui se vê referência a discussões jurídicas realizadas por ocasião da disputa entre os campos jurídico e midiático: no caso, trata-se do debate sobre a heteronomia do campo midiático em relação à autonomia do Direito, já abordado em trabalhos acadêmicos. Em outros exemplos, no entanto, os amadores parecem falar de uma experiência que é mais prático-reflexiva do que teórica – vejamos os comentários que criticam o sensacionalismo televisivo por ocasião da tragédia na Kiss, em que as críticas são reflexões mais dedutivas ou indutivas.

Analisando esses casos, e percebendo incontáveis outros exemplos, entendemos que saberes sobre as práticas jornalísticas não são exclusividade de instâncias acadêmicas, não residem apenas em manuais de grandes meios de comunicação ou em rotinas produtivas no interior das redações. Saberes sobre Jornalismo circulam na sociedade de maneira cada vez mais intensa, desde que a sociedade tem oferecido suas práticas comunicativas como produtos a serem consumidos e, sobretudo, quando vem acelerando essa oferta.

Sejam quais forem as expectativas e experiências que os amadores trazem para o debate sobre a mídia em observatórios ou redes sociais, percebemos interações que representam já uma bagagem construída no consumo de meios de comunicação e na participação de circuitos e fluxos diversos; além disso, entendemos que esses espaços apresentam potencialidades de interações nas quais as teorias acadêmicas sejam colocadas em teste e mais insumos sejam produzidos para a crítica jornalística de amadores.

Justamente por isso interessa considerar a Comunicação como área de estudos acadêmicos, e não como ciência normal, porque procuramos entender, em nossas pesquisas, esses processos que acontecem também à revelia de conhecimentos já instituídos na sociedade (pelas práticas profissionais e/ou teorizações acadêmicas). Não “devolvemos conhecimento” à sociedade, mas tentamos incansavelmente compreender seus processos tentativos que, por vezes, burlam os conhecimentos já circuitados em Comunicação.

5.3 Da ordem do pensamento acadêmico

A hipótese inicial de trabalho era a de que os resultados das pesquisas em Comunicação - quando de acordo com objetivos sociais - não retornavam à sociedade externa à universidade, circulando estritamente entre os próprios investigadores; e, dessa forma, nos parecia que as pesquisas em pouco contribuía ao desenvolvimento social.

Um primeiro avanço em relação a essa hipótese se deu no sentido de considerar que a pesquisa em comunicação não acontece de forma isolada da sociedade, dentro da universidade. A comunicação, em tempos de midiatização, é ainda mais a prática de relações sociais pela e para a sociedade. Nesse sentido, os estudos que realizamos na academia nada mais são do que a busca de compreensão teórica sobre fluxos comunicacionais apreendidos do social. A partir da academia, não devolvemos conhecimento científico à sociedade, tomamos dela objetos (fluxos e circuitos comunicacionais) e buscamos compreendê-los à luz de nossas teorias – que são ainda breves, efêmeras, até porque a forma de se fazer comunicação também o é.

Dessa forma, a reflexão acadêmico-profissional não se coloca à parte da reflexão prático-social, mas ambas funcionam mutuamente na sociedade, de maneira que não possamos, inclusive, separar o que é próprio da academia senão olhando para seus circuitos já institucionalizados. Quando estudamos fluxos comunicacionais não previstos em circuitos, enxergamos uma mistura de saberes, em que amadores falam com propriedade sobre comunicação, ao mesmo tempo em que especialistas empreendem contatos pessoais, debatendo sobre a mídia.

Acerca disso, vale ressaltar que os fluxos comunicacionais não previstos em circuitos funcionam muito sob a lógica da dispersão, justamente porque em redes sociais, por exemplo, o usuário gerencia sua página, mas não tem controle total sobre os comentários ali realizados. Vimos que as discussões sobre a qualidade da cobertura midiática da tragédia na boate Kiss, via página de Márcia Franz Amaral no Facebook, se misturava a desabafos pessoais, a convites para participações acadêmicas, a orientações de pós-graduação. Essa dispersão acontece justamente porque as relações estabelecidas fora dos circuitos não são fixadas quanto à pertinência ou tempo das interações - os comentários ali estabelecidos funcionam de acordo com a temporalidade e experiência de cada usuário e, assim, naqueles espaços, coabitam diferentes expectativas.

Essas interações realizadas em fluxos comunicacionais são dispersas porque não fazem parte de circuitos muito estabelecidos, claro, mas isso não significa que os circuitos já existentes não possam ou não devam se apropriar desses espaços em seu favor. Dizemos isso pela percepção de que os espaços de debate nas redes sociais poderiam, por exemplo, ser mais bem aproveitados pelas pesquisas acadêmicas – no intuito de discutir resultados e sondar objetos junto de amadores. Percebemos que os espaços ocupados pelos fluxos comunicacionais são ricos em permeações que possibilitam testar nossas pesquisas e, mais que isso, sentir os objetivos sociais em relação a elas – até porque os circuitos acadêmicos

fora da universidade não tem demonstrado eficácia na interação pesquisadores/amadores, além de propiciarem mais a divulgação de textos do que o debate efetivo entre os pares.

Em sites de revistas acadêmicas, circuitos de pesquisa e ensino se reproduzem no ambiente virtual e as interações são restritas aos pares também nos Grupos de Facebook – onde acadêmicos trocam convites para eventos e/ou publicizam suas obras. Não falamos, nesses casos, em mídiatização da pesquisa, mas tão somente em ampliação de espaços de trocas entre pares acadêmicos. Por outro lado, existem fluxos que colocam em relação amadores e especialistas na discussão sobre Jornalismo; estes fluxos acontecem, principalmente, quando os espaços virtuais se propõem como lugares heterogêneos, em que os usuários acabam por ter contato com certos debates mesmo sem interesse direto no assunto, via rede de relacionamentos. Na maioria das vezes, é a presença de especialistas nas redes sociais – e não propriamente de textos acadêmicos – que faz emergir esses fluxos comunicacionais de interações diversas. E, claro, essas interações contribuem para a formação de consumidores atentos às lógicas das mídias. Entendemos, assim, que a mídiatização das pesquisas em Comunicação encontra maior representação nas interações entre especialistas e amadores, via redes sociais, do que na circulação de textos acadêmicos via Internet.

Quando falamos em internetização da pesquisa, por exemplo, queremos destacar que os espaços que nossos textos acadêmicos ocupam no ambiente virtual são de caráter mais repositório do que dialógico. Claro que, a partir das leituras que realizamos dos textos de nossos pares, empreendemos com eles certo debate. Mas essas relações dialógicas poderiam ser mais bem conduzidas em relação ao diálogo acadêmico, aos tensionamentos e articulações de pesquisa. A partir do uso da Internet, expandimos quantitativamente o nosso acesso a textos de Comunicação, mas continuamos funcionando de acordo com a lógica de campo social – nós, pesquisadores da área, construímos quase que solitariamente nossos textos, publicamos, aguardamos reações (via outras publicações ou debates em congressos), e então replicamos as reações, quase sempre na busca por confirmar nossas teses. Os fluxos dos circuitos acadêmicos, assim, continuam cristalizados.

O que queremos dizer quando abordamos as potencialidades dos fluxos comunicacionais menos enraizados é que acreditamos que o acionamento de processos mídiatizados pode desenvolver circuitos experimentais, para articulações e tensionamentos sobre nossos saberes. Os circuitos acadêmicos já institucionalizados sobre o ensino, a pesquisa e a extensão em Comunicação têm na Internet um espaço de extensão de suas lógicas, e não necessariamente de articulações – como vimos nas experiências de Grupos de Pesquisa no Facebook ou de circulação de textos em revistas e repositórios virtuais. Por outro

lado, as interações empreendidas pelos especialistas, em suas páginas pessoais, trazem certas discussões acadêmicas que se esvaem, em determinado momento, dando lugar a conversas pessoais ou agendamento de outro tema.

Vemos, então, uma lacuna entre o que está cristalizado – os circuitos acadêmicos – e o que ainda é (muito) tentativo – os fluxos comunicacionais em redes sociais. Especialistas, como Márcia Franz Amaral, já conseguem encontrar, nessa lacuna, alguns espaços para debates sobre a mídia – de forma ainda tímida e sem continuidade. É como se o ambiente das redes sociais servisse apenas a questões pontuais de informação e contato, visando à manutenção de circuitos já existentes.

Nesse sentido, a academia continua sendo o ambiente, por excelência, que oferta tempo e espaço para a compreensão teórica das lógicas midiáticas – ainda que não possamos afirmar em que medida os fluxos comunicacionais fora dela são 'insumos para' ou 'resultados de' debates acadêmicos sobre o Jornalismo. Mas consideramos, pela riqueza de temas e experiências midiáticas observadas nas redes sociais, que as interações entre especialistas e amadores compõem um frutífero momento de produção teórica sobre os processos midiáticos.

Nesse sentido, caberia aos circuitos acadêmicos introduzirem em seus espaços já institucionalizados (principalmente grupos de pesquisa e eventos na área) fluxos mais efetivos para interação com amadores. Em relação aos espaços menos formais, iniciativas como o Observatório da Imprensa em suas múltiplas plataformas apresentam boa articulação entre o que é encircuitado – as críticas acadêmicas sobre a mídia – e as experiências de amadores. Essas ações mais direcionadas para a interação entre especialistas e amadores nas redes sociais podem ser aproveitadas pelos grupos de pesquisa em Comunicação, até mesmo como espaço para articulações, tensionamentos e testes dos estudos que desenvolvem.

5.4 Da paisagem que fica

As análises realizadas nessa tese permitem observar uma paisagem de atravessamentos de campos estabelecidos e de tensionamentos entre circuitos e fluxos comunicacionais mais tentativos. Falamos de objetos empíricos que elaboram e explicam o fenômeno da circulação em tempos de midiaticização – que é dinâmico, complexo e fluido.

Percebida essa paisagem de interações tentativas, e também de disputas discursivas, nas práticas jornalísticas, parece impossível reduzir o Jornalismo à atividade de meios de comunicação de massa, como pretendia a sociedade dos meios. E desses atravessamentos

entre circuitos e fluxos emerge uma série de questões sobre o Jornalismo em circulação: Como se constrói hoje certa legitimidade para o discurso jornalístico? De que maneira os meios de comunicação de massa lidam com o papel de mediação dos conteúdos produzidos por amadores? Onde se formam as regras que regem o Jornalismo daqui por diante? Enfim, a elaboração do fenômeno de circulação de saberes em Jornalismo, em tempos de midiatização, mais do que certezas, produz grandes questões a serem trabalhadas, não só no que concerne à prática, mas principalmente sobre os fazeres acadêmicos.

Ao visualizar os circuitos já estabelecidos sobre o ensino e a pesquisa em Jornalismo no Brasil, percebemos de início a tendência à redução das interações entre os próprios pares acadêmicos. De outro lado, Braga (2006) apontava a existência de um sistema social de resposta pouco considerado pela academia – o que foi evidenciado na análise dos observáveis: os amadores não só praticam como também refletem sobre as práticas midiáticas. Nesse sentido, as observações realizadas apontam para a existência de potenciais espaços heterogêneos de diálogo entre especialistas e amadores – como o uso de redes sociais e a inserção de amadores em eventos e publicações acadêmicas. Claro que essas interações demandam uma série de articulações, até porque falamos da relação entre circuitos acadêmicos que já são bem estabelecidos e processos ainda muito tentativos, como os fluxos comunicacionais em redes sociais.

Nessa discussão sobre os fazeres acadêmicos, cabem também questões sobre o papel do professor de Jornalismo diante de processos sociais e fluxos comunicacionais que independem de qualquer saber acadêmico. Se a Comunicação não é ciência, justamente porque não produzimos sobre ela um conjunto suficientemente consistente de teorias para que os objetos sociais sejam testados, torna-se ainda mais difícil ao pesquisador de Comunicação dar conta da compreensão teórica desses objetos complexos e diversos que são os fluxos comunicacionais não regrados, não previstos, e os tensionamentos que ocasionam em relação aos circuitos institucionalizados.

Por isso, e ao fim, emerge das observações realizadas por ocasião dessa tese a certeza de que o docente de qualquer área da Comunicação é um profissional sempre mais desafiado pela atualidade, diversidade, e complexidade dos objetos da área – os processos sociais apreendidos da circulação, em suas singularidades.

[Referências Bibliográficas]

ADGHIRNI, Zelia; PEREIRA, Fabio H. Perfil profissional no ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO**, 7, 2006, São Paulo/SP. São Paulo: ECA, 2006. Disponível em: http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/?page_id=16.

AGUIAR, Katia F. Blog-jornalismo: interatividade e construção coletiva da informação. 2006. In: **BOCCT – BIBLIOTECA ONLINE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Disponível em: <file:///C:/Users/Arquivos/Desktop/aguiar-katia-blog-jornalismo.pdf>.

AMARAL, Márcia Franz. O quase sensacionalismo. In: **Caderno Pensar & Agir**, Correio Braziliense, edição de 23 de setembro de 2013. p.8-11.

ARAÚJO, Nelton S. Imprensa e Poder nos anos 1930: uma análise historiográfica. In: **ENCONTRO DA REDE ALCAR**, 6, 2008, Niterói/RJ. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20e%20Poder%20nos%20anos%201930.pdf>.

ASP, Kent. **Måktiga massmedier: Studier i politisk opinionsbildning** (Powerful mass media: studies in political opinion-formation). Estocolmo: Akademilitteratur, 1986.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARREIROS, Tomas; AMOROSO, Danilo. Jornalismo estrábico: Veja e Carta Capital na cobertura do “Escândalo do mensalão”. In: **Perspectivas de la Comunicacion**, Chile, v.1, nº1, 2008.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.2, p.122-127, mai/ago. 1998.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação a filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

BISTANE, Luciana & BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2008.

BOYD, Danah. M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, Pensilvania, v.13, n.1, p.210-230, dezembro. 2007.

BRAGA, JOSÉ LUIZ. Um conhecimento aforístico. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXIII, 2014, Belém/PR. **XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, Belém/PA: UFPA, 2014.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediações e Mediatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012a. p.31-52.

BRAGA, José Luiz. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro (Orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012b, p. 156-171.

BRAGA, José Luiz. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio (Orgs.). **Las políticas de los internautas – nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012c, p. 43-59.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTIEL, Luis David; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? In: **SCIELO**, São Paulo/SP, v.9, n.2, p.291-314. 2002.

CINQUE, Fernanda. R. & PERIOTTO, Marcília. R. **A liberdade de imprensa, o Correio Braziliense e o processo de formação do Estado Nacional Brasileiro**. 2007. Disponível em: (http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Fernanda%20Regina%20Cinque.pdf).

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: **Cartografias** – website de estudos culturais. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf. Acesso em: 18 de junho de 2013; 15:00.

ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos**. Lisboa: F. C. G.,

1998.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: **COLÓQUIO MEDIATIZACION, SOCIEDAD Y SENTIDO**. Convênio CAPES/MYNCT, Agosto/2010, Universidade Nacional de Rosário, Argentina, 2010.

FERRARETTO, Luis Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Pedro et.al. Mídiação de Processos Sociais na América Latina. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, XXI, 2008, Natal/RN. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0880-1.pdf>.

GUSMÃO, Luís de. **O fetichismo do conceito** – limites do conhecimento teórico na investigação social. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno na fundação da primeira Escola de Jornalismo do Brasil. In: **ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALCAR**, 2004, Florianópolis/SC. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3_b.htm.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2004.

LAZARUSFELD, Paul; KATZ, Elihu. **Personal influence: the part played by people in the flow of mass communication**. Nova Iorque: Free Press, 1955.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2001.

MARQUES DE MELO, José. Os primórdios do ensino de jornalismo. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis/SC, v.I, n.2, p.73-83. 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Teoría/Investigación/Producción en la enseñanza de la Comunicación. In: **Diálogos de la Comunicación**, Cali, n.28, 1990.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete L. Estudos sobre Iniciação Científica no Brasil: uma revisão. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 40, n. 139, p.173-197, jan./abr. 2010.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. A função do agendamento dos media (1972). In: TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

MELLADO, Claudia. Reflexiones sobre la oferta académica, la situación laboral y la formación del periodista en Latinoamérica. In: **Revista de Ciencias Sociales (RCS)**, Venezuela, v.XVI, n.1, p.9-20. 2010.

MENEGHEL, Stela M. A crise da Universidade Moderna no Brasil. 2001. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, 2001.

MIÉGE, Bernard. Espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado. In: **Novos olhares**: revista de estudos sobre práticas de recepção de produtos midiáticos, São Paulo/SP, n° 3, p.4-11. 1999.

NEGRINI, Michele. A condenação no telejornalismo: a apresentação do “Criminoso” no Jornal Nacional e no Jornal da Band. In: **SIPECOM**, IV, 2011, Santa Maria, 2011.

PACIOS, Marilena. et al. Os sites de medicina e saúde frente aos princípios éticos da Health on the Net Foundation – HON. In: **Revista Bioética**, Brasília, v.18, n.2, p.483–96, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo**. 1000 perguntas. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

PHILIPS SURVEY ELETRONICS. **Philips Survey Reveals One in 10 Americans Believe Online Health Information Saved Their Life**. Disponível em: http://www.newscenter.philips.com/us_en/standard/news/press/2012/20121212_Philips_Survey_Health_Info_Tech.wpd#.USVAgaWTx9j. Acesso em: 14 de fevereiro de 2013; 19:00.

RECUERO, Raquel. As Redes Sociais na Internet e a Conversação em Rede. In: **CISECO**, Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/108-as-redes-sociais-na-internet-e-a-conversacao-em-rede> . Acesso em: 22 de junho de 2013; 12:00.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 19.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Questão comunicacional e

Formas de sociabilidades. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Nina. Agendamento e sites de redes sociais: um novo lugar para o cidadão? In: **CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DIVERSIDADES E (DE)SIGNALDADES**, 2011, Salvador. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ninasantos/agendamento-e-sites-de-redes-sociais-um-novo-lugar-para-o-cidado>.

SIMÃO, Livia. M. et al. O Papel da iniciação científica para a formação em pesquisa na pósgraduação. In: **SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO DA ANPPEP**, 1996, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: Anppep, 1996. p.111-113.

SODRE, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. In: **BOCCT – BIBLIOTECA ONLINE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2008. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Coimbra: Edições 70, 2008.

VERÓN, Eliseo. Esquema para la análisis de la mediatización. In: Revista Diálogos de la Comunicacion, Lima, n.37, p.10-. 1997.

VERÓN, Eliseo. **La palabra adversativa, en El discurso político**. Lenguajes y acontecimientos. Buenos Aires: Hachette, 1987.

XAVIER, Monalisa. Em que essa pesquisa pode renovar o olhar sobre a Comunicação e a forma de estudá-la? In: **II ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO**, Natal/RN, 2013.

WOLKMER, Antônio Carlos. **História do Direito no Brasil**. Rio de Janeiro: Forense, 2000 (2ª edição).

ZUCOLO, Rosana Cabral. Universidade: produção e divulgação do conhecimento. In:

FAUSTO NETO, Antonio (org). **Mediatização da Ciência**: cenários, desafios e possibilidades. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p.41-53.

Sites Consultados:

ANIMUS REVISTA. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus>

BLOG DA CIDADANIA. Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/>

DE TUDO NA NET. Disponível em: <http://www.detudonanet.com.br/>

EXTRA. Disponível em: <http://extra.globo.com/>

GLOBO NEWS. Vídeo sobre a tragédia em Santa Maria. Disponível em: <http://globo.tv/globo.com/globo-news/jornal-globo-news/v/incendio-em-boate-deixa-pelo-menos-70-mortos-no-rio-grande-do-sul/2370275/>

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

PORTAL CAPES. Programas de Pós-Graduação. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>

PORTAL GLOBAL VOICES. Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/>

PORTAL INTERCOM. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/>

REVISTA FÓRUM. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/>

Redes Sociais Consultadas:

FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/>

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/>